

Luís Palhano Loiola

**COISAS DIFÍCEIS DE DIZER:**  
as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens

Fortaleza  
Faculdade de Educação da UFC  
Março/2001

Luís Palhano Loiola

**COISAS DIFÍCEIS DE DIZER:**  
as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Nobre Damasceno  
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza  
Faculdade de Educação da UFC  
Março/2001

Ao Manoel e à Expedita, papai e mamãe.

Ao meu amigo Mário (em memória) que nos  
deixou com saudades.

Nós já temos encontro marcado  
 Eu só não sei quando  
 Se daqui a dois dias  
 Se daqui a mil anos  
 Com dois canos pra mim apontados  
 Ousaria te olhar, ousaria te ver  
 Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver  
 Perigoso é te amar, doloroso prazer  
 Somos homens pra saber o que é melhor pra nós  
 O desejo a nos punir, só porque somos iguais  
 A Idade Média é aqui  
 Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer  
 Te amar eu ousaria  
 E você, o que fará se esse orgulho nos perder?

No clarão do luar, espero  
 Cá nos braços do mar me entrego  
 Quanto tempo levar, quero saber se você  
 É tão forte que nem lá no fundo irá desejar...

O que eu sinto, meu Deus, é tão forte!  
 Até pode matar  
 O teu pai já me jurou de morte por eu te desviar  
 Se os boatos criarem raízes  
 Ousarias me olhar?  
 Ousarias me ver?  
 Dois meninos num vagão e o mistério do prazer  
 Perigoso é me amar, obscuro querer  
 Somos grandes para entender, mas pequenos para opinar  
 Se eles vão nos receber  
 É mais fácil condenar ou noivados pra fingir  
 Mesmo que chegue o momento que eu não esteja mais aqui  
 E meus ossos virem adubo  
 Você pode me encontrar no avesso de uma dor  
 (AVESSO – Jorge Vercilo)

## AGRADECIMENTOS

Aos grupos de jovens contribuidores efetivos na realização deste trabalho: os/as jovens da Pastoral da Juventude – Pedra; as turmas dos/das alunos/alunas dos 1<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> anos (2000) do ensino médio da Escola de Ensino Fundamental e Médio Dragão do Mar, turno tarde; os/as jovens do movimento cultural Hip.Hop, Movimento Hip.Hop Organizado do Ceará – MH<sub>2</sub>O<sub>CE</sub> posse Nordeste Consciência Hip.Hop; o Grupo de resistência Asa Branca – GRAB.

À professora Maria Nobre, pelo exemplo de pesquisadora, orientadora e amiga.

Às professora Angela Sousa, Lourdinha Brandão, Sônia Pereira e Lindyr Saldanha, presenças significativas em minha vida acadêmica.

Ao Marcos, da livraria, pela busca de obras/autores para o auxílio nas discussões teóricas e à Gina, pelo repasse das novidades e os estimuladores cafés.

À Fundação Cearense de Auxílio à Pesquisa – FUNCAP, pelo apoio financeiro nesses dois anos.

Ao meu amigo Alexandre Martins, pela divisão dos espaços, as descontrações, a interlocução e o apoio na revisão da redação.

Aos meus amigos Aires Júnior, Alyson Helne, Deda, Elzanir Santos, Gustavo Maciel, Irene Rodrigues, Josberto Montenegro, Leonardo Dantas, Marcelo Mauro, Rômulo Soares e Regina, Sales e todos os outros que participaram de nossos “banquetes”.

Ao professor Luiz Mott da Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela contribuição na Comissão Julgadora do Exame de Dissertação de Mestrado.

Muitos contribuíram na realização deste feito, de formas bastante peculiares, como não conseguirei citá-los um a um, agradeço a todos que continuam compartilhando comigo os prazeres da existência da vida.

## SUMÁRIO

### 1. APRESENTAÇÃO

### 2. – PERCURSOS CONSTRUTORES DE UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO: envolvimento, encontros e trajetórias

Primeiros caminhos: a infância, a família, a igreja e as primeiras escolas

A presença da academia

### 3. – O CHÃO TECIDO PELOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO – processos metodológicos

Os sujeitos e o espaço do grupo organizado

O processo de coleta de dados .

- A inserção nos espaços vividos pelos jovens

- As fases da coleta de dados ..

- a) A caracterização do perfil dos jovens
- b) As observações e o uso do diário de campo
- c) As discussões
- d) Os filmes/debates
- e) A entrevista

### 4. – A HOMOFOBIA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS RELAÇÕES DO COTIDIANO

#### 4.1 Contribuições teóricas .

- Contribuições da religião
- Contribuições bio-psicológicas
- Contribuições sócio-antropológicas
- Contribuições históricas

#### 4.2 A orientação sexual e as relações de gênero

### 5. – PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA HOMOFOBIA: os significados e sentidos dos discursos dos jovens

#### 5.1 Questões conceituais

## 5.2 Os discursos instituídos (o que é normal e o que é anormal)

- Os discursos instituídos na família
- Os discursos instituídos na escola
- Os discursos instituídos na igreja
- Os discursos instituídos nos grupos organizados (relações entre pares)

## 6. – OS PROCESSOS DE DESFAMILIARIZAÇÃO DA HOMOFOBIA .

### 6.1 Ensaio de tolerância

6.2 As evidências do assumir-se gay, dos espaços guetizados e a importância da ação dos movimentos organizados .

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## ANEXOS

## 1. APRESENTAÇÃO

COISAS DIFÍCEIS DE DIZER é uma tentativa acadêmica de dizer, de falar, expressar coisas que, muitas vezes, nos silencia; de falar de desejos, de amor, de sentimentos (e os sentimentos são vários); é um desvelamento das manifestações (discursivas ou comportamentais) do cotidiano do jovens; de manifestações homofóbicas – de rejeição à homossexualidade, mas também de sua aceitação.

Coisas difíceis de dizer são as coisas que tenho para dizer e há muito esperava este momento; são as coisas que os jovens falaram e/ou silenciaram nos debates em seus grupos; são coisas expressadas, muitas vezes num olhar, num gesto, no choro, como faz Jamie (o garoto do filme *Delicada Atração*), ao revelar para sua mãe que “há coisas que são difíceis de dizer”.

Coisas difíceis de dizer são as coisas promulgadas pela ciência, pela religião e que estão em desacordo com a vida; são também, as coisas que a família, a igreja e a escola não tiveram coragem de assumir, omitiram e/ou negaram e continuam nessa lógica.

Coisas difíceis de dizer traduz todo o processo investigativo, as manifestações discursivas e/ou comportamentais apreendidas e os sentimentos decorridos, revelados ou não, neste trabalho – é a homofobia.

É o medo de dizer que tem preconceito com os homossexuais, que os discrimina, não reconhecendo o próprio nome do indivíduo a quem se dirige, chama-o de “veado”, porque é difícil pronunciar o nome, parece exigir uma reflexão. Assim, como é difícil dizer que é homofóbico, como também é muito difícil dizer que é homossexual. Pode-se dizer que é “católico não-praticante”, mas não tem como afirmar que seja “heterossexual não-praticante”, porque não praticar a heterossexualidade implica, nas relações binárias de nossa sociedade, ser homossexual. E ser homossexual, apesar de alguns afirmarem que “está em moda”, ainda continua sendo depreciativo.

Por isso que estas coisas são difíceis de dizer: causam repulsa, rejeição, nojo, indignação, violência, infelicidade; mas também é muito engraçado, principalmente,



quando são apresentadas caricaturas nos shows de humor. Isso também são exemplos dessas coisas difíceis de dizer.

A realização deste trabalho é, não querendo ser muito pretensioso, um exercício da liberdade da fala, da expressão livre no cotidiano dos jovens: nos espaços da escola, da igreja e dos grupos organizados com seus pares. Esse exercício também se realiza com o investigador, porque também enfrentamos algumas dificuldades para dizer e fazer-se dizer estas coisas.

Deste modo, para que se torne mais compreensivo o nosso trabalho, seguimos o seguinte percurso: no capítulo I – percursos construtores de uma proposta de investigação: envolvimento, encontros e os trajetos – damos ênfase a todas as experiências anteriores à construção da proposta investigativa, consideradas contribuidoras nesse processo, como um resgate da memória; o capítulo II – o chão tecido pelos elementos constitutivos da investigação no cotidiano – falamos dos sujeitos investigados, do espaço dos grupos organizados e da escolha metodológica; o capítulo III – a homofobia e a produção de sentidos nas relações do cotidiano – trabalhamos com as contribuições teóricas da religião, da Psicologia, da Biologia, da Sociologia, da Antropologia e da História para explicar como os saberes promulgados por estas abordagens têm produzido sentidos nas relações de gênero e na orientação sexual dos sujeitos; o capítulo IV – produção e reprodução da homofobia: os significados e sentidos dos discursos dos jovens – tendo como base as análises do capítulo anterior, apresentamos a discussão de como os jovens apreendem os saberes instituídos (o que é normal e anormal) e que efeitos, homofóbicos, são reproduzidos em suas relações, como também as reações desses sujeitos na produção de outros sentidos; o capítulo V – os processos de desfamiliarização da homofobia – traz a discussão da tolerância com os homossexuais em nossa sociedade, os ensaios apresentados pelos jovens e o rompimento para a aceitação plena, evidenciando o assumir-se gay, os espaços do gueto e a importância dos movimentos organizados; as considerações finais é uma síntese das discussões realizadas.

Nesta perspectiva, as coisas difíceis de dizer, apresentadas neste trabalho, é um desejo muito singular de colaborar nas discussões sobre a homofobia, contribuindo para a construção de manifestações mais solidárias e humanas.

## **2. PERCURSOS CONSTRUTORES DE UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO: envolvimento, encontros e os trajetos**

### **2.1 Primeiros caminhos: a infância, a família, a igreja e as primeiras escolas**

Tenho seguido uma caminhada, às vezes entre ‘ventos fracos e fortes’, outras vezes, com ‘tempestades’, ‘chuvas’ e, em alguns momentos – muito raros - uma brisa serena paira levemente, tão rápida que um respiro de alívio consome quase todo o seu tempo. Nesse itinerante percalço tenho caminhado num constante devir.

Nasci e vivi minha infância na zona rural dos sertões dos Inhamuns. Brinquei de cavalo-de-pau; de boiada; pega-pega; esconde-esconde; bandeira; jogo de bila; jogo de bola (futebol); de comidinha; papai e mamãe; andei na chuva; corri muito atrás dos animais; montei um burreguinho por muito tempo (até aos oito anos) - como se fosse o meu cavalo; enfim, tive uma infância muito livre, hoje tenho certeza disso. Foi tudo tão natural (espontâneo), como brinquei com os meninos e as meninas. Descobri o sexo nessas brincadeiras, embora muito ingenuamente. Mas, era como se nada impedisse que as coisas acontecessem. Só existia o dia, a noite, as brincadeiras... e as tarefas pareciam brincadeiras; era muito fácil viver. Por outro lado, essas experiências que acabo de relatar de forma muito singular sempre permearam contextos muito contraditórios; afinal, ainda na infância algumas brincadeiras são realizadas às escondidas, por serem reprovadas pelos adultos, pois nestas a excitação do desejo aflora com uma prática transgressora – uma realização do prazer.

Cursei os meus primeiros anos de estudo, até a 3ª série do ensino fundamental, na zona rural. A partir da 4ª série (por volta dos 10 anos de idade) tive que ir para a cidade: um mundo diferente do até então vivido; hora para tudo, principalmente para as brincadeiras; o tempo ficou tão 'curtinho' que quase não brincava – estudava, ia ao colégio e ajudava na venda da mercearia de meus tios. Esse momento, regulado por normas, algo determinado exterior às minhas necessidades, fez-me perceber que as pessoas têm que se comportar dentro de um padrão exigido pelo grupo de pertença e/ou social; meninos e

meninas são levados a exercer funções diferenciadas<sup>1</sup>, a partir de algumas definições que variam conforme uma dinâmica de afirmação para a sociedade. Até mesmo as formas de expressão tomam características já definidas, como por exemplo, os meninos têm que falar grosso num tom de imposição de voz; enquanto que as meninas têm que ser serenas, delicadas. Contrariar essa dinâmica fere os princípios morais, cabendo ao sujeito ‘subversivo’ uma penalidade - um rótulo estigmatizante. E ainda, ter que viver em meio a uma teia de brincadeiras jocosas, entre risos e expressões ‘chulas’, como se o sujeito servisse de graça para os demais.

Comecei a trabalhar, ainda quando cursava o 2º ano do ensino médio, como professor substituto na 4ª série do ensino fundamental numa pequena escola situada na periferia de minha cidade. Ao concluir o curso Normal, com habilitação para o Magistério do 1º grau, dei continuidade em minha carreira profissional com essas atividades.

Trabalhando na zona rural vivenciei atividades docentes da classe de alfabetização à 8ª série do ensino fundamental. Paralelamente, desenvolvi atividades na área de acompanhamento pedagógico até a 4ª série, de modo que sempre estive envolvido com crianças e jovens, numa troca de experiências/saberes que foram constituindo análises reflexivas sobre a vida, as relações humanas e o processo formador dos indivíduos - sujeitos re-criadores de cultura.

Como nasci em plena ditadura militar e vivi minha adolescência em meio ao processo de redemocratização do país, fui atinando para questões sociais (inerentes às relações humanas), como a igualdade, a solidariedade e o respeito pelo outro. Esse emaranhado de relações fez-me perceber a necessidade de agir favoravelmente para o desenvolvimento das pessoas numa perspectiva autônoma e livre, já que o nosso mundo tem nos transformado em criaturas submissas a valores e normas que negam, muitas vezes, a nossa própria identidade.

A tradição de uma família religiosa me oportunizou algumas experiências junto à Igreja Católica. A mais significativa delas foi a participação nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Ali desenvolvi minha formação política, percebi a necessidade do trabalho

---

<sup>1</sup> São exigências relativas a cada momento que se vive no processo de formação, em cada faixa etária – à medida que se cresce, a exigência aumenta, assim se explica como as meninas e os meninos são submetidos

coletivo para a transformação de nossa sociedade noutra mais justa e igualitária – um sonho coletivo tão almejado pela teologia da libertação. Porém, algumas questões referentes à subjetividade não me foram respondidas, a norma institucionalizada na tradução dos “capítulos” e “versículos” proibia várias condutas, mesmo que não ferissem os outros, consideradas como pecados, (e isso era intrínseco à minha sexualidade) ainda assim, havia um discurso diferente da prática, porém tudo ocorria fora da visibilidade coletiva. Não era diferente de outras instituições, como a família e a escola. No entanto, fui me esforçando para compreender “as coisas” mais complexas dessa vida regida, ora por homens, ora por “Deus”.

## **2.2 A presença da Academia**

Durante a minha vida acadêmica, tenho instigado a partir de discussões/reflexões acerca de teorias de desenvolvimento, comportamentais e de educação, alguns significados/representações existentes nas relações sociais do cotidiano das pessoas. De tal modo, que o curso de Licenciatura em Pedagogia, me possibilitou a realização de alguns trabalhos na área de pesquisa, tão relevantes para a minha formação profissional, como os descrevo a seguir:

- Na disciplina Pesquisa Educacional I (95.2) - a elaboração de um esboço de projeto de pesquisa (exigência do curso) com o título de “Homossexualidade: Estigma<sup>2</sup> Escolar”, abordando intenções de investigar as relações pessoais na escola, observando as formas como os sujeitos se relacionam a fim de perceber a concepção predominante sobre a homossexualidade.

Como não era necessário realizar a pesquisa de campo, trabalhei com algumas referências bibliográficas, suporte teórico para compreender as teorias sobre as concepções de homossexualidade e, das relações entre os indivíduos na sociedade. Nesse momento me aproximei dos estudos de Sigmund Freud (1972), ensaios sobre a sexualidade humana e Wilhem Reich (1988, 1995), estudos sobre a economia sexual. Foi uma primeira aproximação teórica sobre a temática homossexualidade.

---

às normas sociais.

<sup>2</sup> Para a compreensão sobre estigma, consultar Goffman (1988).

Dois elementos foram importantes, nesse trabalho: o primeiro se refere à aproximação teórica do tema e, o segundo, diz respeito às observações em relação a elaboração do projeto, mais especificamente ao comportamento do professor orientador da disciplina, com o tema em questão. À priori, não houve nenhuma recusa do professor com o trabalho, porém, no decorrer da disciplina, como era uma disciplina teórica, as preocupações voltaram-se exclusivamente para a organização técnica, como por exemplo, a formatação do trabalho escrito. As considerações emitidas pelo professor não foram nada animadoras para um pretendo início em pesquisa educacional (como a disciplina sugeria); o mesmo considerou o trabalho inútil, muito embora tenha conferido a nota 8,0 (oito), porém, com a seguinte ressalva: “esse trabalho não tem nenhuma importância e/ou necessidade de ser pesquisado, pois sabemos que a homossexualidade é uma doença e não tem cura, portanto, não há porque pesquisá-la”. Essa afirmação veio de encontro com o que havia estudado, pois Hart e Richardson (1983) em sua obra “Teoria e Prática da Homossexualidade” trabalham com as concepções preponderantes sobre homossexualidade no decurso histórico da modernidade, onde não mais é considerada uma anomalia.

Dáí surgiram perguntas como: por que ainda existem pessoas, que se dizem informadas, pensando de forma tão excludente? Será que a dificuldade de se falar nesse assunto dentro da escola está vinculada ao preconceito dos sujeitos envolvidos no processo educativo e, isso pode ser manifestado de formas variadas, até mesmo aquelas mais ocultas? Como isso ocorre de fato? E ainda, o comportamento do professor, referido anteriormente, pode ser considerado como um comportamento homofóbico? Isso aumentou minha curiosidade para aprofundar estas questões.

- Na disciplina Educação e Movimentos Sociais (96.1), como monitor - ensaiei um artigo abordando a homofobia com ênfase aos aspectos ético-morais e culturais.

Essa experiência me trouxe mais tranquilidade acadêmica, a professora me deixou livre para desenvolver o tema e acompanhou todo o processo através de indicações de leitura e questões de aprofundamento. Busquei estudar um pouco sobre a história. Nesse momento, serviram de suporte teórico Foucault (1994) sobre a Antiguidade, abordagem do uso dos prazeres; Richards (1993) sobre a Idade Média, uma incursão sobre as minorias e

ainda; os noticiários da imprensa local, jornal “O Povo”, com ilustração de matérias sobre assassinatos de homossexuais, para que eu pudesse fazer uma análise sobre a construção da homofobia nesse percurso.

Nesse ínterim fui me inteirando, cada vez mais, da problemática da homossexualidade - os preconceitos, a discriminação e os estereótipos - a homofobia, tão presente em toda a história da humanidade. Comecei a perceber que a homofobia, assim como o racismo e o machismo, etc., faz parte de uma construção histórica das civilizações, mediante cada contexto suas formas vão se multifacetando. Ora, mas não pode, a homofobia por si, perdurar nos contextos sócio-culturais sem nenhuma resistência dos sujeitos. Então, se esses sujeitos resistem a estas manifestações, como isso ocorre? Ou, como os sujeitos históricos combatem esses males sociais? Percebi que essas questões perpassam por uma discussão mais aprofundada da homofobia.

- Na disciplina Projeto Especial IV (96.2) - foram estudadas as relações existentes entre os movimentos sociais e a educação, com um trabalho junto ao GRAB - Grupo de Resistência Asa Branca<sup>3</sup>, na perspectiva de conhecer o seu trabalho educativo de desconstrução da homofobia em Fortaleza.

O objetivo dessa disciplina deu continuidade para os estudos até então desenvolvidos. Como havia entrado na discussão das teorias das concepções sobre a homossexualidade; a homofobia na história da humanidade, da Antigüidade aos dias atuais, percebendo como estas se acirraram tanto, a ponto de ser tão truculentas nos dias atuais; fui ver, nesse momento, as organizações sociais existentes, qual o trabalho realizado em função de uma desconstrução homofóbica em Fortaleza.

Para melhor entendimento no decurso deste trabalho, utilizamos o termo homofobia para designar as relações sociais estabelecidas na história da humanidade, sob o crivo da discriminação, dos preconceitos e dos estereótipos aos indivíduos de prática sexual com outros do mesmo sexo - um “arranjo histórico”, consciente que seu aparecimento é da modernidade. Assim, fica entendido que o conceito de homofobia vem posterior ao surgimento dos termos homossexual e heterossexual, surgidos no final do século XIX.

---

<sup>3</sup> GRAB - Grupo de Resistência Asa Branca é uma organização não governamental com finalidade da luta pela emancipação dos direitos humanos e homossexuais e, a prevenção da AIDS.

Estabeleci contato com o GRAB, único grupo organizado existente em Fortaleza. Participei de algumas reuniões, recebi alguns folhetos/manuais informativos. Pude perceber como é delicado trabalhar com a homossexualidade, pois tive alguns receios. No início cheguei até a ficar inquieto em visitá-los periodicamente. Esse trabalho era de dupla, porém, minha colega nunca chegou à sede de funcionamento do grupo.

Percebi como a homofobia está impregnada em nosso corpo e alma e que, em algum momento, o mais inesperado possível, se desvela necessitando muita atenção às nossas próprias atitudes. Contudo, por outro lado, o encontro com o trabalho do GRAB ajudou-me a perceber, também, que homossexual se organiza, tem visibilidade no meio social e luta por seus direitos, como qualquer outra categoria. A recepção do grupo foi de muita atenção, possibilitando a discussão do trabalho desenvolvido. Seminários e debates de temas, como auto-aceitação, cuidados com o corpo e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis; encontros com soropositivos; organização e execução de projetos com entidades governamentais, ou não; manifestações públicas de protestos e reivindicações; produção de vídeos, panfletos e boletins/jornais informativos etc., constituem suas atividades periódicas.

- Na disciplina Seminário II: Educação Sexual na Escola (97.1) - construí um diário de campo, instrumento de análise e pesquisa, refletindo os programas de educação sexual nas escolas, bem como, o papel do educador nesta área.

Esse seminário oportunizou um estudo de trabalhos realizados sobre a história da Educação Sexual no Brasil, como Goldberg (1988), Ribeiro (1990) e Aquino (1997, 1998).

Foi de grande importância, pois me ajudou a compreender como a escola tem trabalhado a educação sexual a partir de uma disciplina, como Biologia ou Ciências Físicas e Biológicas; a ênfase dada ao conteúdo ainda tem se referido muito à função e constituição dos órgãos reprodutores masculinos e femininos; não se discute nada sobre prazer, afetividade e sexualidade, muito embora não sejam elementos separados; por outro lado, há um sentimento de esquisitice (vergonha) muito grande das pessoas para tratar do tema sexualidade – o corpo e seu uso – parece que os mitos e tabus apreendidos pela nossa cultura impedem esse processo de diálogo.

Outro elemento muito importante foi o processo metodológico sugerido pela professora orientadora: leituras, discussão e a construção do diário de campo como instrumento de observação etnográfica, que contribuiu para o relatório final da disciplina, a partir das anotações feitas na hora da aula, das discussões, dos comportamentos/conduitas.

Curioso como as pessoas, mesmo em curso superior, se comportam diante desse tipo de discussão, muitas vezes as aulas foram configuradas por risos; não consegui compreender esse tipo de manifestação: como essas pessoas trabalhariam em sala de aula o tema orientação sexual? Como reagiriam às perguntas e curiosidades expressas pelas crianças e adolescentes?

- Na disciplina Psicologia do Desenvolvimento Aplicado à Educação II (97.2) - o estudo sobre a adolescência desembocou na apresentação do Seminário “Homossexualidade na adolescência: conflitos e desafios”.

Os objetivos dessa disciplina no currículo de Pedagogia voltam-se para o estudo da adolescência. No seu momento de realização, foi exigido um seminário com uma temática de livre escolha; nos agrupamos e, com minha indicação, decidimos estudar a homossexualidade na adolescência. Como já tinha feito outros trabalhos sobre homossexualidade, ficou para uma parte do grupo ver algumas produções sobre o assunto e, a partir disso, realizarmos algumas entrevistas apreendendo relatos de homossexuais.

Conferimos em uma das entrevistas o seguinte relato de um jovem, 23 anos:

*Já havia me descoberto como homossexual desde muito pequeno, por volta dos 6 anos e, não diferentemente da maioria dos outros que conheço, sofria muita discriminação na escola, sobretudo nas aulas de Educação Física. Lembro-me de uma garota que era muito discriminada, também, por ser a menina mais gorda do meu colégio. Aconteceu que um dia ela chegou para mim e me chamou de veado; por orientação da minha mãe, desci as calças e mostrei-lhe minha genitália. Não deu outra, levei um soco, cáí com o nariz sangrando e o ‘pau’ de fora. Ainda fiquei de castigo, sob pena de só entrar no colégio, no dia seguinte, acompanhado do pai ou da mãe. Um outro fato que muito me marcou foi quando me interessei por um garoto da 6ª série: me abri com ele, inicialmente, fez-me entender que havia entendido e topava namorar;*



*convidou-me para passear no pátio da escola e, ao entrar no banheiro notei que havia mais cinco amiguinhos seus se masturbando a fim que eu servisse de objeto. É claro que minhas inspirações românticas desceram 'por água abaixo'! Corri, eles correram atrás, me alcançaram já fora da escola, então, esfregaram meu rosto no chão contra um monte de 'merda' de vaca. No dia seguinte eles espalharam para toda a escola que eu era 'bicha'. Depois disso mudei de colégio. Começara minha luta interior de aceitação.*

Exemplos desse tipo revelam como é conflitante ser homossexual, principalmente na adolescência; haja visto uma série de dúvidas e desconhecimento sobre a orientação sexual; a dependência da família e a relação de identificação nos grupos sociais vividos por esses sujeitos. Não tendo nenhum apoio, quer seja de amigos/colegas, pais, irmãos, ou parentes de um modo geral, como também da escola (professores, diretores, orientadores, etc.), e ainda, de grupo social pertencente, resta ao indivíduo introjetar um sentimento solitário (na maioria das vezes, de culpa), ou uma tentativa de anular seus sentimentos, para fazer jus ao grupo de pertença.

Os estudos de Suplicy (1985, 1995), Vasconcelos (1985), Costa (1986), Cardoso (1996), dentre outros, contribuíram significativamente para uma análise compreensiva dessas condutas.

- Como bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFC - PIBIC - CNPq, durante dois anos (agosto/96 a julho/98), a “Pesquisa Escola e Cultura: Produção Cultural, Resistência e Identidade”, organizado por Damasceno & Therrien (2000).

Esse trabalho possibilitou-me a aquisição de habilidades específicas e necessárias para a pesquisa, haja visto que foi realizado um processo de investigação no contexto escolar - a pesquisa no cotidiano da escola -, de tal modo que aguçou o meu interesse para continuidade dos estudos superiores, o exercício de pesquisar, de apreender a realidade para compreender as relações estabelecidas na vida.

O trabalho metodológico aqui desenvolvido, a partir da divisão do grupo em dois subgrupos de pesquisa, distribuídos em duas categorias centrais, cultura docente e cultura discente, para a investigação, nos levou a uma inserção na vida da escola em função

do aprofundamento da cultura dos alunos, observando suas atitudes/ações/reações e compreendendo as justificativas/razões de tais atitudes arroladas no decorrer da aula e/ou intervalo - hora do recreio, antes e depois da aula, o que tive como indicador de referência para novos estudos.

O processo de coleta de dados seguiu de observações, entrevistas de explicitação e/ou debates. Em uma das entrevistas realizadas com a vice-diretora de uma das escolas investigadas, foi conferido o caso de um aluno homossexual ter desistido de frequentar as aulas porque, segundo ela, “ele não estava no espaço dele”. Ainda afirmou que o referido aluno convivia muito bem com os meninos, porém, não se comportava como deveria ser – ele era homossexual. Para ela, esse aluno poderá ter desistido da escola por “não querer nada mesmo”, ou, porque “se sentiu excluído”.

Dentro desse contexto específico: a escola - espaço regulador das atitudes dos sujeitos, reproduz, mas também, produz cultura e subjetividades onde, por um lado, o currículo define comportamentos, conhecimentos e atitudes; por outro, a voz silenciada dos seus sujeitos recriam as dinâmicas e reconstróem esses conhecimentos e as relações interpessoais; o mundo sistêmico - a racionalidade instrumental toma dimensões diferentes com o confronto do mundo vivido - a racionalidade interativa ou ação comunicativa<sup>4</sup>; fica revelada nas relações dos seus atores, nas relações de poder, a legitimação de alguns conhecimentos e a negação de outros, bem como nas atitudes, e na dicotomia das funções que os mesmos assumem.

- Por último, a pesquisa "Juventude, Sociedade e Cultura: múltiplos olhares acerca das formas de expressão cultural dos jovens", coordenada pela professora Maria Nobre Damasceno.

Nesse trabalho foi feita uma incursão aprofundada sobre a juventude: como os pesquisadores têm abordado essa temática, a relação que se tem feito dos jovens com a família, a religião, a escola, a mídia, a polícia, e a violência. Sendo que a preocupação

---

<sup>4</sup> As categorias de mundo sistêmico - racionalidade instrumental e racionalidade interativa - ação comunicativa são contribuições conceituais de Habermas (1988). “A ‘ação comunicativa’ ou interação é orientada por normas consensuais, com validade para os atores envolvidos na relação, expressando as expectativas mútuas entre os sujeitos. Por sua vez, o trabalho, ou ‘ação instrumental’, é regido por normas técnicas fundadas no conhecimento empírico, voltando-se, portanto, para a realidade objetiva”. (Damasceno & Therrien, 2000: 18)

central desse grupo foi o estudo dos espaços recriados pela juventude, no sentido de resgatar sua cultura, sua identidade, suas atividades políticas, enfim, as suas manifestações culturais.

Os dados coletados indicam, em se tratando da sexualidade e das relações de gênero, a existência de uma conduta muito preconceituosa entre os jovens. Os discursos, em sua maioria, são de aceitação dos homossexuais, porém, exigem um distanciamento dos mesmos; e alguns ainda consideram a homossexualidade como uma tentação do demônio, ficando para a religião o poder de cura.

Considerando a inserção desses jovens na sociedade, sua participação nas instituições família, igreja e escola, que por sua vez ratificam a normalidade social, então nos perguntamos: em algum momento não há nenhuma desconstrução dos valores homofóbicos e quando isso acontece, de que forma? Que tipo de discussão a escola e/ou os grupos de jovens organizados têm propiciado sobre a orientação sexual? Existe algum contra ponto entre o currículo oficial e o vivido pelos sujeitos na escola que contribui para esse tipo de discussão?

Esse conjunto de experiências/saberes vivenciado tem nos impulsionado a uma série de reflexões vinculadas às relações estabelecidas entre os homens e as mulheres que vivem e lutam nesta sociedade pela emancipação humana. É nesta perspectiva que levamos a cabo as discussões/reflexões articuladas em torno dos jovens, da cultura e do cotidiano vivido por esses sujeitos, no sentido de desvelar os preconceitos, mitos e tabus - a homofobia, manifestados nas ações discursivas ou comportamentais.

### **3. O CHÃO TECIDO PELOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO – processo metodológico**

#### **3.1 Os sujeitos e o espaço do grupo organizado**

Estudar as manifestações expressadas pelos jovens, em seu cotidiano, nos tempos vividos no grupo organizado, as expressões não verbais e seus discursos/falas (manifestações discursivas e/ou comportamentais) caracterizadas pela homofobia, é uma busca para compreender como esses jovens têm assimilado os conteúdos/saberes sobre a sexualidade humana em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, como esses saberes são reproduzidos em suas relações com pares e não pares; quais os sentidos atribuídos a esses saberes e quais os significados expressos por esses indivíduos; e ainda, como esses saberes orientam suas condutas (comportamentais) na relação com o outro.

O espaço vivido pelos jovens toma a dimensão de um chão tecido por elementos constitutivos da investigação no cotidiano. Os grupos organizados em suas atividades coletivas, possibilitam a vivência desses sujeitos nas diversas esferas de nossa sociedade. O grupo é o chão constituído dos diversos saberes socializados, podendo assim, contribuir para a solidificação, ou dispersão; para a produção, ou reprodução; para a tradição, ou introjeção do novo. Aqui é reflexivo o que a família, a igreja, a escola e demais instituições socializadoras desenvolvem para a formação das personalidades juvenis; é nesse chão que nos encontramos, investigador e investigados, e confrontamos os nossos saberes nas manifestações expressas através das condutas comportamentais e/ou pela emissão dos discursos. É nesse chão de encontros e desencontros que construímos nossos entendimentos com os outros.

Nesse espaço vivido, no cotidiano desses sujeitos confronta-se a unidade com a diversidade/pluralidade<sup>5</sup>. Enquanto que a diversidade se caracteriza pela atuação organizada

---

<sup>5</sup> Pais (1996: 33), ao estudar a juventude, propõe a definição dos eixos da unidade e diversidade de modo que “como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros). De fato, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase de vida.” A nossa compreensão, neste trabalho, se utiliza destes

dos jovens em grupos (a partir de seus interesses e/ou por determinações exteriores) com atividades específicas: na escola, na igreja, no movimento cultural e no movimento político; ou ainda, quando esses jovens experienciam diversamente dos grupos sugeridos (em momentos diferentes, atividades ora do grupo religioso, ora do grupo estudantil, ora do grupo cultural, ora do grupo político), muito embora não participem em conjunto de atividades de todos os grupos. A unidade se refere à fase vivida por estes jovens, como denomina Pais (1996). Suas atitudes/comportamentos e/ou discursos estão imbricados a uma gama de saberes articulados tanto na diversidade como na sua unidade, e por isso acabam emitindo os valores apreendidos nos diversos espaços vividos. Isso é revelado em suas manifestações expressadas a partir da fala – oralidade e, do corpo – expressividade.

Nesta perspectiva, o cotidiano é compreendido a partir das “experiências e vivências dos indivíduos nos grupos que participam e constroem” seus espaços (André apud Fazenda, 1991). Aqui ocupam duas dimensões: a primeira diz respeito ao espaço organizado exterior às vontades e interesses dos jovens, definido assim como o cotidiano escolar (ibdem) e o segundo, o espaço demarcado pelos grupos organizados a partir de interesses e necessidades coletivas desses sujeitos. Este se caracteriza pelos encontros, reuniões, apresentações culturais, debates, estudos e seminários.

O estudo no espaço do cotidiano escolar torna-se muito rico, haja visto seu papel socializador, perpassando da emissão dos conteúdos à “veiculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano da experiência escolar” (André, ibdem). Pois, nele estão compreendidas as dimensões do currículo formal - instituído pela escola - as disciplinas/programas, a interação da sala de aula - as relações entre os jovens e os professores e as relações entre pares.

A orientação na escolha dos jovens organizados em grupos, como sujeitos para nossa investigação, vem do trabalho desenvolvido em conjunto com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Maria Nobre Damasceno, no estudo “Juventude, Sociedade e Cultura: múltiplos olhares a cerca das expressões culturais dos jovens”. Este trabalho foi

---

conceito para distinguir os jovens como participantes de grupos diferenciados ou participantes de diversos grupos, porém em momentos diferentes (diversidade); a unidade toma o mesmo conceito do referido autor.

desenvolvido com grupos de jovens, estudantes, com atividades consideradas religiosas, com atividades consideradas culturais. Tal pesquisa constou de duas fases metodológicas para a coleta de dados. A primeira, reuniu a opinião de 1180 jovens, estudantes de 11 escolas pertencentes à rede de ensino público, privado e cooperativado da Grande Fortaleza. Esses jovens responderam a um questionário que investigava suas relações dos jovens com a escola, a família, a situação sócio-econômica da família, a ocupação do tempo, os sonhos e expectativas, a ralação com os amigos, as relações nas organizações sociais, participação e cidadania, a religiosidade e o trabalho. A segunda fase delineou-se a partir dos dados obtidos na primeira, de modo que foi trabalhado com os grupos dos jovens organizados: grupos de expressividade religiosa e cultural. Com estes foram utilizadas técnicas de vídeo-clips e debate, aprofundando os temas sugeridos na fase anterior, como sintetizamos a seguir<sup>6</sup>:

- Os jovens expressam suas opiniões sobre o Significado da Juventude, caracterizando-a como uma fase da vida com conflitos e rebeldia; a influência dos amigos, do grupo (grupos religioso/cultural) e a solidariedade são elementos presentes e importantes para o crescimento individual e coletivo;

- Sobre os Sonhos dos Jovens dão ênfase à importância ao estudo, à escola, à educação como arma, luta contra a desigualdade; a luta por um mundo melhor, contra as desigualdades, por trabalho, emprego; a falta de oportunidades; a necessidade de ajudar a família a melhorar de vida, ajudar as pessoas que precisam, como por exemplo crianças e idosos;

- Em se tratando da Convivência Grupal tratam da importância atribuída aos amigos quando estes são apoio nas ajudas, quando estes os entendem melhor, quando estes estabelecem maior confiança; da importância do grupo de jovens, pois é como se o grupo fosse a segunda família; da importância do que fazem no grupo: as reuniões, os encontros, a celebração, a louvação, a música; da importância da participação no grupo e dos valores desenvolvidos neste, como as atitudes, a aprendizagem, a liderança, a amizade; da necessidade de como fazer para aumentar a participação de jovens no grupo, tanto na

---

animação como em outras atividades; das diferenças do nível de compreensão do mundo entre os jovens que participam do grupo e os que não participam; do papel da religião na vida dos jovens, quando ajuda ou atrapalha;

- Ao estabelecerem as relações dos Jovens e as Desigualdades Sociais questionam as causas das desigualdades sociais, a caracterização dessas desigualdades e a relação com a pobreza, o desemprego, a distribuição desigual de renda, como elementos produtores e ao mesmo tempo conseqüências das desigualdades sociais;

- Sobre os Jovens e a Política as discussões ocorrem a partir das concepções expressas das diversas visões acerca da política; da necessidade de se ter consciência política e sua relação com o voto; da participação no grupo de jovem como forma de participar da política; e ainda, da falta de vontade política dos governantes;

- A relação feita com os Jovens e a Família seguiu com a caracterização dos tipos de família na comunidade, enfocando as formas de ajuda ao colega que se encontra com problemas na família, bem como os papéis sociais diferenciados na educação familiar na forma de tratar os jovens e as jovens;

- A problemática dos Jovens e as Atividades de Cultura e Lazer foi discutida a partir da caracterização da situação de lazer para os jovens na cidade; as funções sociais do lazer; o uso do tempo e do espaço; o tipo de lazer, como por exemplo, o futebol; a falta de espaço e de equipamentos para as atividades de cultura, lazer e esporte, seguido de sugestões para a criação de espaço e de equipamentos para tais atividades na comunidade;

- Nas discussões sobre os Jovens e as Relações de Gênero foi identificada a rotina diária feminina e masculina no cotidiano dos jovens, indicando os fatores determinantes para esta; as relações estabelecidas no namoro; as diferenças no tratamento entre os jovens; as diferenças em relação ao que o jovem e a jovem fazem como atividade do trabalho doméstico; as relações estabelecidas no grupo entre os/as jovens; indicadores e sugestões para a saída dos impasses, configuram ainda os discurso de afirmação e negação da diferenciação por gênero;

---

<sup>6</sup> Consultar os relatórios da Pesquisa Juventude, sociedade e Cultura: múltiplos olhares a cerca das expressões culturais dos jovens.

- Sobre a temática dos Jovens e a Sexualidade, estabelecem as relações do sexo e a vida, do sexo com a opção sexual, do sexo com o amor, do sexo com o desejo, do sexo e a prevenção; das concepções de normalidade e anormalidade em relação à homossexualidade, aderindo em alguns casos, como uma prática pecaminosa - coisa do demônio, ou como algo pré-destinado; discutem o preconceito e a tolerância, indicando condutas e posturas nos diferentes grupos para a aceitação plena da homossexualidade.

Dando continuidade ao presente trabalho tomamos como referência os grupos já investigados anteriormente: um grupo estudantil, um grupo religioso e um grupo cultural; acrescentando um grupo político.

Entendemos que o estudo do cotidiano dos jovens no espaço vivido dos grupos organizados, mediante seus interesses, possibilita a compreensão das relações pares destes a partir das afinidades estabelecidas. Isso significa dizer que esses grupos se formam na objetividade de seus interesses comuns, logo, é uma organização de livre iniciativa, suas relações entre pares são baseadas em princípios de igualdades. Diferentemente, o estudo do cotidiano dos jovens no espaço escolar (espaço elaborado por uma ordem exterior aos jovens) possibilita a análise das relações a partir de seus agrupamentos aleatórios; os jovens estudantes não são agrupados em sala de aula por afinidades, nem por interesses comuns, nem baseados em princípios de igualdade, obedecendo uma lógica diferente daquele espaço construído coletivamente por eles. Este espaço é configurado, essencialmente, pela diferença (uma diferença não a partir de especificidades individuais – SER diferente, mas por um conceito, ou nota que os tornam diferentes uns dos outros, ou iguais, também regidos por uma normalidade verticalizada, com ênfase nas relações de poder; os rótulos são distribuídos graciosamente aos indivíduos que não alcançam os objetivos nesse espaço ou, àqueles que não se conformam com o estabelecido, que transgridem a ordem imposta); muito embora, no decorrer do ano letivo, estes jovens recriem outros espaços, formem grupos, mas não de conviver num espaço com mais limitações que os outros criados por eles a partir de suas convicções. Essas características são distintas nos grupos investigados, porém, outras são anunciadas pela própria dinâmica que os jovens constroem no seu cotidiano.



O grupo de estudantes (GE) participante dessa investigação é composto por jovens dos 1<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> anos, das turmas da tarde de uma escola de ensino fundamental e médio da rede pública estadual, localizada no bairro Mucuripe. Alguns desses jovens participam das atividades de suas igrejas (católica ou protestante), como também de atividades culturais e de lazer, como por exemplo, em banda musical, teatro e esportes. O trabalho desenvolvido com estes se constituiu de observações diárias nos espaços vividos na escola (na sala de aula, no pátio, nos corredores, na fila da merenda, na sala de leitura/biblioteca, na quadra de esportes, na sala do grêmio estudantil etc.), e através de discussões a partir de filmes e entrevistas.

O grupo religioso (GR) é composto pelos jovens da Igreja Católica – Pastoral da Juventude – situada no bairro de Messejana. Alguns desses jovens cursam o ensino médio, poucos já cursaram e tentam o vestibular para ingresso na universidade, outros cursam o ensino fundamental. No momento deste trabalho todos participavam de um curso profissionalizante oferecido por uma organização não governamental do bairro, em parceria com o Programa de Capacitação da Comunidade Solidária. Nesse mesmo período o grupo passava por dificuldades, a coordenação, antes só de jovens, passara para uma pessoa adulta da comunidade, havia uma dispersão, alguns já estavam deixando de participar das reuniões. Com estes foram consideradas as atividades de observação das reuniões e as discussões a partir de uma situação extraída da matéria da revista Isto É e de debates dos filmes.

O grupo cultural (GC) é formado por jovens do movimento Hip.Hop. do Ceará, situado no bairro Serrinha. É um segmento de jovens entre 14 e 23 anos, que buscam, organizados em seu bairro, criar espaços alternativos de cultura e lazer. Trabalham com três elementos básicos em seu movimento: o rap (música), o grafite (pintura), o break e o smurf dance (dança). Utilizam-se destes elementos para discutirem os problemas da realidade e fazem seus protestos ao sistema vigente e às autoridades governistas; cantam a paz, ou a não violência e a união das camadas pobres e trabalhadoras; buscam uma outra forma de vida, alternativa coletiva. Ocupam os espaços urbanos, como praças e escolas para desenvolverem suas atividades. Participamos de suas reuniões ordinárias (nos finais de semana) e eventos (apresentações de shows); observamos a dinâmica em suas atividades,

realizamos as discussões a partir de uma situação extraída da matéria da revista Isto É e debate dos filmes.

O grupo político (GP) é uma organização de homossexuais assumidos e travestis, com empreendimento na luta pela defesa dos direitos humanos e homossexuais, bem como à prevenção da vida, contra a AIDS e DST. Sua atuação abrange toda a cidade de Fortaleza e em alguns municípios do Ceará na realização de atividades como projetos de prevenção à AIDS, conscientização da cidadania e sexo seguro. Seus membros são mais diversificados que os dos outros grupos, no que se refere à escolarização e a idade: poucos têm o nível superior, alguns cursam ou já cursaram o ensino médio, outros estão no ensino fundamental e, ainda existem aqueles que deixaram de estudar antes mesmo de terminar o ensino fundamental; a faixa etária varia de 17 a 32 anos. A organização do grupo se dá pelas reuniões ordinárias - reunião geral, com todos os participantes e, reuniões de diretorias; na preparação e execução de projetos de prevenção à AIDS, sexo seguro e outras atividades, como oficinas, seminários e debates. Participamos dos debates em suas reuniões, desenvolvimentos de projetos (atividades de observação) e discussões a partir de filmes.

Esses sujeitos, participantes desse estudo, são jovens possuidores de sonhos como, terminar estudos, se formar e arranjar um bom emprego, viver em seu país com os problemas sociais resolvidos (como desemprego, saúde e moradia), sem discriminação de raça, orientação sexual e nível sócio-econômico. Acreditam na amizade como elemento importante para o crescimento/aprendizagem, individual e coletivo, na vida.

### **3.2 O processo de coleta de dados**

#### **– A inserção nos espaços vividos pelos jovens**

A inserção nos espaços vividos pelos sujeitos de uma investigação é um dos momentos mais importantes e delicados para o andamento do trabalho em curso. É o momento inicial do trabalho de campo – o adentrar no

  mundo do sujeito... – não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele. Trabalha para ganhar a aceitação do sujeito, não como um

fim em si, mas porque isto abre a possibilidade de prosseguir os objetivos da investigação. (Geertz, 1979: 241 in: Bogdan, 1994; 113)

Nesta perspectiva, esses espaços constituir-se-ão no *locus* das tarefas de coleta de dados, através de seu acervo documental ou instrumental, para se trabalhar as relações teóricas/empíricas dos saberes e condutas.

Para tal, se faz necessário alguns cuidados na conduta do investigador, como por exemplo: quem procurar, naquele espaço, para ajudá-lo na inserção, na apresentação aos demais sujeitos e, fundamentalmente, aos sujeitos interessados para a investigação; a forma como vai ser apresentados a proposta investigativa, a seriedade com o trabalho de campo e os saberes em estudo; também, o cuidado demonstrado pelo investigador para com as atividades daquela instituição e/ou grupo, no sentido de não interferir, demasiadamente, na dinâmica *in locus*.

O processo que inicializou o acesso e/ou inserção aos espaços vividos pelos jovens começou, ainda com o projeto “Juventude, Sociedade e Cultura: múltiplos olhares a cerca das expressões culturais dos jovens”, citado anteriormente. Trabalhamos com estudantes, em primeira instância, depois, com grupos de expressividade cultural e religiosa, seguindo um roteiro de visitas às escolas, conversa com a direção (administrativa e pedagógica), para a realização do questionário; explicação detalhada sobre os significados da pesquisa, tanto para a universidade como para a escola. Pois, várias vezes, os sujeitos da escola não entendem sobre os trabalhos de pesquisas que a universidade realiza, muito raro vêem os resultados, não se discute sobre isso e a escola acaba por ser um espaço, um *locus* de estudos acadêmicos sem retorno para a prática educativa. Daí conversamos com os professores: estes, em muitos casos, são os mais interrogados e os menos atendidos, quando em suas atividades docentes. Chegam a afirmar que esses estudos “de nada servem para a escola, a não ser para concessão de títulos aos professores da universidade...” No entanto, apoiaram nosso trabalho e permitiram a nossa entrada em suas salas de aula para a realização da atividade sugerida, a aplicação do questionário com os jovens estudantes. Nesse momento trabalhamos com estudantes de 8ª série – ensino fundamental, dos 1º e 3º anos do ensino médio.

A autorização para a inserção no “mundo dos sujeitos” é fundamental para a realização do estudo, haja visto que

A obtenção da realização para realizar o estudo envolve mais do que uma bênção oficial. Passa por desbravar o caminho para uma relação sólida a estabelecer com aqueles com quem irá passar tempo, de molde a que o aceitem a si e àquilo que pretende fazer. (Bogdan, 1994: 117)

Os resultados do questionário indicaram os grupos que seriam investigados – aqueles que teriam maior expressividade, entre os jovens – com suas atividades culturais. Selecionados os grupos, procuramos estabelecer contato, ainda por telefone com seus representantes, na tentativa de marcar uma reunião para apresentação do projeto. Feito isso, fizemos reunião com todos os grupos, separadamente; em seguida começamos a participar de suas reuniões ordinárias e, quando possível, dos eventos ocorridos (festas e apresentações). Em algumas reuniões quando aparecia um membro que havia faltado às reuniões anteriores, a nossa presença o incomodava; logo dirigia a pergunta: “\_ Quem são esses rapazes aí? O que fazem aqui? De onde vieram?” Então tínhamos que nos (re)apresentar fazendo comentários sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa na universidade.

Com o tempo fomos ficando cada vez mais conhecidos e entrosados com os membros de cada grupo. Em cada lugar, quando nos encontrávamos pela cidade, já não havia mais estranhamento e sempre nos perguntavam pelo restante da equipe ou, pelo andamento do trabalho; ainda nos informavam sobre as novidades do movimento cultural desenvolvido pelo grupo. Em outras ocasiões, quando íamos a apresentações culturais dos grupos, no momento de se cotizarem para pagarem as passagens no ônibus, de volta para casa, a nossa contribuição era solicitada. A cotização era uma atitude comum entre os participantes do grupo e tinha uma conotação de cooperação para as passagens de alguns integrantes que não dispunham de dinheiro – nem o equivalente a uma passagem no ônibus coletivo. Desta forma a nossa relação permitia que isso acontecesse sem nenhum constrangimento para qualquer das partes.

Portanto, na continuidade deste trabalho a inserção efetiva nos espaços do grupo cultural, do grupo religioso e do grupo político, fora concretizado nesses estudos anteriores. Para o grupo estudantil foi necessário reatar os contatos com a escola e com os alunos, pois já havia transcorrido um ano letivo e as turmas não eram as mesmas. Então escolhi uma das escolas que havia sido trabalhada anteriormente, da rede pública de ensino

fundamental e médio, localizada numa região próxima à praia. Esta escolha se deu, principalmente, pela sua localização geográfica, às margens do mar, uma região onde as coisas acontecem mais rapidamente, haja visto uma grande frequência de pessoas de outras cidades, outros estados ou países fazendo o fluxo cotidiano de outras possibilidades e/ou trocas, como contato com outras culturas, costumes, valores, etc.

Como tinha aulas no Programa de Pós-Graduação no turno da manhã, procurei a escola para lá permanecer no turno da tarde. Falei inicialmente com a diretora pedagógica e administrativa, logo, minha apresentação se deu com a referência do trabalho realizado pelo grupo de pesquisa anterior; depois apresentei meu trabalho com muito cuidado, pois não sabia qual seria a reação dos sujeitos responsáveis pela administração. Direcionei os comentários enfocando a temática da orientação sexual como um elemento constitutivo dos Novos Parâmetros Curriculares; tive receio (inicialmente) de declarar o objetivo principal, nesse caso, a investigação das manifestações homofóbicas no cotidiano dos jovens. Não tendo nenhum problema de ficar na escola, fui apresentado aos professores na hora do intervalo, pela própria diretora pedagógica.

Com os professores, fui mais claro na apresentação dos objetivos e procedimentos metodológicos desse trabalho. Alguns já haviam concluído o mestrado, favorecendo para um melhor entendimento do trabalho investigativo na escola. Mesmo assim, não deixaram de expressar suas curiosidades com perguntas e sugestões, como a realização de seminário ou oficina sobre sexualidade.

O passo seguinte foi a apresentação nas salas de aula. Visitei duas 8<sup>as</sup> e uma 7<sup>a</sup> do ensino fundamental, dois 1<sup>os</sup> e dois 3<sup>os</sup> do ensino médio. A atitude da maioria dos alunos foi de muito curiosidade e risos. Desde então fiquei com visitas frequentes às salas de aula observando os acontecimentos nas turmas (1<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup>, bem como nos outros espaços da escola).

O retorno aos outros grupos foi mais fácil, pois já nos conhecíamos e não existia uma hierarquia a ser seguida até chegar aos sujeitos desejados para essa investigação. Então apresentei o trabalho como a continuação da pesquisa anterior – de aprofundamento de uma temática mais específica: a homofobia. O termo era desconhecido

para alguns, necessitando explicação. Continuamos nossas visitas ordinárias toda semana (nos finais de semana) durante três meses consecutivos.

**– As fases da coleta de dados**

O processo de coleta de dados, a partir da inserção nos espaços vividos pelos jovens, constituiu-se de algumas atividades, que vão desde a caracterização dos jovens investigados para elaboração de um perfil juvenil ao aprofundamento das questões referentes às manifestações homofóbicas, seguidas pelas seguintes fases: a caracterização do perfil dos jovens, as observações e o uso do diário de campo, as discussões, os filmes/debates e as entrevistas.

**a) A caracterização do perfil dos jovens**

Esta primeira etapa do processo de coleta de dados se deu em função da caracterização dos sujeitos a serem investigados, do reconhecimento desses sujeitos, bem como, das primeiras impressões e/ou dos primeiros indicadores para a orientação da continuidade do trabalho. Utilizamos um questionário que nos orientou para, principalmente, a escolha do grupo estudantil investigado, como nos referimos anteriormente.

Esse instrumento possibilitou a caracterização dos jovens, antecedendo o seu perfil nos seguintes quesitos: identificação (idade, sexo e localização geográfica da residência), a relação com a escola e os sujeitos que a compõem, a situação sócio-econômica da família (incluindo escolaridade dos pais e as condições de moradia), o tempo livre e o tempo ocupado (como o lazer e o que gosta de fazer nestes tempos), os sonhos e as expectativas em relação ao futuro (sonhos coletivos e individuais), a relação com os amigos (importância e características dos amigos), as relações com as organizações sociais (a participação nos grupos juvenis e comunitários), a relação com a religião e com o trabalho (incluindo o acesso à informática). A importância desse instrumento para os estudos realizados se dá, também, pela indicação dos grupos organizados, de expressividade cultural e religiosa existentes na cidade.

É nesta fase que apreendemos a conversa<sup>7</sup>, tanto com os amigos como com a família, indicação do questionário, considerada pelos jovens muito importante para a sua formação e atuação na sociedade, enquanto sujeitos atuantes em seu cotidiano. Esse elemento foi fundamental para o encaminhamento metodológico de aprofundamento de algumas questões.

#### **b) As observações e o uso do diário de campo**

A etapa de observações é o período que a inserção nos grupos se concretiza. Os momentos iniciais se caracterizaram por um estranhamento de ambas as partes: pelo investigador – o espaço descoberto, novo, com uma dinâmica própria, construída pelos próprios jovens; enquanto que, pelos investigados – os sujeitos participantes do processo investigativo –, o receio dosado de curiosidade da presença de um outro (novo) elemento em seu espaço, em alguns momentos chegando a ser considerado como um intruso. Isso vai sendo revelado à medida que anotávamos as observações e seus olhares curiosos se dirigiam num tom interrogativo, algumas vezes chegando a perguntar, “\_Você anota tudo que a gente faz e fala?” Outros se aproximavam e tentavam ver o que estava escrito ou o que estava escrevendo. Isso, muitas vezes, incomoda, pois o que se escreve diz respeito aos sujeitos observados, às condutas/atitudes exercidas. É aqui que se revela o estranhamento, que só irá sendo desmistificado com o transcorrer do tempo vivido por esses sujeitos no *locus* – campo investigado.

O diário de campo vai se tornando o documento mais importante na fase de observações, é nele que se registra o vivido, no momento vivido, é o registro do cotidiano: das impressões que temos, dos sentimentos e emoções no momento do fato ocorrido; apesar da dificuldade que encontramos em alguns situações na tradução de manifestações de comportamento quando os sujeitos utilizavam gestos. São essas expressões e/ou gestos que vão enriquecendo o trabalho, nos motivando para uma profunda inserção no cotidiano dos

---

<sup>7</sup> Com os amigos, os jovens conversam tudo que necessitam, pois esses “camaradas” são sujeitos muito importantes (cerca de 78% dos jovens afirmam a importância dos amigos), inclusive nas decisões e orientações e, ainda servem para desabafar, compartilhar as horas de alegria e de tristeza, conversam principalmente, sobre namoro, sexo e amizades. Como eles revelam, “o amigo é alguém sincero, fiel, companheiro, compreensivo, que ajuda nas horas difíceis”. Já com a família, as conversas sobre sexo e namoro giram em torno de 21% e 29%, respectivamente; alguns jovens chegam a afirmar que não existe muito diálogo na família sobre sexo e namoro porque “não existe um diálogo aberto entre pais e filhos”.

sujeitos. Muito embora essas manifestações tenham ocorrido com muita simplicidade, mas é imprescindível que se volte a atenção através do registro do fato (situação ocorrida), das emoções vividas, das interrogações e suposições acerca do observado.

O diário de campo nos orienta para a continuidade da investigação em curso, pois ele fornece os indicadores de procedimentos metodológico analíticos, é a partir dele que estabelecemos um contínuo na investigação; pois as manifestações observadas são situações de análise/discussão para o aprofundamento da temática com os sujeitos investigados.

E ainda, revela o que muitos não percebem. A exemplo disto registramos cenas ocorridas em uma sala de aula quando a professora trabalhava com os alunos uma atividade de redação sobre a Independência do Brasil.

Uma garota passa boa parte do tempo agarrando um garoto: o mesmo senta em seu colo enquanto ela beija seu pescoço, passa a mão em seu peito descendo até ao púbis, tocando na genitália. O garoto logo fica excitando, percebendo o fato, sai do colo dela. “\_Pare!” Essa garota mexe com vários garotos de forma bastante carinhosa. Tudo isso ocorre na sala com bastante liberdade – “liberdade despercebida”. Essa cena se repete algumas vezes. Diante disto, um outro garoto se aproxima expressando-se: “\_Diga aí!...” gesticulando com a mão em sentido vertical (vulgarmente esta expressão significa a realização do ato sexual). Outros alunos riem reforçando o gesto expressado. (Notas do diário de campo ao grupo estudantil)

Estas cenas aconteceram no fundo da sala e não tiveram nenhuma observação de alguém que mediasse uma discussão dos conteúdos relacionados à sexualidade, tal qual se apresentou. Assim, os conhecimentos referentes à sexualidade dos jovens são omitidos pela instituição socializadora dos saberes sistematizados pela humanidade – a escola.

### c) As discussões<sup>8</sup>

Nesta fase inicia-se a discussão e/ou aprofundamento da temática sugerida neste trabalho. Para isto, utilizamos uma matéria (de circulação nacional) publicada na revista Isto É, nº 1569 de 27/10/99, com o título “O Amor que Ameaça”.

O texto retratava a história de um garoto de 14 anos que se declarou apaixonado por um dos colegas da escola, o que causou uma grande polêmica e diferentes

---

<sup>8</sup> Essa fase ocorreu posterior ao uso do questionário no grupo estudantil e, posterior às observações nos grupos culturais e religiosos, ainda no trabalho anterior - a pesquisa Juventude, Sociedade e Cultura....



posicionamentos a respeito. Os pais não consideraram como problema o fato do filho ser homossexual, porém, não concordaram com o sentimento obsessivo que nutria pelo colega; o diretor da escola considerou o caso anormal. Um grupo formado por outros colegas da escola, fez um movimento intitulado “Movimento Mata Muita Bicha”, encaminhou um abaixo-assinado à diretoria exigindo a expulsão do garoto. Por outro lado, alguns colegas, inclusive uma jovem, apoiaram o garoto e; o colega “assediado” disse que não correspondia o sentimento por ser heterossexual, mas, opunha-se à qualquer agressão dirigida ao seu colega. Diante desta situação, solicitamos aos jovens, participantes da investigação, que comentassem sobre o fato e se posicionassem em relação às opiniões manifestadas.

O debate<sup>9</sup> realizado acerca destes saberes foi riquíssimo, pois à medida que alguém emitia seu pensamento para o grupo, as expressões de apoio ou desacordo eram manifestadas com bastante polêmica, em alguns momentos, envolvendo os atores investigados. Essa discussão foi o primeiro debate, entre os jovens, sobre orientação sexual. Percebemos algumas dicotomias nas opiniões dos jovens, pois a maioria, limitou se em enunciados de conceitos e definições com ênfase naquilo considerado certo ou errado.

#### **d) Os filmes/debates**

O filme é o principal recurso utilizado, neste trabalho, para a concretude da discussão, dada a complexidade (centralidade) da problemática abordada – a homofobia. Pois, falar sobre homofobia é falar de uma orientação sexual negada em nossa sociedade, valendo ressaltar que o indivíduo ao expressar sua opinião acerca deste problema implica na emissão de como se compreende a homossexualidade ou ainda, em posicionar-se diante da problemática; daí ser tão difícil para as pessoas falarem e/ou discutirem o assunto. Então, como fazer o debate acontecer no grupo, se a problemática torna-se tão comprometedora para os indivíduos envolvidos na discussão?

O filme, neste caso, torna-se o instrumento viabilizador do diálogo, da discussão, porque ele

desencadeia no espectador um processo ao mesmo tempo perceptivo e afetivo de “participação” (não nos entediamos quase nunca no cinema), conquista de imediato uma espécie de credibilidade – não total, é claro,

---

<sup>9</sup> O conteúdo das fases de discussão e debate, bem como dos filmes, serão abordados nos capítulos posteriores.

mas mais forte do que em outras áreas, às vezes muito viva no absoluto -, encontra o meio de se dirigir à gente no tom da evidência, como que usando o convincente (Metz, 1972: 16).

Ao ver o filme o espectador se projeta naquela história, ou naquela personagem, como se a tela fosse um espelho, e o filme parece cair em sua vida – “se derrama na tela” - acontecendo uma interação reflexiva do sujeito que assiste, com o enredo e a personagem a cada plano exibido. Nesse momento interativo, o filme é sua própria história, ou, o espectador é a personagem que vive aquele enredo cinematográfico – o sentido do filme se produz.

A nossa perspectiva de se trabalhar com filme cumpre o seu caráter semiótico de estudar os significados/sentidos apresentados pela linguagem cinematográfica<sup>10</sup>. Assim pudemos verificar junto aos grupos de jovens seus discursos, a explicitação de suas idéias sobre a homofobia, motivadas pelo filme, na análise do cotidiano vivido por estes sujeitos. A introjeção dos papéis de personagens numa fusão com a realidade abre as possibilidades da discussão desejada em nosso trabalho. Ao discutir o conteúdo do filme, os jovens não se expõem diretamente, mas de modo indireto, pois utilizam-se dos recursos (personagens e situações) para exporem suas idéias, sem constrangimento.

Deste modo ao

assistir a um filme será sempre um diálogo, na medida que essa ação pressupõe a capacidade do espectador/analista em deixar-se transportar para a tela, suportar ver sua imagem refletida, viver aquela outra realidade e depois sair da sala escura, e poder falar, nem que seja para si mesmo, sobre o que passou. (Passarelli, in: Spink, 1999: 282)

O filme passa a ser um indutor do problema, não um mero extrato da realidade que se poderia constatar, mas um elemento discursivo que, tanto induz o telespectador para o questionamento, como problematiza a realidade, a ficção e a realidade se mesclam no momento que os sujeitos trazem suas falas para traduzirem seus conceitos.

Temos dialogado com vários filmes que abordam a homossexualidade e sua problemática na sociedade moderna, mas a maioria deles enfatizam aspectos muito negativos, como por exemplo: o enredo de alguns terminam com os homossexuais

---

<sup>10</sup> A “linguagem cinematográfica”, por sua riqueza semântica, por sua incontestável capacidade de veicular informações e por seu alto grau de autonomia relativa em comparação ao verbal (importância das imagens, da

sozinhos, numa profunda solidão e outros, fazem uma relação muito estreita entre a AIDS e a homossexualidade. Essa conduta na direção de filmes com este tipo de enredo traz uma angústia muito grande para os espectadores e contribui negativamente na afirmação da homossexualidade.

Então a escolha dos filmes<sup>11</sup> “Minha Vida em Cor de Rosa” e, “Delicada Atração”, vem da necessidade de se trabalhar a homossexualidade da forma mais respeitosa possível e com muita seriedade. Estes filmes trazem o questionamento da homossexualidade e sua problemática na nossa sociedade contemporânea, nas fases infantil e juvenil dos sujeitos, sem emitir em seu enredo uma ênfase demasiada nos rótulos, ou estigmas de solidão e estreita relação com doença.

Após a exibição de cada filme os jovens iniciaram o debate expressando seus sentimentos relacionados ao enredo e/ou aos personagens. Posteriormente, fizeram comentários relacionando-os ao cotidiano, dando exemplos ocorridos, ou na escola, ou no bairro/rua, ou no grupo, ainda exemplos de pessoas conhecidas que em algum momento passaram por situações constrangedoras em relação a sua orientação sexual. De modo que, foi o momento mais rico de nossa investigação, haja visto a revelação destes sujeitos na emissão dos significados e sentidos atribuídos à sexualidade.

Dentre os fatos mais surpreendentes destacamos a postura assumida pelos integrantes do grupo estudantil – o silêncio foi a resposta dada. Não houve debate neste grupo, os olhares fixos na televisão e posteriormente uns aos outros, demonstraram total insegurança de falar em homossexualidade diante de seus camaradas. Enquanto que os demais grupos realizaram o debate na maior convicção de expressar suas idéias sobre o assunto. Este fato é o elemento principal que evidencia a diferença entre os espaços eleitos nesta investigação, o espaço da escola tem uma dinâmica superior (e exterior) àquela criada pelos jovens estudantes, é algo pré-determinado. A exposição de suas idéias nesse espaço passa pelo crivo dos demais colegas, algumas vezes coroados por coros estigmatizadores da própria linguagem.

---

montagem, etc...) é, sem dúvida, entre todas as linguagens no sentido figurado, uma das que melhor se prestam a ser confrontadas com a linguagem propriamente dita (Metz, in: Morin e Outros, 1973:44)

<sup>11</sup> A síntese dos filmes encontram-se em anexo no final deste trabalho.

Aqui surge a necessidade de um outro recurso de coleta de informações, a entrevista, não prevista anteriormente; haja visto a proposta de nosso trabalho estar direcionada para o grupo.

#### e) **A entrevista**

A entrevista foi a fase final da coleta de dados, realizada somente com o grupo estudantil, como nos referimos anteriormente. Como não ocorreu o debate após a exibição do filme, acordamos que haveria uma conversa posterior – a entrevista.

A utilização deste recurso é exatamente para desvelar a inibição dos estudantes em relação ao seu grupo. Ela toma a dimensão da revelação do não dito, “a função da entrevista é chegar ao desconhecido, ao não visto, ou melhor dizendo, somente ao ‘entrevisto’. O ‘entrevisto’ é justamente o visto ‘imperfeitamente’, o ‘mal visado’, o apenas ‘previsto’ ou ‘pressentido’”. (Pais, 1996: 82)

Nessa perspectiva, conversamos individualmente com cinco alunos, quando discorreremos sobre os filmes, a temática abordada, as relações com a nossa realidade e por último, o silêncio na hora do debate em grupo. Tivemos muito cuidado em não inibi-los, então iniciamos o “papo” bem antes de ligar o gravador (com fita K7), na tentativa de criar um espaço agradável e de confiança - elementos imprescindíveis para a relação com os jovens. Somente depois de conversarmos sobre as novidades ocorridas, o final da semana que havia passado, se estavam bem naquele momento, fomos esclarecendo da discrição que tínhamos com eles e sua importância, como sujeitos participantes da pesquisa, como também, do sigilo das informações, no que se refere à revelação de nomes. Dessa forma conseguimos conversar com cada jovem em torno de quarenta minutos.

Portanto, os procedimentos metodológicos utilizados (o questionário, as observações, o uso do diário de campo, as discussões, os filmes-debates e as entrevistas), buscam a compreensão da cultura dos elementos envolvidos no processo de interação dos jovens entre seus pares e não pares, observando e analisando seus valores, conceitos, práticas e significados, fundamentados nos princípios da pesquisa qualitativa, “privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos – ‘manifestações discursivas e/ou comportamentais’ – a partir das perspectivas dos sujeitos investigados”. (Bogdan, 1994:16) Para que seja “um instrumento capaz de contribuir para a produção de uma nova síntese

cultural (novo conhecimento, novas relações sociais, novas instituições). Pois, esse conhecimento, em processo de produção permanente, fundamentará a luta pela transformação social e pela construção/consolidação de outras relações sociais (econômicas e ideológicas) sustentadas em subjetividades consistentes”. (Cf. Souza, 1985)

## **4. A HOMOFOBIA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS RELAÇÕES DO COTIDIANO**

### **4.1. Contribuições teóricas**

Para o estudo das manifestações homofóbicas partimos de pressupostos compreensivos da dinâmica social caracterizada pela produção e reprodução de valores impressos na cultura, onde os preconceitos, os estereótipos e a discriminação em relação à homossexualidade têm tomado feições diversas na história da humanidade.

Aprendemos de Mott (1997) a definição da homofobia como uma ideologia anti-homossexual – a aversão à homossexualidade, o ódio dirigido aos homossexuais. O referido autor confere que, “de todas as minorias sociais, os homossexuais são as maiores vítimas do preconceito, mais rejeitados que os negros, judeus e mulheres” (p.9). O autor tem desenvolvido trabalhos tratando do preconceito, da discriminação e da violência contra os homossexuais, como por exemplo, documentários compostos de relatos/fatos ocorridos desde a colonização do Brasil até os dias atuais.

A homofobia assume uma dinâmica social multifacetada: as expressões manifestadas verbalmente, tidas como brincadeiras; os insultos e/ou xingamentos; a não aceitação no grupo de pertença; a violência física e assassinatos, constituem um arsenal de como os ‘homens’ têm conduzido os saberes sobre a homossexualidade em nossa história.

Neste último século algumas correntes teóricas, vinculadas à Biologia, à Psicologia, à Sociologia (Antropologia), e ainda à religião, têm direcionado as discussões sobre a origem da homossexualidade numa perspectiva, muitas vezes confusa, sem explicar satisfatoriamente os significados atribuídos. A exemplo disto, o tratamento dado à homossexualidade na cultura ocidental tem sido variado. Até pouco tempo era visto pela medicina, como uma doença; pela igreja, como degenerescência; pela psicologia, como inversão sexual e/ou patologia. Por outro lado, os movimentos de homossexuais e feministas têm debatido com mais insistência a problemática das relações de gênero e sexuais, dado a necessidade da luta pela liberdade das manifestações sexuais e pela garantia dos direitos iguais para toda a espécie humana – o exercício da cidadania, e ainda, pela defesa da vida na prevenção à AIDS, fazendo emergir uma nova dinâmica social.

Nesta perspectiva, revisitamos alguns aportes teóricos. Apresentamos a seguir uma síntese de como algumas correntes da ciência têm contribuído para explicar as questões da homossexualidade e como isso tem produzido significados/sentidos no cotidiano, nas relações que os/as jovens estabelecem com os outros.

#### **- Contribuições da religião**

A religião tem exercido grande influência na direção das condutas dos homens e das mulheres em nossa sociedade a partir da socialização dos ensinamentos da cristandade e sua interpretação para as novas gerações. Estudiosos dessa temática, como Gregório Ruiz, Javier Gafo e Marcelino Vidal (1985), nos oferecem algumas explicações que consideramos importante mencioná-las.

Ruiz (1985) trata da problemática da homossexualidade e a religião a partir de estudos e referências nos textos bíblicos: no Antigo Testamento, os livros de Gênesis – o pecado de Sodoma – e Levítico ao se tratar das leis; no Novo Testamento, sobre a condenação de Paulo. De modo que evidencia a história da homossexualidade anterior à história da Era Cristã, na criação de códigos de condutas fundamentados teoricamente ainda no Antigo Testamento, especificamente, na história do “pecado de Sodoma”, considerado mais recentemente como o “pecado homossexual”. Muito embora não se tenha por certo o motivo da destruição da cidade de Sodoma, o cristianismo utilizou essa passagem para promulgar o efeito devastador do pecado a um conjunto de atitudes considerado errado naquele contexto.

Levítico<sup>12</sup> é o único livro do Antigo Testamento que anuncia com maior clareza a “abominação” do homem se deitar com outro, porém contraditoriamente, no livro Salmos<sup>13</sup> é declarado a forte amizade entre Davi e Jônatas. No Novo Testamento apenas três textos<sup>14</sup> se referem ao relacionamento entre homens, em (Rm 1, 26-27), (1Cor 6, 9s) e

---

<sup>12</sup> <sup>22</sup> Não deite com um homem, como se fosse com mulher: é uma abominação (Lv 18, 22). <sup>13</sup> O homem que se deitar com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos (Lv 20, 13).

<sup>13</sup> Cf. Salmos 20.

<sup>14</sup> <sup>26</sup> Por isso, Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. <sup>27</sup> Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo atos torpes entre si, recebendo dessa maneira em si próprios a paga pela sua aberração. (Rm 1, 26-27)

(1Tm 1, 9-11), referindo à homossexualidade com a expressão traduzida “os que se deitam com homens”, justificam a condenação que Paulo faz a esta prática. Uma das considerações mais pertinentes feita por Ruiz em seu trabalho diz respeito ao abuso da igreja com o uso dos textos bíblicos para a determinação de pecados condenáveis.

O trabalho de Gafo (1985) compreende outra dimensão da relação entre cristianismo e homossexualidade, faz uma divisão na história cristã em quatro fases: a primeira compreende os primeiros sete séculos da cristandade – onde as influências do mito da cidade de Sodoma influenciam e/ou justificam decisivamente na criação dos códigos de condutas e determinações punitivas para os pecadores, ainda no império romano. A segunda fase compreende a época dos penitenciais, entre os séculos VII e XI – é aqui que se distingue com maior clareza as atitudes consideradas homossexuais: “toques, afetos, masturbação mútua, conexão interfemural e sodomia” – a homossexualidade é considerada um pecado grave e a homossexualidade feminina tem citação inédita. A terceira fase compreende os séculos XI e XIII – neste período é definido por alguns santos o pecado antinatural, incluindo a homossexualidade e outras práticas como a masturbação. Santo Alberto Magno e Sto. Tomás de Aquino são expoentes muito importantes para a solidez da moral cristã deste período; a quarta e última fase, apresentada por Gafo, compreende o período dos séculos XIV e XX – período de afirmação da moral cristã com um profundo acirramento da aversão à homossexualidade, haja visto a proclamação do sexo exclusivamente para a procriação.

Para esse autor é importante considerar que o trato dado à homossexualidade pela cultura ocidental tem forte influência na moral cristã e ainda ressalta a incapacidade da igreja lidar com a problemática homossexual. Porém, a aceitação natural da fogueira na

---

<sup>9</sup>Vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se iludam! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, <sup>10</sup>nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus. <sup>11</sup>Alguns de vocês eram assim. Mas vocês se lavram, foram santificados e reabilitados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. (1Cor. 6, 9s)

<sup>9</sup>Ela não é destinada ao justo, mas ao iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, <sup>10</sup>impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, para os que juram falso, e para tudo o que se oponha à sã doutrina, <sup>11</sup>de acordo com o Evangelho glorioso do Deus bendito, que me foi confiado. (1Tm 1, 9-11)



inquisição e de outras formas de execução aos réus sodomitas são motivos para não serem minimizadas as responsabilidades dessa instituição.

A abordagem de Vidal (1985) no trato com as questões da religião com a homossexualidade parte de uma exposição crítica da postura moral católica, em três dimensões: os moralistas tradicionais – a postura moral oficial católica, a postura moral “aggiornata” e a postura moral da ruptura.

Na primeira postura, faz a avaliação da doutrina católica considerando quatro pontos essenciais: a redução da sexualidade à procriação da espécie; a negação do prazer sexual; o reducionismo na genitália e a normatividade do “segundo a natureza”; considera uma abordagem pré-científica e pré-psicológica.

A segunda postura tende a avaliar moralmente o homossexual como o ser e o comportar-se homossexual. Para este autor isso advém de uma concepção moralista dos católicos na tentativa de permanência da doutrina oficial ortodoxa, emite “juízos sobre a moralidade objetiva da homossexualidade. Sobre a base da distinção entre o ‘ser’ homossexual e o ‘comportar-se’ homossexual, admite-se que o fato de ser homossexual não comporta nenhuma maldade moral” (Gafo, 1985: 117).

A terceira postura faz uma revisão nos modos como a moral católica tem avaliado a homossexualidade estabelecendo propostas mais amenas para com os homossexuais, na tentativa de “solucionar o problema da integração humana dos homossexuais”. É uma das posturas mais evidente em nossos dias atuais.

Diante das considerações destes autores o que se percebe é uma tendência muito reducionista da religião em relação à sexualidade humana, fundamentada em pressupostos morais éticos que conduziram, e ainda conduzem, os sujeitos no mais ‘estrito caminho’, com possibilidades mínimas para uma vida tranqüila. Esta orientação tem levado os sujeitos a verem os outros, também, de modo muito ‘estrito’, como estranho, negando a diversidade. Isso tem negado a própria cultura de cada grupo e ainda é refletido nos discursos emitidos pelos sujeitos:

*Eu não sou de acordo com o homossexualismo, eu sou contra porque é uma coisa assim que vem do demônio, pois Deus deixou o homem para a mulher, eu acho abominável...*

*(...) fazendo um parâmetro entre Deus e o Diabo, acho até que sou leiga sobre isso, mas Deus falou que vocês são iguais e ele não mediu nenhum parâmetro para dizer a partir de que ponto nós éramos iguais ou desiguais. Certo, mas na bíblia outras pessoas vão de encontro com esse meu pensamento, pois lá ele diz que o homem é para a mulher e que a mulher é para o homem e o resto é coisa de animal, mas ele está falando do físico e não do espírito, pelo menos essa é minha interpretação. (GR)*

Este estabelecimento moral religioso, a partir da abominação do prazer homossexual está referendado na inibição do prazer sexual, na condução do sexo somente procriativo, determina a dualidade nas relações entre os homens e as mulheres (masculino versus feminino), fixa o estabelecimento dos papéis sexuais e sociais eliminando a possibilidade da homossexualidade, pois é dado para os sujeitos uma única alternativa: o acasalamento do macho com a fêmea, e vice-versa.

#### **- Contribuições bio-psicológicas**

As concepções teóricas sobre a homossexualidade abordadas pelos estudiosos da sexualidade vinculadas às áreas de conhecimentos da Biologia e Psicologia, compreendem-na a partir da sua natureza preponderante do caráter congênito ao adquirido. As concepções de caráter congênito estão associadas às teorias genéticas (sexo cromossômico, genética estatística, explicações hormonais), referendadas nas experiências como a de Lang (1940), com mariposas; Kalman (1952), com gêmeos monozigotos e dizigotos; e apresentação de determinados distúrbios genéticos entre tendências maturacionais. Esta concepção considera a homossexualidade como um distúrbio irreparável de natureza genética (Cf. Hart & Richardson, 1983), além do que, induz os sujeitos a pensarem na homossexualidade como algo que necessitasse de cura.

As concepções de caráter adquirido delineiam-se em: adquirida por fatores psicosexuais – uma fusão entre congênita e fatores psicosexuais – e adquirida a partir da interação social. A primeira tem origem em Freud (1972) - para quem a orientação sexual finaliza seu desenvolvimento ao término da adolescência. O autor postula a predisposição congênita do ser humano para a bissexualidade; foi o primeiro a trabalhar a sexualidade humana a partir da sistematização da “formação do aparelho psíquico” em áreas de “consciente” e “inconsciente”. De modo que as pulsões (desejos) originárias no inconsciente do aparelho psíquico são dotadas de uma energia (Eros/Libido) da vida/sexual

que impulsiona todos os instintos ao consciente com fim à sua satisfação; estabeleceu as fases do “Desenvolvimento Psicosexual” no ser humano definindo-as como responsáveis pela inversão sexual - a homossexualidade.

Ao encarar a heterossexualidade como uma condição normal da sexualidade, mesmo com a predisposição bissexual congênita existente no indivíduo, Freud vê a homossexualidade como uma condição imatura, já que indica a não realização satisfatória das fases do desenvolvimento psicosexual. A homossexualidade, inversão sexual, estado imaturo do indivíduo é consequência de fatores não resolvidos nos estágios do desenvolvimento psicosexual, concretizada, principalmente, com o Complexo de Édipo, o Narcisismo, a Fixação ou a Identificação pela autoridade referência em suas relações (a princípio, o pai ou a mãe). Assim, a Psicologia influenciou, até pouco tempo, a compreensão da homossexualidade numa condição patológica. A Psicanálise seria a terapia que contribuiria na superação deste estado.

A condição adquirida por interação social parte do pressuposto de que a identidade sexual é formada a partir da orientação vivenciada pelo indivíduo nas suas inter-relações sociais. Esta orientação é determinada por fatores considerados relevantes, de grande significado, no espaço/tempo das experiências de cada sujeito. Portanto, a mesma é concebida como uma construção social. O número de fatores e a relevância destes variam de indivíduo para indivíduo, numa seleção e distribuição de significado aos fatos. A estabilidade ou mudança de identidade passa por diversos processos, impossibilitando-nos uma generalização.

Os relatórios de Alfred Kinsey (1950), influenciam favoravelmente esta perspectiva; haja visto os resultados de sua investigação dos comportamentos sexuais de homens nos Estados Unidos apresentarem uma variedade de possibilidades nas condutas sexuais, identificadas na escala seguinte:

1 - Exclusivamente heterossexual; 2 - Predominantemente heterossexual e só acidentalmente homossexual; 3 - Predominantemente heterossexual, porém mais que acidentalmente homossexual; 4 - Iguamente heterossexual e homossexual; 5 - Predominantemente homossexual, porém mais que acidentalmente heterossexual; 6 - Predominantemente homossexual e só acidentalmente heterossexual; 7 - Exclusivamente homossexual. (Costa, 1986: 94)

Gafo (1985), ao analisar as experiências realizadas a partir do aporte biológico conclui que elas são fragmentárias e incompletas, muito embora não se exclua a possibilidade de incidência em alguns dos fatores elucidados. Pois,

sobre estes pontos se faz necessário um maior aprofundamento que deverá ser levado em conta uma avaliação integral do fenômeno da homossexualidade. Em qualquer caso, os dados que citamos parecem apontar preferencialmente para uma explicação psicológica ou sociológica da homossexualidade, embora não se possa descartar, no estado atual de nossos conhecimentos, a possibilidade de que determinados fatores biológicos possam favorecer ou predispor para um comportamento homossexual. (Gafo, 1985: 29-30)

Portanto, parecem ser insuficientes as explicações oferecidas pela Biologia e Psicologia ao tratarem a homossexualidade como um distúrbio, desvio ou inversão<sup>15</sup>. Isso tem contribuído para acirrar ainda mais o comportamento doentio da homofobia em nossa sociedade, haja visto o número muito elevado de condutas observadas em nosso meio caracterizadas por um profundo ‘estranhamento’ aos homossexuais. A ilustração disso é o que se reflete no cotidiano, revelado nos discursos dos jovens: uma incerteza, adicionada por uma profunda imaturidade acerca da homossexualidade. Isto ocorre, principalmente, porque essas tendências bio-psicologizadas levam os sujeitos a pensarem a homossexualidade a partir de sua concepção e/ou origem, esquecendo-se da condição de ser homossexual no mundo em que vivemos. Na discussão do assunto alguns se calam, outros afirmam que nada sabem sobre a homossexualidade ou então, “eu acho que a pessoa já nasce homossexual mesmo”. E ainda,

*eu estou sem palavras para isso, porque isso é uma coisa que a gente nunca consegue entender, porque se a gente é de um jeito e vê aquela pessoa de outra forma, é claro que a gente não consegue entender o porque de a gente ter aquela atração; se a gente que é homem tem aquela atração por mulher, como é que um homem pode sentir atração por outro homem? É isso que é inexplicável. Eu acho, se caso acontece um negócio desse, eu tenho para mim que deve ser porque a pessoa nasce com o corpo de homem, mas a mente, por*

<sup>15</sup> Vale ressaltar que desde 1973 a Associação Americana de Psiquiatria declara a remoção de seu manual de diagnóstico oficial do homossexualismo como um distúrbio mental. Em 1989, a Associação Americana de Psicanálise endossa a referida declaração, tornando oficial aprovação em 1991 (Isay, 1998). A associação Brasileira de Psiquiatria aprova moção de apoio à declaração da associação Americana de Psiquiatria em 1984. Em 1985 o Conselho Federal de Medicina e, em 1994 a Organização Mundial de Saúde, proibiram classificar o homossexualismo como vício ou doença (GGB, 1996).

*certo, deve vir atrapalhada, de mulher ou coisa assim. É até uma coisa fora do normal, a gente vê uma pessoa se apaixonar por outra do mesmo sexo. Eu não sei nem explicar. (GR)*

O estado de perplexidade apresentado pelo discurso anterior revela uma busca (ou não busca, a ignorância talvez) por uma explicação do “fenômeno homossexual” que parece ter distanciado as pessoas uma das outras, pois não consideraram outras dimensões do ser humano – neste caso, o desejo – como também, outras dimensões das ciências humanas: a sociologia, a antropologia e a história – o que cada cultura tem produzido nas relações humanas.

#### **- Contribuições sócio-antropológicas**

Os aportes sociológicos nos apresentam a homossexualidade ainda como uma variante da sexualidade humana, porém como a Antropologia, descarta o rótulo ofensivo do desviante, do invertido, da enfermidade, da necessidade de cura. Pois, a perspectiva

sociológica entende que pretender colocar a heterossexualidade como norma de comportamento sexual tem muito a ver com a estatística. Ressalta que a sexualidade é uma aprendizagem social que pode desembocar tanto na homossexualidade quanto na heterossexualidade. (Lasso, 1985: 66)

Assim, têm-se feito uma aproximação muito estreita da Sociologia com a Antropologia, desde que não se considere a homossexualidade como uma variante da sexualidade humana, porque,

antes de tudo temos que reconhecer que não existe uma explicação convincentemente satisfatória da homossexualidade humana: não se conhecem com clareza os fatores biológicos (genéticos, hormonais, patologia embrionária?) que a sustentam; não existe uma explicação psicológica científica (variação na relação paterno-filial, resultado de uma variação na aprendizagem psicossocial?); os dados históricos, estatísticos e de antropologia não solucionam as interrogações básicas; por outro lado, os tratamentos experimentados (psicanálise, terapia de comportamento?) não conseguiram desvendar o segredo da constituição homossexual de um determinado percentual da população humana. (Vidal, 1985: 110)

Deste modo, torna-se incoerente enquadrar a homossexualidade num quadro de enfermidade, “nem como simples ‘variante’ da sexualidade”, “nem sintoma de identidade de uma alteração psíquica”. Mas, contudo, devemos considerar, “a conduta sexual como um

impulso fundamentalmente neutro que a aprendizagem social irá modelando até uma direção determinada (hetero ou homossexual)”. E ainda,

entendê-la como a condição sexual (não enfermidade) de uma pessoa que se deteve no processo de diferenciação; posicionando em sua condição sexual indiferenciada, o homossexual não pode viver sua sexualidade a partir da diferença macho/fêmea (condição da heterossexualidade), mas o faz a partir de outra situação, que chamamos de homossexual. (ibdem)

Nesta perspectiva as contribuições antropológicas nos remete à cultura vivida, na qual estamos inseridos, para a análise das condutas e valores dos sujeitos. Pois, a “conduta humana não é algo independente e isolado, mas está enraizada na cultura, construída com os ingredientes que cada uma delas oferece ao indivíduo” (Lasso, 1985: 32). A cultura define os padrões das relações interpessoais; condiciona e regulamenta as atitudes sociais; distingue o que é bom e o que é mau; cristaliza a tradição como a experiência das velhas gerações – lição para a juventude; faz com que os mitos, os tabus, os preconceitos e os estereótipos perdurem no meio social como algo verdadeiro. Daí, o conhecimento verdadeiro dito pela cultura, muitas vezes, está além das construções humanas – este é revelado por Deus.

A cultura, entendida nessa perspectiva, toma sua dimensão reacionária, sua ação modela e controla os sujeito produzindo “indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, sistema de submissão” (Guattari, 1996: 16), dificultando a emergência de outras subjetividades.

Mas a cultura não é por si determinista ao ponto de eliminar a ação do homem em seu construto cotidiano, este rompe as barreiras impostas pela determinação cultural e num sentido contrário ao que esta orienta, imprime outra ordem no percurso dos desejos. Daí, a antropologia nos ensina, que não basta nascermos com uma genitália masculina ou feminina, a nossa relação com o meio e os outros indivíduos é que vai definindo a condição de homens e mulheres que somos na sociedade. É no espaço social que os homens e as mulheres criam, ou recriam, as formas de conduzirem a sexualidade. O “social, o psicológico e o erótico”, muito embora conduzidos por valores éticos e morais, tomam dimensões próprias em cada contexto temporal e/ou espacial.

A partir desta perspectiva, a homossexualidade não é considerada como uma anomalia, como uma doença, como um pecado, nem tampouco como um crime. A história

nas diversas culturas, das tribos às civilizações indica que sempre existiu homossexuais, muito embora recebessem outra nomenclatura. O tratamento de cada cultura à homossexualidade tem sido diferente, mas na nossa cultura ocidental, influenciada fortemente pela moral religiosa burguesa a homofobia já é uma vidência muito truculenta.

#### **- Contribuições históricas**

Do ponto de vista histórico-cultural, a humanidade tem construído valores, idéias, formas de relacionamentos, concepções sobre a homossexualidade que variam em uma escala de pontos muito dicotômicos e, às vezes, contraditórios.

As relações estabelecidas na Grécia antiga, demonstram um grande paradoxo que envolve a liberdade da prática sexual e o uso desta. Ela aparece como uma sociedade genuinamente bissexual em que as relações homossexuais são “livres”, desde que ocorressem entre pessoas de idades diferenciadas (um adulto – “erastes”, e um jovem – “eromenos”), sob o pretexto do mais velho educar e proteger o mais novo. Caso a orientação sexual do mais velho se consolidasse como homossexual, o mesmo ficava sob pena de não assumir cargos públicos. Este deve ser 'ativo' na relação sexual e livre para manter relações com jovens, por não afetar à sua masculinidade; com mulheres, por serem inferiores; e com escravos, por não serem considerados cidadãos. (Cf. Foucault, 1994)

Dover conclui que estas relações supriam as necessidades pessoais de uma intensidade não encontrada no casamento ou entre pais e filhos. Os casais amantes eram incentivados como parte do treinamento e da disciplina militar, um reconhecimento ancestral dos estreitos laços entre Ares e Eros (Richards, 1993: 137).

No entanto, “esperava-se que o homem casasse assim que completasse 25 anos e que formasse uma pequena família”, pois “não era bem aceito um homem ser apenas amante de rapazes” (Spencer, 1996: 48).

No império romano as relações sexuais são permitidas pelo Estado, desde que os homens, ‘senhores’, tenham um papel ativo. Há hostilidade em relação à prostituição de jovens de boa família, por questões de status e esnobismo; ao lesbianismo, por implicar na postura dominante das mulheres em casa; ao fellatio, por ser prática passiva; à promiscuidade, por falta de decoro; e à efeminação, por negar a virilidade.

A normalidade sexual oriental da Antigüidade (Grécia e Roma), apesar da liberdade em algumas sociedades com relação à homossexualidade, refletiu para o ocidente

grandes marcas discriminatórias que foram cristalizadas nos períodos subseqüentes. A exemplo disto, os hebreus conseguiram impor uma cultura religiosa baseada em mitos, gravadas nas escrituras sagradas do Antigo Testamento, hierarquizando as relações sexuais que iniciam a importação da homofobia para o Ocidente. A destruição de Sodoma e Gomorra, passada para as gerações posteriores, por volta 1900 a.C., é a ilustração que nunca se esqueceu.

A mais notória história da Bíblia – que deu seu nome em latim para uma palavra que ao longo dos anos serviu para designar uma série de atos sexuais desaprovados pela Igreja – tornou-se a arma fundamental do arsenal homofóbico. ‘Sodomia’ teve um significado diferente na Idade Média, referindo-se à penetração anal de qualquer dos sexos, ou a posição em que a mulher ficava por cima do homem, ou a cópula com os animais. Até e durante a Renascença, o crime das duas cidades de Sodoma e Gomorra era a licenciosidade, que incluía orgias com prática de pederastia e bestialidade. Mais recentemente, o crime que os homens das duas cidade cometeram (as mulheres parecem ter sumido) foi afinal firmemente estabelecido na cabeça das pessoas como sendo a homossexualidade. É, francamente, uma versão tola, mas que ainda causa controvérsias. (Spencer, 1996: 59)

Portanto, o advento do Cristianismo, e em todo o período da Idade Média, é imposto uma normalidade a partir da elevação moral cristã que segrega todos aqueles considerados anormais, fora dos padrões exigidos, como por exemplo as minorias: bruxas, hereges, prostitutas, judeus, homossexuais e leprosos. Ainda desconhecido o termo “homossexualidade”, emprega-se como significado “sodomia” ou “sodomita” – relações anais masculinas, masturbação, bestialidade e sexo não procriativo. Desde os anos 314, ainda no Concílio de Ancira<sup>16</sup>, a homossexualidade é vista como fruto das influências do demônio, uma aberração da natureza provocadora de retalhação – as fomes coletivas, os

---

<sup>16</sup> Já, no Concílio de Londres (1102), “talvez reagindo a imoralidade da corte anglo-normanda, procurou estigmatizar todos os homossexuais, até que tivesse confessado e cumprido penitência, e impôs penalidades para isso: rebaixamento para os clérigos, e perda de direitos civis para leigos” (Richards, 1993: 144); “O Concílio de Nablus, realizado no reino cruzado de Jerusalém em 1112, estabeleceu que o adulto sodomita persistente e do sexo masculino seria queimado pelas autoridades civis”; “O Terceiro Concílio Lateranense de 1179 também lidou com a homossexualidade e, embora não tenha seguido à rígida orientação do concílio de Nablus, deu claras evidências de um endurecimento nos regulamentos, ao decretar rebaixamento e penitências em mosteiros para sodomitas do clero, e excomunhão para os leigos. Os Concílios de Paris (1212) e de Rouen (1214) repetiram o cânone, e o Concílio Lateranense de 1215 ordenou sua aplicação escrita” (Richards, 1993: 146); e ainda, outros concílios e decretos regulamentam a normalidade sexual da Idade Média.



terremotos e a peste são conseqüências destes crimes. Acirram a aversão às minorias nos códigos impostos pela igreja – abrangente da ética sexual. A condenação à morte, a inquisição, o rebaixamento de cargos dos clérigos e a perda de direitos civis foram penas executadas para os homossexuais.

Como vemos nos ensinamentos cristãos, o sexo foi dado ao homem unicamente para a procriação e “qualquer outro propósito que não da procriação era violação da natureza” (Richards, 1993: 139).

Essa mudança radical foi produzida pelas autocracias combinadas da Igreja e do Estado, que se recusavam a admitir a bissexualidade. A sexualidade humana estava agora tocada pela divindade de Deus e tornou-se sagrada (as mulheres eram tão marginalizadas que sequer eram consideradas). Em termos práticos, qualquer expressão sexual fora do casamento, ou posições, ou atitudes dentro do casamento que não fossem a penetração vaginal na posição mais tradicional estavam contaminadas pelo demônio. Gradualmente, todos os atos “desviantes” tornaram-se pecados graves e flagrantes contra a divindade de Deus. A única expressão sexual que escapou da condenação foi a prostituição feminina e o bordel, que a Igreja, em sua maior parte, preferiu ignorar. (Spencer, 1996: 119)

Esse período é um dos mais longos da Era Cristã, portanto, os códigos de condutas, a moral e a ética impostos pela Igreja aliada ao Império, dizimam e/ou segregam aqueles que não estão dentro dos requisitos socialmente estabelecidos.

Na modernidade, a homofobia se apresenta de formas multifacetadas, que vão desde a execução (assassinato) até a utilização de “simples” símbolos que ratificam a discriminação e o preconceito. A coisificação das relações sociais é característica peculiar de nossa sociedade, eivada de mitos, tabus e omissões - a negação da sexualidade humana e a estigmatização das minorias. O padrão moral desta sociedade – burguês religioso – tem servido para elevar a discriminação entre as pessoas, grupos, etc., não considerando as potencialidades e diferenças individuais. Impõe-se uma homogeneização nos comportamentos, através de normas e leis que mitificam a condição específica de ser que cada um possui e prolifera os preconceitos e tabus no meio social. As pessoas são reprimidas; castradas dos seus desejos – “a felicidade do amor natural” – pois, a moral tem

confundido a sexualidade como pornografia, eternizando-a como mancha sexual e arruinando a felicidade do amor. (Cf. Reich, 1995)

Portanto, o paradoxo da Antigüidade, a inquisição da Idade Média e a violência exacerbada em nosso cotidiano, tem nos revelado como a homofobia foi se cristalizando no percurso da história da humanidade.

Em sua versão recente na sociedade brasileira, a homofobia revela-se sob diversas formas. Mott (1997; 2000a), apresenta relatórios da homofobia no Brasil, caracterizada pela violação dos direitos humanos, especifica as formas manifestadas e relata casos ocorridos e registrados, como estes que seguem:

- Agressão e tortura

#### JORNALISTA GAY É ESPANCADO EM TERESINA

Efraim Ribeiro, jornalista homossexual, foi brutalmente espancado com um facão num restaurante da zona leste de Teresina, por um homem de cor negra, forte, 40 anos, que também lhe apontou um revólver, por pouco não o matando. Dias antes a vítima recebera ameaças pela internet. [Jornal Meio Norte, Teresina, 27.10.99]

- Ameaças e golpes

#### GANGUES DE MICHÊS EM SP

Segundo o Delegado Gastão Luppi, há um grupo de michês no Parque Trianon de SP que costumam ameaçar e seqüestrar gays, obrigando-os a tirar dinheiro em caixas eletrônicos. Alguns deles são suspeitos de terem assassinado um estilista. [Notícias Populares, 3-2-99]

- Discriminação em órgãos e por autoridades governamentais

#### JUIZ DO ACRE AUMENTA PENA ALEGANDO HOMOSSEXUALIDADE DO RÉU

Na sentença de ação penal contra WFW, de Rio Branco, Acre, o juiz condenou o réu a 24 anos de reclusão, em razão de seus antecedentes, “além do que evidenciada em sua conduta uma certa vocação ativa com o homossexualismo”... [Diário da Justiça, Rio Branco, n. 14493, março/99, p.15]

- Discriminação econômica, contra a livre movimentação, privacidade e trabalho

#### SAUNA GAY INVADIDA PELA POLÍCIA

O “Delegado de Costumes do DF teve de tratar com um público diferente, formado por rapazes de voz fina e trejeitos efeminados” quando fechou anteontem uma sauna gay (“SOHO”) numa daquelas “batidas” onde os clientes são expostos ao escândalo e tudo mais. O dono foi acusado de promover a prostituição. Sabe-se que foi apreendido para ficar como prova de acusação? Uma caixa de preservativos! [Correio Brasiliense, 24-6-99]

- Discriminação familiar, escolar, científica e religiosa

#### ESTUDANTE GAY DE 14 ANOS AMEAÇADO DE EXPULSÃO DA ESCOLA EM SP

O adolescente L, 14 anos, estudante do Colégio Agostiniano Mendel, SP, após escrever carta de amor para outro rapaz, denunciou que a orientadora da escola disse que deixasse de procurar o outro rapaz, que deveria entrar pela secretaria e não pela porta principal, que devia subir para sua sala depois que todos os alunos já tivessem passado, que não deveria ir mais à cantina. Em seguida sofreu diversos constrangimentos por parte de alguns professores, que passaram a ignorá-lo, sem responder às suas dúvidas em sala de aula, e por parte dos colegas, que circularam abaixo assinado exigindo sua expulsão. O jovem foi ameaçado de linchamento, sendo comum no pátio os alunos do “Movimento Matem Muitas Bichas” gritarem em coro: “Bicha morta!” O próprio diretor da escola declarou: “Como diz a Bíblia, Deus criou o homem e a mulher, não criou um intermédio entre eles”. Assustado com tanta discriminação, o jovem gay L. desistiu de seu amor, dizendo: “Muitos consideram que eu estou denegrindo a imagem do colégio. Eles me chamam de bicha e dizem que eu vou morrer. Vou sofrer sozinho!” Sem saber como enfrentar o preconceito e discriminação, os pais deste adolescente resolveram mudar de cidade. [Isto é, n.1569, 27-10-99; Folha de São Paulo, 18/25-10-99; 20-12-99]

- Difamação e discriminação na mídia

#### AUDITÓRIO DISCRIMINA HOMOSSEXUALIDADE NO PROGRAMA H

A Deputada Marta Suplicy, ao ser entrevistada no Programa H, de Huck, foi várias vezes vaiada pela platéia, recebendo este comentário de um jovem: “Gostaria de saber como a senhora pode falar de ética se defende o homossexualismo!” Ao que Huck concertou, piorando a situação: “Ela defende a união de homossexuais, não o homossexualismo...” [Hoje em Dia, BH, 23-6-99]

- Insulto e preconceito homossexual

#### ESTUDANTE GOIANO QUER EXTINGUIR GAYS DO PLANETA

O estudante R. de Goiás, 17 anos, declarou: “Detesto até falar em homossexualismo. Acho que essa raça deveria ser extinta do planeta. O homem nasceu para a mulher e a mulher nasceu para o homem. O contrário é feio e ridículo. Tenho vontade de bater quando vejo um travesti na rua ou percebo que alguém é gay”. [O Popular, 1-7-99]

- Lesbofobia: violência anti-lésbica

#### LÉSBICAS SOFREM VIOLÊNCIA FAMILIAR EM GOIÁS

A família é quem mais discrimina as lésbicas, segundo pesquisa do Grupo de Lésbicas de Goiás. Numa amostra de 85 mulheres homossexuais, 63% das lésbicas entrevistadas declararam ter sofrido violência por parte da mãe ou do pai, 25% dos irmãos e 13% de outros parentes. Há notícia de

lésbicas que foram internadas à força em clínicas de recuperação. “As lésbicas sofrem mais violência dentro de casa, enquanto os gays e travestis sofrem mais com a violência por parte de policiais”, afirmou Leo Mendes, Presidente da AGLT. [O Popular, Goiânia, 20-6-99]

- Travestifobia: violência anti-travesti

#### TRAVESTIS ESPANCADOS E FUZILADOS POR MOTORISTA NO MARANHÃO

As travestis Leda [J. Soares Carneiro] e Rebeca [G. de Jesus da Silva], foram metralhadas por um motorista aparentando 50 anos, ocupante de um corsa branco. Segundo Valesca, “eu mesmo já fui empurrada e apanhei desses homem”. [O Estado do Maranhão, 7-3-99]

- Assassinatos

Se compararmos a evolução dos assassinatos de gays, travestis e lésbicas desde nossos primeiros registros, em 1963 até 1999, constatamos que os crimes homofóbicos subiram de 50 por ano na década de 80, para 125 por ano entre 1990 e 1999 - um aumento de 150%.

A tabela a seguir mostra a sangrenta estatística dos homicídios de gays, travestis e lésbicas ocorridos em nosso país de 1963 a 1999:

ANO	TOTAL
1963-1969	30
1970-1979	41
1980	31
1981	34
1982	53
1983	46
1984	44
1984	34
1986	63
1987	77
1988	57
1989	64
1990	134
1991	153
1992	83

1993	149
1994	97
1995	99
1996	126
1997	130
1998	116
1999	169
TOTAL	1.830

(Mott & Yonara, 1999; Mott, 2000a)

É este arsenal homofóbico que tem configurado a nossa história, feitos que marcaram e continuam presentes em nosso meio. Casos que chocam a opinião pública em tempos mínimos, pelo menos enquanto se divulga nos meios de comunicação. Toda essa dinâmica truculenta parece estarrecer a população, não por mais um caso de censura à liberdade sexual, mas sim, pelas imagens sensacionalistas de sangue mostradas na TV.

Em que medida podemos explicar a atuação da sociedade na eliminação das vidas dos gays, quantificados na tabela anterior e outros que nem chegamos a tomar conhecimento? Que explicações temos para tantos assassinatos? Além do índice de assassinatos de homossexuais com tamanho crescimento, o gueto e os espaços (mercado) de consumo, também cresceram nesta última década, parece uma dinâmica acelerada nesta sociedade que não percebemos, muitas vezes, onde iremos “pôr pé no chão”, ou será que estamos firmes?

Parece, pelo menos é o que tem nos mostrado os movimentos organizados, que a visibilidade gay através dos movimentos organizados têm ocupado um espaço significativo no meio social em busca de uma sociedade menos escamoteadora da homofobia, mais justa para com a cidadania. Esse fator pode possibilitar a maior visibilidade homossexual, mas também, uma reação homofóbica de grupos ou pessoas, como nos revela os dados citados anteriormente.

Como os jovens assimilam os significados destes fatos no modo de pensar e agir? Que sentidos isso tem produzido na cultura juvenil? E ainda, em que a produção

desses sentidos contribui para a afirmação e/ou negação de uma orientação sexual? São questões pertinentes para se compreender os elementos constitutivos das relações de homens e mulheres em nossa sociedade.

#### **4.2 A Orientação Sexual e as relações de gênero**

Os jovens apreendem os valores na interação com a cultura, com a tradição estabelecida por esta, passada pelas gerações adultas. Estes jovens participam dos processos de socialização emitidos pelas instituições sociais: a família, a escola, a igreja, também os grupos pares. A feitura que cada instituição vai dando ao repassar os saberes, contribui diretamente para a formação das identidades. Assim, vai se consolidando a orientação sexual no processo interativo com o meio e seus semelhantes.

Traduzimos o conceito de orientação sexual como os “nossos desejos de utilização do sexo”, o sentimento do desejo sexual: se deseja uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto, ou ambos. Isto significa dizer que aquilo que sentimos, a excitação, nada mais é que o nosso prazer revestido no desejo pelo outro, elemento fundamental na relação sexual. Porém, esse desejo não se reduz somente ao prazer físico, mas assume uma dimensão mais ampla, aquela de compartilhar a própria existência humana.

O prazer para as relações homossexuais vem como um elemento de primeira ordem, sendo assim, desconsidera o fim procriador das relações heterossexuais imposto pela normalidade social e refuta a concepção tradicional das relações e/ou uniões sexuais, pois o “casamento” não ocorre nos moldes heterossexuais – isso tem causado uma profunda insegurança à tradição<sup>17</sup>.

Portanto torna-se necessário esclarecer a distinção entre alguns

conceitos básicos quanto à homossexualidade ou heterossexualidade: 1) prática sexual – o que as pessoas fazem no ato sexual; 2) orientação sexual – o que excita as pessoas sexualmente em fantasia ou na prática; e 3) identidade sexual – como as pessoas se autodefinem ou como são definidas pelos outros. (Cardoso, 1986: 54)

Na trama de socialização dos saberes, dos valores éticos e morais, dirigida pela geração adulta, assimilada pelos jovens, em nossa sociedade, a orientação sexual torna-se

---

<sup>17</sup> “A ‘tradição’ neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades ditas ‘tradicionais’. O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O

muito confusa. Isso ocorre na medida em que temos uma única possibilidade de realização sexual – a heterossexualidade – não se permitindo nenhuma discussão, no seio das instituições, que a venha refutar.

Desta forma, os jovens terão mais dificuldades em se assumirem homossexuais, alguns nem conseguirão, haja visto os conflitos causados pelas tensões da normalidade social, tanto do ponto de vista interno como externo. Por um lado, sua mente não consegue, em muitos casos, compreender a diferença existente em si na relação com os outros, dado a orientação homossexual, com o curso de seu objeto de desejo numa outra perspectiva daquela “verdadeira”; e ainda, o coletivo aplaude a heterossexualidade, descartando as possibilidades de uma vida homossexual. Esses conflitos poderão perdurar por muito tempo em sua vida e para muitos, será o tempo em que se descobre outras pessoas e lugares freqüentados por outros homossexuais.

Para que o adolescente seja capaz de si assumir (homossexual) é preciso que ele se sinta relativamente livre dos danos causados à sua auto-estima, para poder se sobrepor à negação de seus sentimentos por pessoas do mesmo sexo, negação esta provocada pela sensação de ter sido rejeitado, primeiro pelos pais na infância, depois por seus amigos, por temer desapontar os pais, pela estigmatização social, estereótipos negativos e pela falta de modelos saudáveis para seguir. Para se assumir para si mesmo, ele tem que ter adquirido suficiente independência e autoconfiança a ponto de perceber que nunca será capaz de corresponder as necessidades de seus pais, no que diz respeito a uma vida convencional com uma família convencional. De certo modo ele tem que desistir de fazê-lo. Freqüentemente a auto-aceitação só ocorre depois que o rapaz descobre o amor, uma paixão suficientemente poderosa para ajudá-lo a superar a negação. (Isay, 1998: 78)

A impossibilidade da auto-aceitação são modos estratégicos de atuação das instituições socializadoras de saberes com base numa concepção de educação autoritária, antidemocrática, em que ocorre a aceitação e o estabelecimento da ditadura: os processos vitais são mitificados; o subjetivo e o objetivo se fundem no individualismo, desamparando o caráter material e social; a desconfiança ocupa dimensões superiores fortalecendo o medo de assumir a responsabilidade de orientar a própria vida e; impera uma ansiedade do desejo mais ou menos forte de uma segurança ilusória de autoridade ativa ou passiva. Essa

---

passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. (Hobsbawn & Ranger, 1997: 10)

tradição “torna-se a ruína da democracia quando nega à geração mais nova a possibilidade de escolha” (Reich, 1988: 22).

Nessa perspectiva, a cultura dos jovens, expressada em seu cotidiano, nos espaços institucionalmente definidos (através das relações pares e não pares) bem como, nos espaços vividos nos grupos organizados (através das relações pares), vem de encontro com os conhecimentos promulgados pelas instituições socializadoras dos saberes. Seus ocultamentos no cotidiano, por um lado, classificam, selecionam e rotulam os indivíduos e, por outro lado, faz emergir uma nova dinâmica de valorização das subjetividades emergentes.

De modo geral, o funcionamento da dinâmica sociocultural direciona a vida nessa perspectiva: há uma negação e/ou rejeição dos sentimentos homossexuais por parte da família, dos amigos e da sociedade. E ainda, a sociedade apresenta de forma depreciativa modelos estereotipados e com o aval das instituições, fortalece uma orientação sexual não saudável. Os jovens são conhecedores dessa problemática e se expressam com muito convicção sobre o assunto.

*Se é difícil as pessoas se assumirem homossexual, eu não sei; mas a aceitação da sociedade, sim. Apesar de estarmos em pleno terceiro milênio, a aceitação da sociedade em relação ao homossexualismo ainda é muito difícil. Não sei dizer exatamente o porque. Eu imagino porque as pessoas não achem isso comum, apesar de ser bastante notório, esses casos de pessoas que são diferentes, mas o fato é que a sociedade acha que não é comum; até mesmo pela educação cultural, consideram isso anormal. (GE)*

*Agora na sociedade é muito difícil, porque quando a gente conhece o prazer, a gente acaba se escondendo, tanto dos pais como da sociedade. A gente se esconde muito na nossa adolescência, pois quando eu comecei minha vida de homossexual, eu sentia necessidade de me esconder de meus pai, de minha mãe, da sociedade. Um dia eu conversei com minha mãe e revelei quem eu era; ela é muito religiosa, ela não aceita isso. (GP)*

Na sociedade constituída pelo homem, branco, europeu, afirmada sexualmente como heterossexual, onde os outros: a mulher, o índio, o negro, o mestiço, o homossexual, etc., tornam-se categorias inferiores, quer por suas habilidades físicas, psíquicas, intelectuais e/ou comportamentais, as manifestações homofóbicas são cristalizadas. Assim são consolidadas representações acerca da orientação sexual no cotidiano dos sujeitos.



Com efeito, o modo como as instituições assumem o papel socializador, efetuam nos contextos socioculturais às gerações novas um modelo disciplinador nas tarefas da sexualidade, por pertencerem a uma cultura heterossexual; todavia a “produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (Louro, 1999: 27), a normalização se fará presente no espaço vivido pelos jovens.

Nos aspectos mais ‘triviais’ do cotidiano, ou, ‘os mais inconfessáveis’, os mais reveladores da cultura vivida pelos sujeitos, iremos perceber no decurso da história como as relações têm-se estabelecido de formas desiguais, onde o “homem-senhor” sempre teve a sua supremacia inabalável, enquanto que os outros (a mulher e os/as jovens) tornam-se figurantes dessa história, envolvidos numa trama de submissão em que os papéis sociais e sexuais são determinados para o homem e a mulher de formas distintas, ratificando as desigualdades. Esse tratamento desigual, estabelecido pelo ‘homem’, obedece uma dinâmica de desconsideração e/ou inferiorização das demais categorias.

As expectativas para os papéis sociais desenvolvidos pelos jovens ou pelas jovens seguem a lógica de um modelo social hierárquico na garantia de uns se sobreporem aos outros. Isso se constata quando interrogados, os/as jovens, sobre a diferenciação entre os gêneros na sua família, o que é permitido para as jovens e para os jovens, eles revelam que: às jovens, 84% está para arrumar a casa; 76% para cozinhar; 60% para trabalhar fora; 47% para estudar à noite; 39,3% para fazer festa em casa e 32,8% para sair sozinha; enquanto que para os jovens, 70% para sair sozinho; 66,7% para trabalhar fora; 57,3% para estudar à noite; 45% para chegar a hora que quiser e 35% para fazer festa em casa. Estes dados indicam como as famílias têm educado os/as jovens, ainda na lógica da dominação do macho. Apesar das necessidades atuais de sobrevivência, as atividades de cozinhar e arrumar a casa ainda são atividades para as jovens; a diferença no quesito trabalhar fora é a menor em relação aos demais(6%), atribuímos este fato à situação sócio-econômica que enfrentamos atualmente; já em relação a estudar à noite e sair sozinha/o a diferença é de, aproximadamente, 10% e 13%, respectivamente, do garoto para a garota.

A modelação dos papéis sexuais está referendada numa determinação biológica, refutando outras possibilidades para os indivíduos, como por exemplo, possibilidades de

expressarem sentimentos e emoções. O indivíduo tomado pela inibição em expressar-se livremente, age conforme o quadro de condutas permitidas a este. É nesta perspectiva que os meninos são motivados a crescerem destemidos, valentes, insensíveis a qualquer sentimento emocional; não podendo chorar, devem suportar a dor, o frio, o calor – devem ser resistentes e vencedores e/ou violentos; enquanto que as meninas devem ser sensíveis, dóceis e bem educadas (obedientes), suportando com altivez a dominação masculina, e ainda devem ser excelentes donas de casa. “As relações desiguais de gênero também se reproduzem nos casais homo, gays e lésbicas, daí a imagem que se tem de que existe sempre o ‘passivo’ e o ‘ativo’ nesse tipo de relação. (Silva, 2000: 44)

Contudo, as relações estabelecidas entre meninos e homens são mantidas com muita cautela exercida em sua camaradagem, pois esta deve estar “dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o macho”, diferentemente, entre as meninas e mulheres estas relações são mais permissíveis de afetividades.

E ainda, meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem (Louro, 1999: 29).

Essas exigências para os jovens e as jovens vão formando uma base sólida de saberes comportamentais organizados no senso comum, ratificadores de profundas desigualdades e discriminação, distanciando as pessoas umas das outras, impedindo-as, no caso da sexualidade e afetividade expressarem-se umas às outras com mais intimidade entre os gêneros iguais. Esta estratégia não deixa de ser, também, uma estratégia homofóbica.

Como tudo isso está posto em nossa sociedade moderna, ou como os jovens têm reagido nesse contexto de desaprovação das diversidades sexuais é esse processo que perseguimos e apresentamos com a investigação das manifestações homofóbicas, discursivas e/ou comportamentais, no cotidiano desses sujeitos, compondo aqui um conjunto de indagações/reflexões tradutoras dos conceitos, significados e sentidos, à homossexualidade.

## 5. PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA HOMOFOBIA: os significados e sentidos dos discursos dos/das jovens

### 5.1 Questões conceituais

Esboçamos até aqui, como as relações sociais, a partir da promulgação de saberes historicamente construídos, têm produzido significados e sentidos homofóbicos, seguiremos a discussão tentando explicitar como essas relações são reproduzidas no cotidiano dos jovens. Desse modo, a investigação das manifestações homofóbicas, discursivas e/ou comportamentais, se realiza aqui com o desvelamento dos discursos dos jovens para a compreensão de suas manifestações sexuais, da percepção traduzida nos conceitos referentes à sexualidade humana e na reação destes frente à homossexualidade.

Nesta perspectiva, a utilização dos conceitos de produção e reprodução advém das contribuições teóricas de estudiosos críticos à divisão social de classes na sociedade capitalista, especialmente Althusser (1980), e Bourdieu/Passeron (1975). No campo da educação, estes autores consideram a escola uma instituição consideravelmente reprodutora da estrutura social, à serviço das classes dominantes. A “violência simbólica” se efetiva em toda as esferas sociais no momento em que é dado aos sujeitos uma “versão autorizada da cultura”, concretude das instituições na direção de suas estratégias e metodologias para a reprodução de tal determinação.

Por outro lado, as contribuições de Willis (1991) alargam essa compreensão no espaço escolar, além de trabalhar a reprodução cultural, o referido autor, indica como a produção se efetivará – os sujeitos, atores sociais, não somente se acomodarão com a dinâmica imposta pela determinação cultural, mas desenvolverão processos “contra-hegemônicos”, subvertendo a ordem capitalística. Ambos, são processos de subjetivação, pois,

o modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se apropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização. (Guattari, 1996: 33)

Assim, apreender os discursos e analisá-los nos permite compreender o processo de produção e reprodução de sentidos”, refletido na existência humana - “esses sentidos tem a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (Orlandi, 2000: 30). A interpretação e/ou a análise dos discursos dos/das jovens nos remete a uma preocupação com o trato de suas falas e/ou atitudes comportamentais (suas vozes e silêncios – o que é dito e o que não foi dito) por constituírem uma “formação discursiva”, produtora e/ou reprodutora dos significados/sentidos atribuídos à sexualidade humana em nossa sociedade.

... entendidos como discursos, os actos da fala são conjuntos articulados de práticas significantes (não necessariamente lingüísticas) cujo nível de articulação fixa, de modo relativo, o significado de cada discurso na infinidade do campo da discursividade. No entanto, não há nenhum dizer que diga, sem mais nem menos o que quer dizer. No dizer (acto de dizer) diz-se apenas uma fracção do que se pensa (trata-se de uma deficiência congénita da linguagem). O dizer manifesta-se e apoia-se em inumeráveis coisas que se silenciam. A linguagem existe graças a possibilidade da reticência, do subentendido (o que não se entende bem). O subentendido, o deficientemente entendido é o que sociologicamente se torna necessário entender. (Pais, 1996: 76-7)

Esses sentidos se traduzem nas visões de mundo, eivados de ideologias. No espaço em que vivem, os jovens organizados nos grupos, reproduzem essas visões de mundo socializadas pela família, igreja, escola, estabelecendo um continuo – a emissão de um acervo culturalmente transmitido pelas gerações adultas às gerações novas, como também, produzem uma outra dinâmica, de valorização das relações humanas, - com isso rompem uma estrutura antiga, estabelecida pela tradição – nesse complexo dão sentido ao mundo em que vivemos.

Na perspectiva do continuo, constatamos que os discursos expressos por esses atores sobre a sexualidade são variados, na maioria das vezes antagônicos e restritos ao ato sexual, ilustrados pelos elementos do amor, do prazer e da prevenção. Alguns acreditam que o amor é o sentimento que fundamenta a realização da relação sexual,

*o sexo deve ser feito, você ter seu parceiro, sua parceira, só que na minha concepção deve ser feito com amor, você tem que gostar da pessoa para fazer, não é só fazer o sexo por fazer (GC);*

para outros, o prazer – ‘tesão’, impera desempenhando importante função na relação sexual,

*o prazer, sem dúvidas é muito importante, pois ele contribui para dar mais intimidade ao casal, mais entendimento, mais companheirismo. É exatamente para isso que existe a relação amorosa, a relação sexual; é exatamente o prazer para aproximar as pessoas.(GE)*

*Toda relação tem que existir prazer, isso é muito importante, principalmente com quem você gosta (GE);*

outra parcela, o terceiro elemento – a prevenção – surge com uma função intermediária, trata da necessidade das pessoas terem o cuidado com o corpo, com os órgãos genitais e as relações sexuais saudáveis, haja visto a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS,

*então eu acho que, hoje, na relação sexual entra em questão o problema das doenças sexualmente transmissíveis, que tá um absurdo aí. A gente sai para curtir com a rapaziada e rola sempre isso; o cara faz sexo com outra sem camisinha e não tá nem vendo, rola mesmo. É daí que surgem as doenças (GC).*

Esses conceitos revelam uma desarticulação na forma de tratar as relações conceituais entre sexo e sexualidade, ou então, não é claro o significado da sexualidade na vida desses sujeitos. Quando se fala em sexualidade, na maioria das ocorrências, os/as jovens direcionam seus discursos ao ato sexual - o que chamam de sexo. Não se anuncia a sexualidade como o conjunto de expressões que manifestamos e nos orienta no modo de viver no cotidiano, como por exemplo, o modo como nos apresentamos para os outros, como nos vestimos, gesticulamos, expomos nossas idéias – expressões/manifestações de cada pessoa, elementos constitutivos da personalidade de cada um, envolve tanto características físicas, como atitudes/comportamentos expressados nas relações com os outros e com o meio. Isso se torna evidente nos textos discursivos dos sujeitos investigados quando afirmam que “desde o momento que a gente começa a se entender por homem ou por mulher, você já vai atrás. Você entra na puberdade e vai atrás do sexo” (GC).

Quando se trata da orientação sexual há uma distinção entre três posicionamentos, variando entre os que acham: a orientação sexual como “uma opção de cada indivíduo”, como “algo pré-destinado” e, “coisa do demônio”. A discussão paira entre o aceitar ou não a homossexualidade – orientação fora dos padrões estabelecidos em nossa sociedade.

Os discursos de orientação sexual como “opção de cada um” manifestam-se com flexibilidade para a escolha do objeto de desejo, estes afirmam válidas as várias formas de amar e publicam uma ‘tolerância’ para os homossexuais, porém algumas vezes apresentam dúvidas, contradições e determinismo, afirmando que

*sobre a questão da homossexualidade, eu acredito nas várias formas de amar. Eu acho que cada um tem sua opção sexual, eu acho que deve haver várias formas de amar. Se você gosta de homem é o seu gosto; no entanto, eu gosto de mulher, eu vou sempre gostar de mulher. Talvez o meu pensamento mude. Mas creio que por enquanto não possa mudar, não. Eu gosto de mulher aprecio as mulheres e sempre vou gostar das mulheres. No entanto, o homossexual gosta de homem vai sempre gostar de homem. Pode até ter gostado de mulher. Então eu acho que... Se mulher gosta de mulher também. Eu não tenho nada contra. (GC)*

*Eu tenho dois colegas que são homossexuais e eu não sabia, a gente estava na gravação de um programa da TV na parte da produção; quando acabou o programa foi todo mundo tomar uma e, quando todo mundo toma uma começa a falar umas verdades; então eu cheguei; ele estava com aliança, aí eu: “\_ pô cara tu é noivo e nem me fala”. E ele: “\_ não cara, sou casado”, aí abraçou o cara e deu um beijo na boca na minha frente e falou: “\_ Ah, porque esse aqui é meu marido. Você tem alguma coisa contra? \_ Ah, eu não. Só não me cante e a amizade continua a mesma.” Eu não tenho nada contra. (GC)*

Os que consideram a orientação sexual como “algo pré-destinado” acreditam que o indivíduo, por assim agir, não tem consciência de suas atitudes, ou, não deseja essa orientação; anunciam que nenhum homem, ou mulher gostaria de ser uma “outra pessoa”. Isso significa que nenhum homem se sentiria à vontade desejando um outro homem – “desejos de mulher”; ocorrendo o mesmo com as mulheres, nenhuma delas gostariam de se sentirem atraídas por outra - seria contra a natureza humana. Sendo algo “pré-destinado”, não tem como ser mudado, nesse caso, deve-se aceitar a decisão desses sujeitos.

Uma terceira posição em relação à orientação sexual declara a homossexualidade como uma obra demoníaca, pois “Deus deixou o homem para a mulher e o resto é coisa de animal”. Os que anunciam este tipo de declaração não concordam com a orientação homossexual, muito embora não se habilitem, como expressam em seus discursos, a excluir os que assim se comportam, estão abertos até para “ajudar no que for possível”, como por exemplo, aconselhá-los numa outra direção.

*Eu iria opinar de acordo com a minha criação, minha educação espiritual. Eu diria, exatamente isso: Isso é uma coisa que , eu acho que não agrada a Deus e*

*que você irá sofrer muitos preconceitos, discriminação. Se, realmente, você quer isso, você quer partir por esse caminho, você deve estar preparado para enfrentar as discriminações e os preconceitos da sociedade em geral; você deve pensar bem se é isso que você quer realmente, você olhe a Deus, peça uma instrução divina para saber se realmente é isso ou se é uma precipitação sua, da sua descoberta. (GE)*

Nesse cenário, alguns jovens apresentaram dúvidas quanto à discussão realizada, pois ficam confusos em relação ao “sentimento de um homem por outro, ou de uma mulher por outra, será que é em casa – o modo que ele foi criado, se tem haver com a biologia – hormônios?” (GR). E ainda declaram não ter palavras para discorrerem sobre o assunto, haja visto que, para eles

*isso é uma coisa que a gente nunca consegue entender, porque se a gente é de um jeito e vê aquela pessoa de outra forma... é claro que a gente não consegue entender o porque dessa atração. A gente que é homem tem atração por mulher, como é que um homem pode sentir atração por outro homem? É isso que é inexplicável. Eu acho que se caso acontece, um negócio desse, eu tenho para mim que deve ser porque a pessoa nasce com o corpo de homem, mas a mente por certo deve vir atrapalhada, de mulher ou coisa assim. É até uma coisa fora do normal, a gente vê uma pessoa se apaixonar por outra do mesmo sexo da gente, eu não sei nem explicar. (GR).*

ou então, confundem os conceitos, como por exemplo:

*eu achava que a orientação sexual, de acordo com as informações que eu tive, seria informações sobre o ato, tipo prevenir de doenças e até mesmo como forma de você satisfazer a pessoa que esteja contigo. Isso é o que eu penso, posso até estar enganado, mas seria isso, seria orientação, uma educação para a pessoa, uma instrução de prevenção das doenças e até mesmo a educação de como proporcionar prazer ao seu parceiro, e também, sentir prazer, lógico.(GE)*

Porém, consideram desumano como na sociedade alguns tratam os homossexuais, caracterizam-no como “barbaridade” esse tipo de tratamento, como por exemplo, “expulsar o garoto da escola”, como no caso divulgado na reportagem da revista Isto é<sup>18</sup>, e outros que “humilham , matam...”

Portanto, esses discursos indicam o modo como os/as jovens estão concebendo e socializando os saberes quanto à sexualidade humana, sintetizamos nos seguintes pontos:

- não há clareza de distinção entre sexo e sexualidade, ambos, são tratados como relação sexual;

---

<sup>18</sup> Ver em anexo

- a orientação sexual é concebida de formas variadas, expressadas em três níveis: como “opção sexual”; como “algo pré-destinado” e como “coisa do demônio”;
- a afirmação da heterossexualidade é indiscutível;
- as dúvidas existentes sobre a origem da homossexualidade, para os/as jovens, justificam a omissão de alguns no debate e o medo de se exporem diante dos/das colegas do grupo;
- mesmo que a maioria dos jovens não concorde com a homossexualidade, todos consideram necessário o respeito aos homossexuais;
- A maioria dos discursos de aceitação da homossexualidade exige distanciamento dos homossexuais;

Esses elementos nos leva a acreditar na existência de uma base de saberes, como nos referimos anteriormente, pré-concebidos por nossa cultura, muitos deles cristalizados, emitem valores e/ou concepções contribuidores para a formação das personalidades dos indivíduos. Esses saberes são interiorizados durante o processo de socialização por qual todos nós passamos.

O processo de socialização se realiza com a interiorização do mundo que vivemos – a “realidade objetiva e subjetiva” – quando esta interiorização “constitui a base primeira da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido” (Berger, 1985: 174). O indivíduo apreende os valores, as normas, os saberes ao passo que se torna membro da sociedade. Esse processo se realiza em dois momentos: o primeiro – a socialização primária – ainda na infância e o segundo – a socialização secundária – qualquer processo posterior.

A socialização primária torna o indivíduo pertencente ao “mundo dos outros” como sendo o “seu mundo”. Esta ocorre de modo um tanto verticalizado, pois o indivíduo, na infância, possivelmente não questionará os valores, a normalidade e os saberes impostos como o conjunto de fatores necessário para a sua vida em sociedade. As interrogações e dúvidas que colocarão em ‘cheque’ toda a pedagogia realizada para a socialização desse arsenal de conhecimentos surgirão em função do desenvolvimento de sua personalidade.



A socialização secundária se efetivará com a contribuição das instituições como, igreja, escola e grupos pares, e ainda, a rua ou a comunidade. Parece haver uma dinâmica reprodutora no sentido de seguir uma lógica apreendida ainda na primeira fase da socialização, o funcionamento destas instituições segue, em nossa sociedade, a lógica determinada pelas gerações adultas – ratificam a reprodução de sentidos e significados nas relações entre homens e mulheres caracterizadas por uma profunda desigualdade, como nos referimos anteriormente.

Acreditamos que essa dinâmica da imposição dos saberes e condutas contribui para esses discursos tão desarticulados com as necessidades e anseios da vida coletiva. Daí, a razão desses sujeitos, sempre que discutem sobre determinados assuntos, como é o caso da sexualidade, a colocam entre pólos distintos e antagônicos; pois é comum, em seu cotidiano, os discursos permearem nos “achismos” tidos como verdades, muito embora não se tenha nenhuma fundamentação rigorosa. Assim, vai se produzindo ou ratificando uma concepção do que seja normal e do que seja anormal.

## **5.2 Os discursos instituídos (o que é normal e o que é anormal)**

Os discursos (re)produtores de sentidos de normalidade e anormalidade se proliferam no cotidiano vivido pelos sujeitos, tomam proporções de formas muito simples e, na maioria dos casos, de modo muito sutis. Isso é evidente, na discussão dos/das jovens sobre a homossexualidade ao declararem com muita ênfase seu caráter de anormalidade por não conceberem o desejo sexual de um homem ou de uma mulher por alguém do mesmo sexo.

*Eu não acho normal, igual uma mulher se apaixonar por um homem e o homem se apaixonar por uma mulher, não é normal, dá para perceber isso, mas eu aceito plenamente e sou contra a qualquer tipo de agressão ou expulsão. (GR)*  
*A sexualidade normal, dentro dos meus princípios, é a relação entre o homem e a mulher. Mas respeito a opinião e a opção de cada um. (GE)*

Esses discursos caem em profunda contradição, fruto de uma aquisição de saberes cristalizados como “verdadeiros” no cotidiano, característicos do senso comum, reproduzido na história da humanidade de geração para geração. Extratos da uma dinâmica

cultural de “produção de subjetividade capitalista<sup>19</sup>”. Assim, os homens e as mulheres vão seguindo essa dinâmica que forma um modelo de pensar e agir no coletivo: as formas de se sentir homem ou mulher, “as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais, são sempre sugeridos, anunciados, promovidos socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas” (Louro, 1999: 9).

A prova disto é um comentário feito por um jovem quando falava sobre a cena de beijo entre Jamie e Steven, os garotos do filme “Delicada Atração”:

*Em relação aos beijos, eu senti um espanto, para não dizer dois caras bonitos, dois caras bem parecidos se beijando e aquelas donas ‘doidas’ pelo cara, chamaram-no para tomar uma vodka e disse o interesse do convite, aí o cara foi se beijar com o outro, macho! Apesar de eu não ter nenhum preconceito, mas devia ter ido com a garota. (muitos risos) Porque um convite daquele das garotas nem é preciso o cara estar a fim, não, o cara tem que ir mesmo. No caso dele eu acho que só se fosse outro cara que tivesse convidado ele. Acho que ele estava a fim do convite daquele outro rapaz e não da moça. Ora, a garota o convidou e ele não quis ir, momentos depois ele estava se beijando com outro cara, eu fiquei espantado, porque uma dona linda daquela, o cara não querer... Não sei se há diferença em beijar homem ou mulher porque eu só beijei mulher e homem eu não quero experimentar, não. Acho que não é um negócio legal não, o cara chupar a língua do outro? Não é que seja seboso, é um negócio estranho, esquisito.(GR)*

Esses discursos se proliferam (re)produzindo sentidos e significados, regulando e fixando identidades, definindo lugares para cada indivíduo e até fortalecendo posições de superior e inferior – reproduz-se as desigualdades. Assim, a homossexualidade está nesse cenário numa posição inferior à heterossexualidade (como a mulher está para o homem; o negro para o branco, etc.). Ocorre que os indivíduos da categoria de “inferior” são culpados pelo caos existente na sociedade, segregados em guetos, são submetidos a processos de infantilização e a sociedade não concebe às diferenças, o novo, outras possibilidades.

Assim, a cultura vai dinamizando o cotidiano dos indivíduos a partir de normas institucionalmente estabelecidas e tradicionalmente passadas para as novas gerações. Os papéis sociais são definidos neste complexo de (re)produção de significados/sentidos, cristalizando relações de poder em todas as esferas da sociedade. Os postos de autoridade

---

<sup>19</sup> Para Guattari (1996) a produção de subjetividade capitalista é característica não somente das relações sociais na sociedade capitalista, mas também, das relações sociais nas sociedades ditadoras de suas normas.

são atribuído aos mais velhos, mais “sábios”, aos “superiores”; enquanto que aos mais novos, resta a subserviência/obediência.

#### – Os discursos instituídos na família

A família é a instituição responsável pela socialização primária – o processo mais significativo para o sujeito – servindo de base para a socialização secundária, quando o indivíduo “torna-se membro da sociedade”, encontra um mundo que não é seu, no “qual os outros vivem”. Assumindo esse mundo, identifica-se com seus semelhantes, incorpora os sistemas de códigos e sentidos para a vida, inculca as representações, normas, valores, códigos e a linguagem que vão formar o seu primeiro mundo – é uma interiorização do “mundo dos pais como sendo o mundo, e não como o mundo pertencente a um contexto institucional específico” (Berge, 1985: 189).

Deste modo, a família torna-se a referência principal para os jovens, dado ao processos de socialização, – independentemente das técnicas pedagógicas utilizadas – mesmo que muitas estabeleçam relações baseadas em princípios disciplinadores, a partir do cumprimento de normas. Estes sujeitos afirmam essa referência quando divulgam os significados e a importância desta instituição, afirmam que a família

*é ótima, maravilhosa, excelente, pessoas fortes, companheiras, amigas, muito unida;*

*eu acredito sinceramente que a família é a base do cara para o futuro, falo assim, de um futuro melhor com mais condições (GR).*

Muito embora, alguns tenham retratado os problemas de relações existentes, fato considerado comum, muitas vezes pela quantidade de pessoas ou pela diversidade de idéias.

Então, em relação ao diálogo na família, os jovens indicam que apenas 10% não conversam com seus pais, por alguns motivos, como: a falta de tempo dos pais, têm vergonha, não gostam de conversar, família conservadora, não dão espaço para o diálogo e ainda, não conversam sobre sexo e drogas. Alguns dos jovens informaram que “os pais não conversam muito com os filhos sobre namoro, sexo, (...) não tem esse diálogo aberto” (GR). Contrapõem-se a estas informações, cerca de 50% dos jovens que afirmam o diálogo em suas famílias, 21% conversam sobre sexo e 29% sobre namoro. E ainda endossam:

“quando existe algum mal-estar aqui em casa, a gente vai dialogando, vai chegando alguma conclusão”.

Apesar do diálogo presente numa boa parte dessas famílias, as posturas/conduitas, ainda são muito arcaicas, substancialmente de dogmas, preconceitos e machismo, pois as atividades de meninos e meninas se diferenciam nitidamente, ficando as meninas e/ou a mãe (as mulheres) responsáveis, em sua maioria, com o laboro de casa (como citamos no capítulo anterior), fato constatado nos discursos de uma garota e um garoto, respectivamente, como segue:

*Final de semana é mais para casa, para a igreja, às vezes, vou para a pracinha (garota do GR)*

*No meu final de semana eu tô curtindo uma bola, curtindo um som e curtindo minha gata.(garoto do GC)*

Desse modo vai se reproduzindo sentidos no cotidiano, instituindo papéis sociais e sexuais definidores de estereótipos que ainda prevalecem numa parcela significativa desses sujeitos. Esses estereótipos vão definir vantagens e desvantagens de ser homem e de ser mulher nessa sociedade. Como por exemplo, enquanto é vantagem para o homem a liberdade sexual, em relação à iniciação sexual; para a mulher é vantajoso a liberdade de expressar sentimentos e emoções, principalmente se forem sentimentos dóceis e frágeis. Porque para o homem é importante a necessidade de mostrar-se forte e reprimir qualquer sentimento frágil, “meninos não choram”. A família é a primeira instituição que vai cuidar da introjeção desses significados/sentidos. “Tomar jeito de homem”, é uma expressão típica de pais direcionada a filhos que não seguem essa dinâmica.

Dessa forma, as estratégias familiares, reprodutoras das manifestações homofóbicas, são refletidas na orientação sexual dos jovens, conforme foram contrastados com os discursos dos/das jovens e o tape dos filmes, como segue nos extratos do plano familiar.

O filme “Minha Vida em Cor de Rosa” apresenta uma família constituída de pai, mãe e filhos, tida como ‘normal’. Ludovic (7 anos) caracteristicamente com inclinações homossexuais, justificada no fato de gostar de vestir as roupas e acessórios de sua irmã e mãe, como também, por criar uma representação de possível romance com o Jerome (filho do vizinho). As famílias de Ludovic e Jerome vivem sérios conflitos: a mãe

de Ludovic apoia o filho em alguns momentos e, em outros, desaprova seu comportamento; o pai fica confuso, inicialmente, não aprova a conduta do filho, chegando a encaminhá-lo ao tratamento psicológico (em acordo com a mãe), a destrata-lo, expressam que “tudo de ruim que acontece” é culpa do garoto (quando o pai perde o emprego, por exemplo); mas nada resolve. Os pais de Jerome tentam proibir o encontro dos dois. Ludovic não compreende toda a celeuma criada pelas famílias, sente-se sozinho, desamparado, mal amado e tenta suicídio entrando no freezer, até que a família o encontre.

O filme “Delicada Atração” retrata a história de dois adolescentes, com a mesma faixa etária, que se descobrem homossexuais e se apaixonam. Jamie é o garoto mais decidido quanto à sua orientação sexual; sua família é composta por ele, a mãe e às vezes, o namorado da mãe que dorme em sua casa. Steven, o outro garoto, com a família composta pelo pai e um irmão mais velho, sofre espancamentos e xingamentos dos dois. Os dois garotos se descobrem quando Steven tem que dormir na casa de Jamie por ter sofrido agressões físicas do pai e do irmão. Logo que a mãe de Jamie confirma que o filho é homossexual (através de uma denúncia da escola) chama-o e conversam sobre o assunto, Jamie revela a situação e ambos têm uma crise de choro, porém a aceitação ocorre em seguida e os dois garotos passam a viver livremente com o apoio da mãe de Jamie.

Estes filmes apresentam dois contextos bastante comuns para muitos dos jovens e/ou crianças que se sentem homossexuais e vivem o conflito da diferença em suas famílias. Quando a ficção retrata a realidade e os sujeitos (espectadores) introjetam os planos da linguagem cinematográfica, em seus discursos sinalizam a rejeição de alguns pais ou mães; porém não conseguem vislumbrar, em alguns casos, uma conduta mais apaziguadora, parece que os pais têm o poder de discriminar, rejeitar, ou punir o filho, desconsiderando as formas de sentir-se homem ou mulher. Assim, ao traduzirem essa realidade, trazem para o debate a ficção entrelaçada com as histórias de pessoas que conhecem, ou a sua própria história.

*Os pais do Ludovic não aceitavam, e aqui (no filme Delicada Atração), quando a mãe do garoto soube, ela reagiu diferente. Ela o aceitou normalmente, apoiou. Eu acho que não é errado não, mas tem pais que são, radicalmente preconceituosos, aí eu não posso dizer que vou achar errado o lado da outra mãe que teve preconceito, que não concordou do filho ser gay; aí eu não posso*

*dizer que ela estava errada ou não, quer dizer, cada mãe tem seu modo de agir com o filho, seu sentimento, nem toda mãe é igual.(GE)*

*Como o Ludovic, eu também queria brincar de bonecas, sonhava casar com o vizinho. Foram desejos, mas todos reprimidos porque não havia nenhuma condição social, familiar, nem vizinhos gays. Então a repressão lá de casa é muito maior, vai fazendo o dia a dia muito cruel, não amabilidade do pai ou da mãe fugir dos padrões exigidos. Esse preconceito continua.(GP)*

*Eu prestei atenção ao filme e tive pensando, se todas as mães fossem iguais a Sandra – mãe de Jamie, seria muito bom. No meu caso, não, o que eu pensava ser mais difícil era a aceitação de meu pai e de minha família em geral, porque mãe é mãe, coração de mãe não se engana; mas foi o contrário, porque a minha mãe que poderia ter me dado força para eu ir em frente, foi quem me desprezou, enquanto que meu pai não, ele apenas disse se fosse o que eu queria e o jeito que eu tinha nascido, seguisse assim. Meus irmãos me aceitam numa boa.(GP)*

*As mães sempre tem que apoiar, porque elas não podem mudar. Eu tinha um amigo meu que os pais não aceitavam, a mãe mandou-o para o médico para fazer um tratamento. Aí ele chegou a mim e disse: “\_ não adianta, minha mãe está só gastando dinheiro, ela devia me dar esse dinheiro par eu fazer um transplante no meu cabelo que seria melhor”. (risos) Eu achei tudo isso muito engraçado, foi interessante, a mãe dele não aceitava, mas agora aceitou. (GE)*

O aceitar ou não-aceitar da família torna-se um processo muito doloroso para os

membros que a constituem, às vezes muito longo, encaminhando a vida do/da homossexual por vias muito amargas, tristes e solitárias. A transgressão, ou a forma que cada um vai reagir diante desse processo, toma efeitos muito singulares: alguns se reprimirão para a vida toda, constituem uma “família normal” e seguem a lógica da tradição, digo, da continuação da espécie, muito embora venham utilizar-se do gueto (os espaços segregados na sociedade, como bares, boates, saunas, etc.) para extravasarem seus desejos; outros se rebelam, se travestem e “escandalizam” a sociedade; há ainda os que utilizam as artes (das mais variadas formas); outros fortalecem os movimentos organizados de conscientização e luta pelos direitos humanos; porém, existem aqueles que se suicidam.

Estes efeitos singulares ainda são fortalecidos por outras instituições em corroboração com a lógica da normalidade social, a qual vivemos, que através de técnicas pedagógicas legitimam, ou não, esses processos, ratificando a lógica da “promoção do indivíduo” à socialização. Influenciando, consideravelmente, como os/as jovens vão agir no cotidiano. Vejamos como segue a dinâmica da socialização secundária a partir das instituições escola, igreja e grupos pares.

### **– Os discursos instituídos na escola**

A escola é o espaço singular da socialização dos saberes sistematizados historicamente pela humanidade. Para os/as jovens a escola é muito importante, 99,5% conferem essa informação, considerando-a não somente como um espaço da aprendizagem cognitiva, mas também como um lugar de encontros, onde os jovens desenvolvem relações harmoniosas entre seus pares. Apesar do espaço escolar ser uma criação do mundo adulto onde as crianças e jovens terão que se integrarem.

Diferentemente da família que trata de inculcar uma educação de conduta moral baseada muito mais no senso comum e na tradição, a escola trata de repassar os conteúdos cientificamente elaborados na cultura, através de métodos e técnicas específicos para cada área do saber. Ao utilizar tais métodos/técnicas repassa, também, as visões de mundo por qual os sujeitos devem perseguir. Pois, “a pedagogia produz não apenas versões particulares do conhecimento de sujeitos mas o próprio sujeito que-supostamente-conhece”. (Britzman, 1996: 77)

Nesse processo fortalece a reprodução de sentidos orientada pela sociedade das relações desiguais, contribuindo para a formação das personalidades e/ou solidificação dos saberes apreendidos na família e concomitante, na igreja. Contudo, a normalidade do espaço escolar tem sua elaboração pré-determinada, antes mesmo que os sujeitos (crianças e jovens) cheguem-no.

A rotina do espaço escolar: os horários (entrada, intervalo, saída); as normas disciplinares (dirigidas ao comportamento de cada aluno); as obrigações pedagógicas docentes e discentes, são fatores visíveis que contrastam a diferença entre os outros espaços vividos pelos jovens. Aqui, o cumprimento da norma estabelecida torna-se imprescindível, cabendo punição aos que o burlarem. Assim, se estabelece relações hierárquicas, verticalizadas, em que a estrutura segue uma ordem administrativa de quem dirige para os dirigidos.

Seguindo essa ordem, os corpos e as vozes ocupam posições a partir de orientações privilegiadas para o funcionamento harmonioso das atividades. Os que falam, geralmente são os que ocupam um posto de dirigente: o/a diretor/a, o/a coordenador/a, o/a orientador/a e na sala de aula o/a professor/a. Os demais escutam e seguem as normas

estabelecidas, ainda que dentro desta hierarquia apresentada, uns se sobreponham aos outros.

Outro elemento presente no espaço escolar é a concorrência – vence o melhor: a melhor escola ganha um título; o/a melhor funcionário/a ganha uma menção honrosa; o/a melhor professor/a ganha uma placa; o/a melhor aluno/a ganha um destaque de sua foto fixada no corredor central (em painel elaborado para tal fim), e ainda, a melhor nota. O que ganha os piores? Quem são os piores? Como não podem ser todos bons, os que não se sobressaem diante da normalidade e/ou processo seletivo escolar serão os piores. Para estes, o rótulo do não sucesso – do fracasso, a culpa por não seguirem os objetivos (pre)estabelecidos (quem consegue criar estratégias para vencer?). Nessa dinâmica é que os indivíduos são classificados mediante as expectativas dirigidas no espaço escolar, ao se tratar das condutas comportamentais, ainda são considerados baderneiros, mal comportados, mal educados, etc.

A ocupação desse espaço pelos/pelas jovens segue uma orientação em planos bem estabelecidos e uniformizados. Os corpos destes indivíduos são enquadrados dentro de dimensões restritas que negam as pulsões sexuais – o desejo: a calça jeans, a camisa de malha e o tênis dão o colorido azul e branco do uniforme de garotos e garotas; as cadeiras enfileiradas uma atrás da outra disciplina monotonamente o corpo, parado; o cuidado com o outro ocorre mediante a fiscalização de suas práticas comportamentais (tanto pelos pares como pelos não-pares); o coro vai controlando e direcionando os sujeitos (através dos aplausos – rituais de afirmação ou, pelas vaias – rituais de negação) dentro dos parâmetros exigidos pela norma instituída. Pois,

um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas (Louro, 1999: 21).

Estas tarefas da escola, na “dessexualização do corpo” por sua “escolarização”, ainda fornecem os elementos para a reprodução, “intencional”, de homens e mulheres “normais”, seguido por uma série de provas que vão solidificando suas identidades sexuais. Aos que colocam com mais evidência as suas manifestações sexuais, são vigiados com



maior intensidade, e ainda “ficam ‘marcados’ como figuras que desviam do esperado”, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.

Os homossexuais, são os atores com maior visibilidade nesse espaço, desconsiderados por não seguirem a modelação sugerida, pois a reprodução da heterossexualidade torna-se indiscutível, implícito ou explicitamente nos modos de se educar. Os/as jovens têm consciência de como essa dinâmica segrega os indivíduos e efetua a dicotomia dos saberes necessários para a formação de uma identidade homossexual.

Os filmes trabalhados neste estudo apresentam de modo muito claro como os processos pedagógicos desenvolvidos pela escola dirigem os sujeitos em “valas” estreitas, conduzindo as condutas para o fortalecimento da heterossexualidade e simultânea negação da homossexualidade.

O contexto escolar apresentado no filme “Minha Vida em Cor de Rosa”, no que se refere à sexualidade das crianças, mostra planos em que os meninos brincam com meninos e as meninas com outras meninas; os brinquedos dos meninos se diferenciam dos brinquedos das meninas; enquanto os meninos brincam com bolas, carros e pega-pega; as meninas brincam com bonecas, na maioria das vezes, sentadas. Quando Ludovic apresenta a boneca Pam, em sala de aula, seus colegas riem e a professora sugere uma orientação heterossexual para o mesmo, personificando a boneca numa de suas colegas. Porém, quando se torna visível o comportamento de afeto do Ludovic para seu colega, os coleguinhas prendem-no banheiro, xingam-no e agredem-no fisicamente; dirigem-no as seguintes expressões, como: “\_ A mulherzinha que desmunheca!”; “\_ Você tem peitinho?”; “\_ É uma garota falsa.”; “\_ Quer ser capado? Assim será uma garota de verdade.”; a direção da escola sugere sua transferência, com bases em documento de repulsa dos pais; a professora ainda consegue discutir com os alunos sobre a diversidade e as diferenças de cada indivíduo.

Já no filme “Delicada Atração”, Jamie é pressionado constantemente para jogar futebol com seus colegas, nas aulas de Educação Física, por isso sempre foge das aulas; seus cadernos são pichados por seus colegas com palavrões, como “bicha”, “veado”, “bicha sem-vergonha”; a direção da escola chama a atenção de sua mãe várias vezes porque o mesmo não se interessa pelo esporte e ainda, chega a comunicar de agressões físicas dos

colegas. Tudo isso parece muito fictício, porém, fato semelhante ao que citamos ainda no primeiro capítulo deste trabalho e outros relatados por Mott (2000), nos revelam como essa conduta homofóbica está presente em nossas escolas, confirmada nos discursos dos sujeitos desta investigação.

Os/as jovens indicam como as pessoas (os outros) têm reproduzido a homofobia no espaço escolar e como eles têm compreendido essas condutas: afirmam que o espaço da escola é muito demarcado por atitudes que estigmatizam os homossexuais, a partir de “brincadeiras” muito sutis - piadas – ou, aclamação de rótulos – “bichinha”; concordam que “alguns homossexuais que tem por aqui, na escola, eles ouvem o que não gostariam de ouvir. Algumas pessoas, com certeza, pessoas indelicadas, tratam os homossexuais com uma forma indevida. Eu já vi isso”. (GE)

Porém, não assumem a presença da homofobia em seus discursos, constataam que é característica dos outros, não de si, e deslocam a responsabilidade para o julgamento de Deus, pois ele como ser soberano é quem tem a autoridade para isso.

*se você chegar na maioria dos adolescente aí, eles dizem que têm raiva, eu não, mas eles dizem que têm raiva das pessoas que são assim. Aqui na nossa escola não tem nenhum problema, o pessoal convive numa boa, graças a Deus. Para mim não tem nenhum problema, também não, como eu já disse; não é querer dizer quem é certo ou quem é errado, vamos deixar isso para Deus.(GE)*

E todos nós já sabemos qual é o posicionamento de Deus, ensinado pela igreja na evangelização – “Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem” – , por certo não mudará a orientação homofóbica.

Todavia, a consciência da problemática homofóbica é clara para alguns dos/das jovens, principalmente para o grupo de jovens homossexuais, participantes do grupo político.

*os problemas que o garoto teve com os colegas de aula, onde foi necessário a mãe retirá-lo para outro colégio foi uma grande tensão; o garoto chegou a ser agredido. Não sei... Nunca tive esse tipo de experiência na minha vida, não sei como foi com o pessoal; mas sei que no colégio é onde se forma grande parte do condicionamento social, na sala de aula, enquanto criança ou adolescente. (GP)*

*O problema é que existem muita coisa para atrapalhar a orientação sexual; a escola, pública ou privada, ela não dá chance de você por em exercício a*

*orientação sexual diversificada, porque se não se casar dentro dos papéis definidos... as chacotas são enormes. Por isso o analfabetismo é muito alto entre as travestis, talvez seja por conta disso; a influência é rígida por imposição à sua orientação. (GP)*

Portanto, as expectativas do espaço escolar desenvolve uma pedagogia da disciplina e do controle das condutas dos indivíduos através de múltiplas estratégias que, muitas vezes, faz uma introjeção da aprendizagem da vergonha e da culpa por não seguirem a lógica esperada. Tudo isso faz parte do fortalecimento de uma política de identidades, em que muitos instrumentos direcionam a orientação sexual para aquela hegemônica e indiscutível – a heterossexualidade.

#### **– Os discursos instituídos na igreja**

A igreja é o espaço sagrado, o lugar do encontro com Deus e com os irmãos, reservado ao louvor, à penitência, ao arrependimento; mas também é o espaço ritualizado pela vida e seus intervalos até a morte. Os sacramentos (o casamento, o batismo e a eucaristia) são os rituais que vão cristalizar a doutrina religiosa na vida dos indivíduos, sendo o pecado o elemento disciplinador das condutas dos homens e mulheres – fiéis. Esta doutrina permeia todos os espaços vividos no cotidiano, haja visto que “Deus é a razão da vida”, como nos ensina a igreja.

Sendo o casamento o sacramento mais importante da igreja, a sua norma também será elevada – casa-se homem com mulher e vice-versa, bem herdado pela geração de Adão e Eva – conforme a escritura sagrada, fundamentada, especialmente, na reprodução da espécie humana, concomitante a reprodução das idéias cristãs traduzidas pelos seguidores de Jesus.

Muito embora Jesus nada tenha falado sobre a sexualidade e o prazer sexual, segundo os escritos sagrados, o sexo é determinado pela ideologia cristã, único e somente para a reprodução da espécie. Qualquer forma de prazer alheia a esse objetivo será reprimida com a ameaça devastadora do pecado, tendo como punição o sofrimento eterno no inferno.

A homossexualidade é condenada do início ao fim – os próprios jovens a consideram como “coisa do demônio” –, com os rótulos de sodomia/sodomita a

“depravação grave”. A orientação da Igreja Católica referenda a forma mais drástica da exclusão com suas atitudes homofóbicas, nega o prazer e subjuga os sujeitos.

Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao Dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados. (...) Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida e, se forem cristãs, a unir o sacrifício da cruz do Senhor às dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição (Catecismo da Igreja Católica, 1993: 531).

Deste modo, fica difícil para os/as jovens se libertarem do teor homofóbico em seus discursos apreendidos pela instituição de maior poder – o poder espiritual – e dona do conhecimento verdadeiro, inabalável, indiscutível. Então, os seus discursos, quando emitidos a partir de justificações de teor ideológico da homofobia religiosa, são contraditórios à realidade, à prática, à vivência no cotidiano. Esses discursos se chocam com os próprios enunciados da religião, como por exemplo ao propagar o amor ao próximo como a si mesmo.

Diante deste confuso entendimento entre o religioso e o profano, alguns jovens (principalmente os religiosos) dizem que, ao assistir o filme “Minha Vida em Cor de Rosa”, sentiram pena de Ludovic por ter dado uma justificativa para o erro de seu sexo a partir do erro divino:

*Ele até brinca, a irmão fala com ele explicando como é que a pessoa nasce homem ou mulher; aí ele brincando diz que o X dele tinha se perdido no lixo, que Deus tinha jogado mas tinha perdido. Não foi assim não, Deus, ele é perfeito e na Bíblia mesmo fala, em Gênesis, no livro da criação, que Deus criou o homem e a mulher, o homem para a mulher e a mulher para o homem. Deus não criou o homem para o homem, nem a mulher para a mulher. Agora, é claro que acontece, eu não sei o porque, dizem que é doença, eu não sei se é doença. Eu tenho minha opinião formada (pausa). No primeiro livro da Bíblia diz que Deus criou o homem. Viu que o homem estava só e que não era bom, portanto criou para ele uma companheira, uma mulher, para que ele tivesse companhia e, que estivesse presente nos momentos necessários. E não fala que Deus criou um outro homem para o homem, não. (risos) Mas em hipótese nenhuma eu rejeito não, pelo contrário, eu conheço pessoas que são homossexuais, de ambos os sexos e eu tenho convivência normal com essas pessoas, me dou muito bem com elas, assim... é uma questão de respeito, eu as respeito e elas me respeitam, a gente se trata com respeito. Eu não avanço os*

*espaços delas, nem elas entram em meu espaço. E a gente se respeita, conversa numa boa. Por incrível que pareça a gente tem até uma amizade, mesmo. Eu entendo essas pessoas, mas eu declaro a minha posição (risos) eu não desprezo nenhuma. Eu sou evangélico, tenho minha concepção espiritual sobre esse assunto. No início da criação, Deus após ter criado tudo, ele viu que tinha necessidade de criar uma pessoa para cuidar de tudo aquilo que ele tinha criado, criou o homem. Viu que o homem estava só; e não era bom para o homem ficar só, então resolveu criar o que: numa noite fez o homem dormir um sono e nesse sono, Deus retirou uma das suas costelas e criou uma mulher. É aí que está aquela parte que eu falei: Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem; senão ele teria tirado uma costela de Adão e teria criado um outro homem, mas não. Até mesmo com relação a concepção divina, no início da criação ele criou, primeiro, os animais, mas criou casais; de cada espécie de animal ele criou um casal: um macho e uma fêmea. Daí eu penso o seguinte: no filme o garoto disse que o X dele tinha caído no cesto do lixo. Então eu falei: Não, Deus é supremo, ele é divino, ele não iria cometer esse erro. Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem. De um lado eu discordo do preconceito, porque eu acho que Deus fez o homem para a mulher, mas se é o que ele quer, se é o desejo dele, eu não posso forçar a querer que ele faça uma coisa que não é de sua vontade; acho que gosto não se discute. Mas a minha opinião é que o homem é para a mulher, mas se não era isso que ele queria, só que assim fosse. Agora eu não gostei do preconceito, porque se isso era a vitória que ele queria conquistar, ninguém era para estar contra ele não (GE)*

Nesta fala é perceptível como esse jovem apreendeu o que a religião lhe ensinou e como esse ensinamento é confuso em seus significados, produz sentidos desentoados com a realidade que se vive; pois na medida que ele afirma “Deus supremo”, ser perfeito, não consegue explicar (e ninguém ainda conseguiu atender essa questão) o porque da homossexualidade, porém, com o peito arfante declara ainda ser amigo de homossexual, afirmando uma possível inferioridade e/ou infantilidade ou, maturidade tardia (como a própria igreja os ensina) para os homossexuais, porém não gostou do preconceito. Ao que indica, ser heterossexual, religioso e amigo de homossexual é um ‘dom divino’; parece ser uma coisa extraordinária conseguir ser amigo de homossexual. Que indivíduo é este, o homossexual? Tudo que esse jovem afirma tem base sólida nos ensinamentos emitidos pela igreja cristã.

Não fica por aí, porém os relatos que seguem, anunciados por outro jovem do grupo religioso confirmam esse cântico desentoadado que a igreja obriga-nos a escutar e

seguir, mas indica outros elementos necessários para a nossa compreensão da vida, não permitidos na religião:

*o que eu queria falar é sobre religião, esse caso foi acontecido. Eu tenho um tio que ele é veado, aí ele era religioso; quando descobriram que ele era veado, expulsaram-no da religião. Nesse fato eu percebi o seguinte: depois que ele, realmente assumiu, ele ficou mais feliz, ele mudou de comportamento, ele ficou legal, quer dizer quero repetir novamente, o que vale é a felicidade. Você tá numa coisa e não tá gostando... Quando a pessoa assume muda completamente o comportamento. Muda porque ele encontrou a felicidade, o sentido da vida é a felicidade. Ele vai entender isso. (GR)*

Assim como a família, em alguns casos, expulsa o filho de casa, a igreja faz o mesmo, conforme o relato anterior. Todavia, não deixamos de considerar e anunciar, aqui, uma pequena parte da igreja ter avançado no sentido de tomar novas posturas diante de casos homossexuais – já existem igrejas que realizam casamentos homossexuais, muito embora saibamos que isso não é o fundamental para a luta de emancipação humana, a reprodução do casamento heterossexual no homossexual – haja visto nos dias atuais a grande discussão da justiça e dos direitos em volta da cidadania.

Até aqui estamos tentando entender e fazer-nos entendido dos processos pedagógicos desenvolvidos pelos espaços institucionalmente criados para a socialização dos saberes acumulados pela experiência humana às novas gerações. Temos percebido que, a pesar dos sujeitos não somente reproduzirem a homofobia, como é estabelecida pela dinâmica social em que vivemos, também, recriam novos espaços e desordenam estes processos harmoniosos de nossa sociedade; porém, a dinâmica por qual passamos nos espaços institucionalizados da família, da escola e da igreja são profundamente ratificadoras da reprodução homofóbica, através de suas técnicas de emissão de saberes e delimitação de condutas com bases sólidas numa moral aclamadora das manifestações homofóbicas. Perseguindo nosso estudo, passaremos a analisar os espaços recriados pelos jovens nas relações pares.

#### **– Os discursos instituídos nos grupos organizados (relações entre pares)**

O grupo de jovens organizado, a partir de seus interesses objetivos e subjetivos, respectivamente, é o lugar por excelência da camaradagem, do companheirismo, da fraternidade. Os jovens o caracterizam como “uma outra família, diferente da família de

sangue”; uma família do crescimento político das personalidades coletivas, onde fortalecem as amizades percebendo-se no e com o outro.

Para os jovens, os amigos são importantes em muitos aspectos, como por exemplo, para desabafar, para compartilhar as alegrias do sucesso, como também as tristezas e angústias da vida: em torno de 79% emitem esses pensamentos. Daí, quando ocupam o tempo com as conversas, o namoro, o sexo e as amizades são os assuntos preferidos; contudo, é fundamental que o amigo seja alguém sincero, fiel, companheiro, compreensivo, que ajuda na horas difíceis.

Os grupos também são instituições, têm sua dinâmica, sua pedagogia. Nestes, as relações são estabelecidas com leveza, muito embora seus membros não deixem de reproduzir valores de discriminação – tradicionalmente expressos pela cultura. Quando isso é manifestado, os jovens explicam que são brincadeiras, como por exemplo, reparar o colorido da roupa do outro emitindo desconfiança da condição heterossexual, no caso dos meninos, tudo com muita descontração e no momento em que não esteja presente alguém que seja homossexual (até parece que existe uma forma universal para se perceber qualquer homossexual). Esse tipo de interação revela que o grupo não está livre do preconceito, muito embora haja, em alguns grupos (como cultural e político) todo um trabalho de produção de sentidos em função da aceitação das várias formas de amar.

*No movimento é tirado que toda forma de amor é válida. Entre os grupos não, mas entre pessoas, são detectadas pessoas no movimento que têm preconceito. Às vezes assim brincadeira que passam preconceito em relação a isso. Mas preconceito assim... O movimento mesmo, na realidade, ele não tem preconceito. Mas alguns membros do movimento, com certeza ainda têm. Ainda são, assim, tolos. (GC)*

*Em relação aos grupos, tanto na escola, como fora da escola os homossexuais sofrem muito preconceito, pois é costume os colegas tirarem brincadeiras, soltarem piadinhas. Acho que os meninos que são homossexuais aqui na escola acabam sofrendo com o preconceito, com a discriminação; porque os outros ficam falando: \_ Olha toma jeito de homem! Tem muita gente que fala mesmo. Falam sobre o jeito dele expressão, como: Pei! Pei! Aí a pessoa acaba sentindo com isso, porque isso é uma brincadeira muito besta. (GE)*

Esses exemplos configuram como os espaços ocupados pelos grupos estão imbricados em meio às visões de um mundo instituído - reprodutoras da homofobia. As técnicas educativas desenvolvidas nestes espaços vão modelando os sujeitos em seu pensar

e agir, de tal modo que os torna muito contraditórios em seus discursos e/ou em sua prática cotidiana. Pois, à medida que alguns anunciam a liberdade de expressão sexual, limitam-na com suas brincadeiras, inibem os sujeitos, seus próprios companheiros de grupo. Quando não pertencem ao grupo, tratam com “chacotas” e/ou “curras” num tom bastante hilário, como está anunciada nas falas anteriores.

Não é por acaso que no espaço escolar seja constatada a inexistência da discussão sobre a sexualidade humana, mesmo com todo empenho (propaganda) dos Novos Parâmetros Curriculares elaborados pelo MEC. E quando isso acontece, vinculam a discussão às doenças sexualmente transmissíveis ou à reprodução humana. Segundo os/as jovens isso “é uma lacuna que ainda não foi preenchida; quase não acontece esse tipo de atividade, somente agora com a pesquisa”. E ainda os professores nunca estão preparados para tratarem do assunto com os/as alunos/alunas, parece uma forma estratégica de não se comprometer para não ‘abalar’ as estruturas da família e da igreja. Sempre manifestam que “pode a família não achar bom” ou, “isso é uma obrigação da família” e “os/as meninos/meninas não estão prontos para saberem certas coisas/assuntos”. Portanto essa atitude da escola contribui com o modo como os/as jovens se manifestam logo que surja oportunidade: os mesmos silenciam, nada discutem, se omitem no debate, como ocorreu conosco. Eles/elas têm consciência disso e explicam-nos individualmente (na entrevista) que

*as pessoas não falam por algumas razões: muitos são tímidos independente do assunto; outras não querem tocar nesse assunto porque é muito polêmico, porque pode alguém dizer algo e outro não gostar e, vai surgir opiniões contrárias. Como por exemplo naquele dia quando começamos a discutir que o (J) disse que homem era para mulher e mulher era para homem, nosso amigo (A) não gostou e se levantou, saiu, foi embora, ele mesmo disse. Isso pode irritar, e não dá para discutir mais nada. Agora, numa conversa individual é bem melhor, como estamos, a pessoa conversa mais à vontade. Eu gostei de tudo.(GE)*

*Esse é um tema muito polêmico; pode ser timidez; outros têm medo de dar opiniões. Pelo próprio assunto, o tema já deixa a pessoa tímida. Pode ser o medo de ofender alguém do grupo, também. Pelo menos no dia do filme, esses foram os argumentos que as pessoas com quem conversei disseram, teriam medo de ofender alguém do grupo, de magoar alguém, que por ventura sejam.(GE)*



*O problema é porque a galera não está acostumado ver como no segundo filme, os garotos se beijando; mas é o que está rolando hoje em dia. Se você tiver um convívio bem dentro do sexo homossexuais, rola isso aí. Você vê numa boa. Não é que eu esteja maldando ou defendendo ninguém, mas se os caras são homossexuais, rola de tudo. Eu falo maldar porque fico preocupado com o que vão pensar. Mas se você me perguntar se é certo, eu vou dizer basicamente que não é certo, mas quem sou eu para julgar, por isso eu prefiro ficar calado. (GE)*

Parece uma estratégia de defesa utilizada pelos/pelas jovens para não se exporem diante de seus colegas. Falar de homossexualidade é muito comprometedor, então fica difícil de um debate no espaço escolar porque lhes falta o hábito da discussão sobre a sexualidade (imagino, também, em outros assuntos ocorrer o mesmo).

Daí, vemos um arsenal de códigos confirmadores da reprodução homofóbica do qual os/as jovens não escapam no cotidiano, revelando-os em sua convivialidade entre pares de modos muito sutis, como se apresentam nas seguintes situações:

#### Situação 1

Um aluno chegou atrasado após a chamada e solicitou para a professora marcar a sua presença na caderneta, expressando-se da seguinte forma:

\_ Professora, anote a minha presença, o número 24, o número da bicha.

A maioria da sala riu, enquanto o garoto repetiu:

\_ 24, o número da bicha!

Um colega ao lado replica:

\_ Rapaz, solicita para a dona Zeneide (a diretora) mudar aí, teu número.

\_ Não, deixa assim mesmo!

\_ Tu já tá acostumado, né!? Todos riem, mais uma vez. (Notas do diário de campo – visita de observação na sala de aula)

#### Situação 2

Durante a aula houve uma movimentação de alguns alunos, os garotos, em função do recado que iriam divulgar pela rádio na hora do recreio; denominavam alguns apelidos, como: maníaco; chupacú; maníacos do parque; Um deles sugeriu em escrever no anúncio: \_ *e ainda o nosso querido professor...* Outro hesita: \_ *Querido!!?* Enfatizando negativo para o tratamento dado ao professor.

(Notas do diário de campo – visita de observação na sala de aula)

#### Situação 3

Essa sessão foi muito instigante, pois os jovens ficaram muito “excitados”, muitas expressões fluíram no decorrer do tape, além de conversas e risos. Em alguns momentos, chegaram a antecipar as cenas posteriores. Logo no início quando Jamie sai da escola correndo, fugindo do jogo de futebol, foi motivo para risos entre os garotos e garotas.

Noutro momento quando Jamie passa loção nas costas de Ste:

Gto1 \_ Vai se encaixar no homem.  
 Gta1 \_ Quem é mais veado aí?  
 Gto1 \_ Todos dois. Olha aí o R.  
 Todos prendem a atenção no tape.  
 Gto2 \_ Vai passar no cu dele!  
 Gto3 \_ Eles estão na mesma cama?  
 Gta1 \_ Eu não estou dizendo...  
 Jamie beija Ste pela primeira vez, tocando os lábios:  
 Gto1 \_ Não meu irmão, um negócio desse, se fosse pelo menos uma mulher!  
 Gta1 \_ Mas o mais veado é o loirinho.  
 Gto2 \_ Que seboso!  
 Gta2 \_ As feridas estão se sarando.  
 Nesse momento o barulho foi muito grande, não sendo possível anotar todas as expressões. (Notas do diário de campo – observações durante o filme “Delicada Atração – GR)

Sugerir ao colega para trocar a ordem do nome na lista da caderneta por ser o número 24 (o número da bicha); hesitar no momento que o colega se refere ao professor com a expressão “querido”; revidar quando o garoto, no filme, brinca não somente com bonecos, mas também com boneca e, em todos os momentos, ao se referir aos homossexuais utilizar expressões como, “balde”, “pit”, “pacosa”, “ruela”, “veado”, “bicha”, “gazela”, “bambe”, “babau”, “peroba”, “frutinha”, “mariquinha”, “mulherzinha”, “mona”, “boneca”, “senhora”, etc. São manifestações sutis, eivadas de preconceito homofóbico, no entanto, comuns no dia-a-dia dos/das jovens, justificadas pela diversão e/ou descontração que caem no esquecimento.

*Na turma que eu ando os cara bagunçam só por bagunçar mesmo; então eles não estão nem aí, é só por diversão, mas no fundo, no fundo, ninguém liga não. É tudo descontração, como por exemplo: \_ olha ali aqueles dois veados! Fazem graça, mas quando chegam lá na frente esquecem, a maioria bagunça é só por diversão. O importante é que todos tenham a noção disso. Um dia desses aconteceu: vinha eu e dois colegas e vimos dois homens se beijando, nós bagunçamos na hora, mas depois, esquecemos. Isso foi só para descontrair, o importante é isso aí. (GR)*

Divertir-se com o jeito de ser do outro são atitudes configurativas de um contexto tolerante em nossa sociedade, onde ser homem e ser mulher faz parte de um binômio antagônico. Pois,

*quando é homem mesmo, não gosta de brincadeira de boneca, vestir-se de mulher, não gosta; quando ele não é homem, mostra logo o lado de querer ser menina “ou”, por o cara ser homossexual ele tem quase o mesmo jeito de mulher, ele tem aquele jeitinho... só que o cara não nasceu perfeito, nasceu homem, nasceu com jeito de mulher (GE).*

Como vemos, estas condutas manifestadas, mesmo sem nenhuma intenção preconceituosa, têm solidificado os estereótipos – marcas na personalidade física e psíquica dos indivíduos – do ser homem e do ser mulher, como normais; os homossexuais são homens ou são mulheres, mas nem uma coisa nem outra, ou homem-mulher e mulher-homem. Daí, as relações se proliferam dentro dessa dualidade genética do ser homem e do ser mulher, seres específicos, dada as características biológicas e, seres genéricos, dada a concepção divina de irmãos, filhos de Deus, porém, submetidos um ao outro.

Essas condutas nos apresentam, apesar de alguns/algumas jovens declararem a liberdade às várias formas de amar, a orientação sexual ainda como um elemento que cinde as relações sociais – um divisor de águas – quer sejam entre pares ou não pares. Enquanto que no grupo estudantil existe o coro para aplaudir ou vaiar, disciplinando e controlando as condutas (e esse coro se apresenta com muita firmeza); nos outros grupos, mesmo com a leveza e a descontração, as “famosas brincadeiras” exercem função semelhante. Vejamos outro exemplo desse tipo de estratégia em um dos grupos, quando se referem ao modo de se vestir ou na coreografia apresentada na dança:

*Na dança break alguns finalizam fazendo uma pose, como flash – para fotografar. Uma das poses realizada por um jovem: finalizou a dança deitado no chão, em sentido lateral, com as pernas cruzadas, segurando a face com a mão, com apoio do antebraço no cotovelo. Nesse momento, alguns riem e uma garota expressa: \_ Veja que posição tchola! Marquinhos, que posição tchola! Esta expressão indica uma posição afeminada. (Notas do diário de campo)*

Com isso percebemos o quanto fica difícil dos/das jovens se desvincularem dos valores homofóbicos apreendidos. Mesmo assim, em nenhum dos grupos há rejeição quanto à participação de alguém que seja homossexual, os mesmos consideram, como no caso do grupo cultural, que o importante é o sujeito gostar de estar no movimento, gostar do rap, do grafite, do break, do DJ,

*se ele realizar uma dessas funções, normal. E se o cara realmente tá lá dentro é porque tá querendo fazer o movimento. Então a gente não impede ninguém, nem homossexual, nem mulher, nem preto, nem branco, nem azul, nem índio, nem coreano. Se não tem homossexuais dentro do hip-hop é porque a gente não*

*pode tá pegando esses cara, porque a gente não tem certeza se é isso que eles querem, tá entendendo. No maranhão tem um cara que é homossexual e é do hip-hop. (GC)*

Fundamentalmente, no grupo político é essencial a participação efetiva em suas manifestações. Isso mostra que há, nesses grupos, uma abertura mais flexível para se trabalhar com as diferenças, sem negar a existência dos códigos e sentidos reproduzidos por estes na exigência de determinados comportamentos/conduitas dos seus membros, como temos conferido.

Contudo, não somente os discursos e/ou comportamentos têm reproduzido a homofobia, mas há sinais indicadores de uma outra possibilidade (a tolerância? a aceitação?). Podemos chamar isso de tolerância? Como esses sinais são manifestados pelos/as jovens? Esses sinais podem ser considerados os elementos constitutivos nos espaços dos grupos pares que vão diferir dos outros espaços, aqueles construídos exterior à vontade dos/das jovens? Como isso está sendo vivenciado pelo/pelas jovens?

## 6. OS PROCESSOS DE DESFAMILIARIZAÇÃO DA HOMOFOBIA

Tendo em vista que a homofobia é um construto sociocultural, uma criação do mundo civilizado, produto das relações estabelecidas entre os homens e que, à medida que o homem ratifica processos discriminatórios e preconceituosos com os homossexuais, ele também retifica esses processos com a negação da homofobia. Consideramo-los como processos de desfamiliarização e/ou desconstrução da homofobia os acenos dos/das jovens na perspectiva da última possibilidade, a dimensão indicada em seus discursos da negação da homofobia.

Nesta perspectiva,

O termo desconstrução é utilizado, aqui, para se referir ao trabalho necessário de reflexão que possibilita uma desfamiliarização com construções conceituais que se transformam em crenças e, enquanto tais, colocam-se como grandes obstáculos para que outras possam ser construídas. Damos preferência ao termo *desfamiliarização* porque dificilmente “des-construímos” o que foi construído. Criamos espaços, sim, para novas construções, mas as anteriores ficam impregnadas nos artefatos da cultura, constituindo o acervo de repertórios interpretativos disponíveis para dar sentido ao mundo. (Spink, 1999: 27)

Esses processos, da desconstrução e/ou desfamiliarização, são rupturas do naturalizado, assim os discutiremos a partir das sugestões indicadas e/ou experienciadas pelos/pelas jovens, anunciadas em seus discursos. De tal modo, compreendem ensaios do cotidiano, que por um lado revelam uma tolerância falsa, mas que por outro, desmascara-a e introjeta outra dinâmica constituindo um complexo dialético inerente à realização plena da sexualidade como um todo.

### 6.1 Ensaios de tolerância

De certa forma existe uma luta, por um lado afirmando a reprodução da homofobia e, por outro a sua negação, a partir da produção de outros discursos – outra dinâmica. Esta luta vai impulsionando o surgimento de uma nova conduta social, que ainda se apresenta muito complexa; pois, enquanto alguns discursos e/ou condutas dos jovens sugerem o respeito e a igualdade de direitos, em outros ainda ratificam a homofobia. Os grupos instituídos, como a família, a igreja, a escola e os grupos pares quando socializam saberes baseados em princípios reguladores de uma cultura heterossexual, contribuem para

que a normalização dos espaços vividos se faça pela reprodução homofóbica, haja visto que,

a heterossexualidade é inventada no discurso como o que está fora dele. É criada em um discurso particular como o que é universal. É construída em um discurso historicamente específico como o que não se restringe ao tempo. Foi construída bastante recentemente como o que é muito antigo: a heterossexualidade é uma tradição inventada. (Katz, 1996:183)

Para alguns jovens a reprodução homofóbica se evidencia, em nossa sociedade, a partir dos processos de socialização por quais passamos – a manutenção de uma ordem hierárquica, em que cada um tem que seguir o caminho traçado pela tradição e galgar dentro de trilhas que já foram declaradas verdadeiras – porém, não impossíveis de serem rompidas:

*Acho que na verdade todo ser humano, o homem na verdade é o produto do meio em que ele vive, ele é apenas um reflexo da sociedade que ele vive. Desde que ele nasce vai aprendendo as coisas, então tudo que ele aprendeu é aquela coisa certa que já existe todo dia: homem casa com mulher, mulher casa com homem, todo um esquema..., os novos têm que obedecer aos mais velhos. Esse esquema é a sociedade que impõe, desde que você é pequeno até ficar grande, tem que estar submisso a alguma coisa. Aí é que está o ponto, a partir do momento que você não quer mais aceitar essa imposição da sociedade, toda essa cultura que você recebeu, então você começa a ser discriminado, começa a ser rotulado de alguma coisa. Se a sociedade quer lhe criar para você ser sempre um escravo, obedecer sempre o sistema e você não quer, se você vai usar droga, vai usar um outro esquema, você vai ser taxado de marginal, se você não quiser aceitar a convenção de homem e mulher, você vai ser taxado de gay, bicha, de qualquer outro esquema. A sociedade sempre impõe isso e sempre ela quer cobrar, também, disso. Esse vai ser o preço que você vai pagar por não querer obedecer a sociedade, vai ser a discriminação que você vai sofrer no meio da rua. E no meio assim dos grupos, isso afeta para caramba; afeta mesmo a partir do momento que você se exclui. Porque cada pessoa tem um potencial dentro de si para conseguir um espaço dentro da sociedade. Se você é ladrão, se você é marginal, se você é isso ou aquilo, qualquer coisa que você seja, a partir do momento que você tem imposição: eu sou isso, eu quero ser isso, eu sei o que quero ser, eu tenho valor, se você se valorizar, automaticamente, no meio que você vive não vai ser mais o meio que vai lhe afetar, você vai afetar o meio, você tem potencial para desenrolar, conseguir vencer o meio, então você vai conseguir se adaptar a todo mundo.(GC)*

À medida que esse discurso explica o processo reprodutivo da homofobia, acena vagamente para uma outra possibilidade, da tolerância, talvez da aceitação. Essa possibilidade ainda é um pequeno ensaio entre os/as jovens, pois estes sujeitos têm

manifestado discursos e condutas muito ambíguos; haja visto que a homofobia assume uma dinâmica social multifacetada, como por exemplo as expressões verbais, tidas como brincadeiras; ou insultos e/ou xingamentos; a não aceitação no grupo de pertença; a violência física e assassinatos.

Daí, o conceito de tolerância em nossa sociedade apresentar-se muito complexo e contraditório, não sabemos por certo seus significados. Pois, o contexto ora vivido tem se configurado com uma série de fatos e/ou acontecimentos afirmadores da homofobia em determinados momentos, enquanto que em outros, negam-na. A exemplo disto temos a “Parada Gay” do 28 de junho – uma festa bastante colorida, porém, dentro de espaços e tempos mínimos (muito limitados). Onde se vive toda a diversidade sexual, inclusive com financiamento de empresas privadas e/ou estatais, mas depois, que espaços temos para a liberdade das manifestações sexuais? Como gays enfrentam o dia-a-dia? Então, o que significa a tolerância com o outro, com o diferente, com o homossexual/gay, nesse contexto real do cotidiano, enquanto homens e mulheres têm formas padronizadas de condutas?

As questões conceituais de tolerância são grandes discussões nos meados do século XVII, no movimento da Reforma, quando a Igreja Católica Apostólica Romana aliada ao império é suprema, dona da verdade diante de todos os outros credos. De modo que a tolerância torna-se doutrina para alguns filósofos, dentre eles John Locke. Pois, “cada um é livre para adorar a Deus segundo a sua consciência, com a condição de não perturbar a paz pública” (Locke, 1996: 43). Em sua carta sobre a tolerância define os princípios básicos desta doutrina: a distinção entre Estado e religião, a autonomia do juízo, a função dos magistrados<sup>20</sup> e por último, a supressão dos conflitos. Nesse caso, o Estado, bem como a religião, cada um, tem suas funções independentes; sendo que o Estado é responsável pelo bem público, enquanto que a igreja, pela fé e a salvação das almas; o indivíduo é autônomo para “cuidar de sua alma e assegurar a salvação eterna” e os magistrados devem “assegurar o bem público e manter a tolerância no Estado”. Portanto, a tolerância

fundamenta-se na distinção radical entre o domínio da política e o da fé; as religiões que infringem esta distinção não são puras religiões, não têm o direito de obter os benefícios desta distinção que elas não respeitam; não

---

<sup>20</sup> Entenda-se por magistrados os governantes do país/Estado.

têm direito à tolerância e isto tanto menos quanto procuram ter influência sobre o Estado. (Locke, 1996: 55)

Os críticos do pensamento de Locke – de toda discussão da tolerância na modernidade – consideram-no “ao analisar as teorias e práticas predominantes da tolerância, que elas são em graus variáveis, máscaras hipócritas a ocultar aterradoras realidades políticas”. (Wolff, Jr., & Marcuse, 1970: 10)

Wolff (1970) faz um paralelo entre tolerância e pluralismo democrático indicando o individualismo, a solidão e a alienação como efeitos das teorias que apregoam esses ideais, à medida que o indivíduo é submetido a acomodar-se no seu grupo social, a aceitar a diversidade dos demais grupos na “comunidade geral”, este pode exigir tolerância coletiva como também, intolerância individual. Entende que é uma necessidade criada pela sociedade industrial, logo, somente nos grandes centros urbanos são vividos processos mais tolerantes, motivados por grandes interesses econômicos. Em todo caso, considera a tolerância como “uma filosofia de igualdade e justiça cuja aplicação concreta mantém a desigualdade ignorando a existência de outros grupos sociais existentes.

Ao analisar a tolerância a partir do ponto de vista científico, Moore Jr. (1970), considera-a como um problema da verdade, sendo necessário questionarmos: o que é verdade? Qual verdade? Quem a define como a verdade? Pois algumas noções possuem forte componente objetivo, como por exemplo, o que é importante, interessante, significativo e útil. Daí se explica o fato da ciência ser “tolerante com a razão e incessantemente intolerante com o irracional e o falso” (Moore Jr., 1970: 85).

Marcuse (1970) é mais ostensivo em sua crítica à tolerância, considera-a na sociedade moderna, como repressiva,

Em outras palavras, a tolerância afigura-se ser hoje o que foi em suas origens, no início do período moderno – um objetivo partidário, práticas e idéias subversivas e libertadoras. Reciprocamente, o que se pratica e proclama hoje como tolerância serve em suas mais eficazes manifestações à causa da opressão (Marcuse, 1970: 87).

Insiste no uso (mal-uso) da tolerância em nossa sociedade pelos interesses sociais que controlam o todo, onde minorias se sobrepõem às maiorias, prevalecendo, muitas vezes uma falsa verdade.



Com estas considerações críticas à tolerância e as observações aos significados usados em nossos dias atuais, cedidos pelos dicionários, conferimos ainda alguns conceitos, como:

1. Qualidade de tolerante; 2. Ato ou efeito de tolerar; 3. Pequenas diferenças para mais ou para menos, permitidas por lei no peso ou no rótulo das moedas; 4. Tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos; 5. Diferença máxima admitida entre um valor especificado e o obtido, margem especificada como admissível para o erro em uma medida ou para discrepância em relação a um padrão. (Ferreira, 1988: 638)

No âmbito social o termo é relacionado com as diferentes formas de convivência e comunicação entre pessoas, grupos ou instituições (FGV, 1986: 1238)

Tomando o mais significativo para o trabalho com as relações entre os/as jovens (homens e mulheres) na produção e reprodução dos sentidos/significados, “Tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos”, nos perguntamos pelos modos como poderemos interpretar este conceito. Quem tem tendência a admitir, o admite? Como? O que significa esse admitir? Ter tendência a admitir os modos de pensar e agir diferentes significa considerar esses modos tais como são apresentados, ou existem limitações determinadas que os desconsideram? Que significados de tolerância são aplaudidos na dinâmica do cotidiano vivido pelos jovens? Quando se aplaude a tolerância não se mascara a farsa ou a falsa aceitação do outro? Em que medida um indivíduo tolera o outro, ou não, e que reflexão se faz dessa tolerância? Existe alguma reflexão no ato de tolerar?

As respostas para essas perguntas podem ser bastante óbvias, porém nos fazem perceber que esse conceito se apresenta de forma confusa, muito próximo ao que encontramos na realidade investigada, as manifestações dos jovens retratam amiúde das contradições contidas nele. Pois, afirmamos que vivemos numa sociedade tolerante, temos tendência a admitir a existência de homossexuais, muito embora não saibamos explicar-lhes ou, “não temos nada contra, desde que não venham...”.

A tendência que se tem em tolerar homossexuais é muito relativa – parece ser mais fácil tolerar quando não é membro da família (pode até ser o vizinho – não haverá contato diário), ou quando não apresenta estereótipos efeminados; caso contrário, causa

vergonha; ou então, acham muito engraçado, “são pessoas legais”, “divertidas”, “simpática” – motivo para diversão.

Dentro da complexidade das relações sociais no contexto atual, a tolerância aos homossexuais poderia indicar as relações mais saudáveis, principiadas na aceitação, mas não ocorre desta forma, pois este termo evoca um conteúdo muito negativo, dúbio e com tom de imposição. Daí, ao se tolerar o homossexual, ou qualquer outra categoria, não se reflete sobre essa ação, não se faz nenhuma incursão no coletivo – no social. Então as relações continuam cindidas por conceitos e estereótipos estigmatizantes – caem em reducionismos conceituais.

Porém, outros conceitos mais amplos que tolerância, são emitidos nos discursos dos/das jovens acenando essa nova perspectiva – um breve ensaio para o início do rompimento dessa lógica reprodutora – como vemos na fala anterior, a partir da caracterização do contexto sócio-político, feita por eles/elas, como também no discurso que segue, após o tape do filme “Delicada Atração”.

*Em relação aos beijos, foi um choque muito grande... Eu nunca presenciei uma cena de ver dois homens se beijando, muito menos, duas mulheres; eu, particularmente, fiquei muito... sei lá... chocada. Eu fiquei muito surpresa. Mas afinal de contas, eu achei legal. Apesar da surpresa eu achei legal porque assumiram o que um sentia pelo outro e arcaram com as conseqüências que sabiam que estavam por vir. Eu senti surpresa porque nunca tinha presenciado cena de dois homens ou duas mulheres se beijando. Se eu visse uma cena desse tipo em qualquer lugar, eu ficaria observando. Observaria bem.(GR)*

Nas evidências anunciadas pelo diagnóstico da nossa sociedade, do preconceito, do rótulo, da intenção social em manter uma ordem preestabelecida; no medo acompanhado do susto pelo beijo entre iguais (a surpresa), os/as jovens acenam para a aceitação e o respeito aos homossexuais e ainda indicam como isso vai acontecendo, ou como deve acontecer, em seus grupos, nos espaços da igreja, da escola e da família.

Trata-se de um rompimento muito difícil, pois já encontramos uma base muito sólida de conceitos pré-concebidos, de como temos que agir com o outro no social. São conceitos de homem e de mulher que direcionam todo o processo de socialização dos indivíduos, que vai contribuindo para o fortalecimento das identidades. A partir do encontro com o outro os processos identitários se efetivam, esse encontro vai definindo uma

identidade mediada pelos conceitos apreendidos e repassados da tradição reproduzidos nas relações sociais com os pares, através das manifestações discursivas e comportamentais.

Nesta óptica, a identidade não se restringe a processos psicológicos individuais, mas sim, aos processos de socialização, “é sobretudo uma questão social, uma questão política. Como tal, diz respeito a todos nós. Como tal, considero-a uma questão vital” (Ciampa, 1998: 127-28). Portanto, o sujeito – ator social – em suas relações com o outro vai assumindo um personagem conforme a conveniência circunstancial. No caso das identidades sexuais, a homossexualidade vai sendo omitida pela sua negação social, pela afirmação da ‘verdadeira’ heterossexualidade. Isso tem feito os modos de produção da identidade homossexual se efetivarem mediante a reprodução da heterossexualidade, muito embora seja um construto, de quaisquer identidade sexual, muito complexo, como temos abordado (implícito ou explicitamente).

Portanto,

Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. (Britzman, 1996: 74)

Os ensaios apresentados pelos/pelas jovens em seus discursos, mostram como é importante compreender a lógica das relações interpessoais/sociais consolidadas a partir de manifestações marcadamente normalizadores das sexualidades, onde à heterossexualidade nada consta e à homossexualidade, o rótulo. A ênfase no rótulo, em vez do nome do indivíduo, vai trazer alguns efeitos desentoados na convivência coletiva e contribuir efetivamente para a negação na construção da identidade; pois o nome “serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos” (Ciampa, 1998: 131).

Então os/as jovens, conscientes desta problemática, afirmam a dificuldade que se tem para romper com tudo isso, caracterizam esse contexto tolerante como “falsa mudança”, indicam como as relações ainda perduram sob preconceitos e como as instituições são fortemente contribuidoras para isso, mas também ensaiam como têm agido no cotidiano para a superação da lógica capitalista em nossa sociedade.

*Quase todo mundo não aceita isso, dizem que foi liberado, mas é só da boca para fora, na realidade ninguém aceita, porque a nossa sociedade ainda é antiga, ainda é patriarcal. O que há é uma falsa mudança, o preconceito é muito grande; aceita só da boca para fora.(GE)*

*A nossa vida é isso: preconceito sobre preconceito. Enquanto não derrubar essa sociedade e implantar alguma coisa mais interessante que o capitalismo, a gente vai sempre viver nessa droga de preconceito. Precisamos trabalhar mesmo a consciência dos outros porque daqui uns 500 anos, após a derrubada do capitalismo, numas gerações futuras, talvez haja menos preconceito. O filme foi interessante porque conta a realidade da gente. Já tive com várias pessoas que já sofreram com isso na pele, inclusive o pai e a mãe super preconceituosos; o pai botou para fora de casa porque ele era gay, mas depois de um tempo aceitou-o de volta e pediu só que ele tivesse cuidado com as doenças e respeitasse para ser respeitado. Hoje ele convive, o namorado dele vai na casa dele, conversa com os pais e o pai acha que isso é melhor do que ele não tivesse namorado. Então vai caindo aos poucos, o pai descobre que o melhor ato é não reprimir e sim, ajudar. Porque na verdade, a pessoa pode partir para uma coisa pior, partir para as drogas e se afundar, andar em boates aí, que seria até perigoso, né?! Então a gente vê dos dois lados, as lésbicas também; tive muitas experiências de conversar com várias. Inclusive conversei com uma que não se assumia e começou a chorar em minha frente do preconceito que sofria, não conseguia falar com a mãe; então eu dei para ela vários motivos, eu disse que fosse ela mesma, mesmo que fizesse as coisas escondidas, que ela procurasse ser feliz; o que adiantaria ela está no mundo fazendo o que os outros quer e não fazendo o que ela gosta. Então dei vários conselhos, ela chorou e ela conscientizou-se, achou melhor ser o que ela era mesmo, porque, na verdade, não adianta querer mudar o que é. Se você nasce com aquilo, não adianta mudar, é ir para cima e fazer o que gosta. (GC)*

*Nós vivemos numa sociedade, acho que todos nós deveríamos ter uma utopia, um sonho lá na frente, tudo que você pega é concreto; o sonho também é concreto. Se você sonhar com uma sociedade que não haverá mais preconceito, você tem que ir fazendo isso acontecer, crescendo com isso, as pessoas vão perceber essa necessidade de acabar com esse preconceito. Você é um ser humano que cresce, estuda; então acho, que até na escola não haveria mais o preconceito. A escola, a sociedade, a família, a religião, são todas as formas de controle do capitalismo, usam o preconceito para deixar você quieto; tipo na religião dizem que isso é pecado; então quer dizer que o amor é pecado? Então é isso que deveríamos combater. (GC)*

*A religião hoje é, principalmente as protestantes, bate muito isso, eu vi um dia que fui à igreja o pastor dizendo que isso era coisa do fim do mundo: homem com homem, mulher com mulher; os padres também falam isso. Mas deixam a gente ver um pouco atrás a história, era uma suruba da porra, lá em Itália, a coisa era feia mesmo... Hoje somos mais consciente, porque naquela época ser homossexual era igual ser bruxo, era queimado. Ainda bem que já existe muita gente trabalhando contra o preconceito, mas não tá fácil, tá muito é difícil,*

*porque está dentro da gente. Esse filme é super interessante porque olha bem para o garoto, o garoto olha para você, aí diz: eu vou ser feliz. Isso quando chega na família, é um momento muito difícil, porque o que há mais difícil é a família compreender isso. Meu pai, se você é gay, veado, ele não tá nem vendo, o que importa que eu seja homem – o filho dele. Tanto que hoje se for preciso lavar um prato, quem lava é a minha irmã, isso é o machismo que ainda existe. A coisa mais dura é a família; a família é o principal mecanismo do sistema capitalista, porque ele é o culpado por tudo isso. Então a família e a igreja fazem um grande laço nesse sistema, não há como se libertar. Muitas vezes, o gay ou a lésbica acabam sendo expulsos. Então quando chega na escola é a mesma coisa, se andou se rebolando, embora o cara nem seja, só na aparência... a rapaziada dá logo em cima, ninguém pode ser diferente, mas todo mundo é diferente, em qualquer parte do mundo. Acho que a proposta é a gente entrar nas escolas abrir mais discussões sobre isso, cada vez mais, abrir mais discussões. Só assim, essa juventude, a gente, vai se conscientizar cada vez mais e vamos tentar destruir o que nos destrói – o preconceito. Se a gente fizer isso no grupo, dentro de nosso movimento cultural, que já temos a tendência de acabar com o preconceito, dentro do próprio movimento isso é difícil, a gente sabe que é difícil; a gente estuda isso, convive com isso, os meninos sempre expressam: ah, eu estou desconfiando... Muita gente fala com o outro, brincando mesmo, bem hilário, de pacosa, curtindo mesmo, mas agente sabe que isso é preconceito. E o pior preconceito é esse, você tira uma brincadeira, mas está magoando alguém. (GC)*

Os discursos desses/dessas jovens nos revelam o quanto significa a tolerância promulgada em nossa sociedade; parece mascarar nossas vistas, fazendo-nos enxergar espaços reduzidos; parece uma maquiagem que disfarça as imperfeições da face, mas que em pouco tempo tudo se desvela.

Geralmente, a função e o valor da tolerância dependem da igualdade predominante na sociedade onde é praticada. A tolerância em si fica sujeita a critérios indisputáveis: o seu alcance e limite não podem ser definidos em termos da respectiva sociedade (Marcuse, 1970: 90).

E, como já nos referimos, os espaços e tempos destinados à tolerância são muito reduzidos: são os espaços e tempos fechados das casas noturnas, os espaços e tempos da “parada gay”, os espaços e tempos do carnaval, os espaços e tempos dos palcos da dramaturgia. Afora isso, se rir ou, evocam coros, vaias – estigmatizadores; pois estes espaços acabam se transformando em guetos.

Agora, o que faremos? Como viveremos nossos processos identitários de assumir-se gay? Que espaços e tempos construiremos para o rompimento dos guetos? Ou melhor, que funções daremos ao gueto? São questões pertinentes para o desvelamento de

nossas perspectivas nesse momento, todavia, indicações evidenciadas pelos/pelas jovens no movimento organizado.

## **6.2 As evidências do assumir-se gay, dos espaços guetizados e a importância da ação dos movimentos organizados**

Retomando as últimas citações discursivas dos/das jovens, apresentadas aqui, percebemos a clareza como estes sujeitos compreendem as relações sociais em cada espaço, como se torna evidente a complexidade do processo de assumir-se sexualmente (heterossexual ou homossexual). Os saberes socializados, bem como as estratégias que asseguram esses saberes, pelas instituições socializadoras (a família, a igreja e a escola) são muito eficazes na inibição, no controle e no direcionamento da orientação sexual. Como temos discutido aqui, todos os aplausos destas instituições estão dirigidos para a orientação heterossexual, de modo indiscutível, pois esta é apresentada como a única forma de amor pura, digna de ser divulgada.

Os jovens são conduzidos a publicarem muito cedo à família sua heterossexualidade, a marca registrada do homem; somente aos homens é permitido esse comportamento; às mulheres o veto dessa prática ainda na adolescência ou antes do casamento, faz com que permaneçam puras. Estas devem esperar para satisfazer os prazeres sexuais somente depois da cerimônia litigiosa/religiosa do casamento. Àquelas que não obedecerem essa determinação, serão segregadas e rotuladas como “mulheres de vida fácil”, ou “sem-vergonha” – não são mulheres “direitas”, merecedoras de confiança. Assim se concretiza a hegemonia do macho e da heterossexualidade. Porém, é muito difícil para qualquer jovem o assumir-se sexualmente, heterossexual ou homossexual, a exigência da heterossexualidade pontua a conduta dos sujeitos.

Diante dessa hegemonia, como o/a homossexual vai compreender seus processos identitários sexuais? Como assumir-se homossexual? Os filmes apresentaram essa problemática enfocando três aspectos que consideramos muito importante mencioná-los: no filme “Minha Vida em Cor de Rosa” retrata a história do Ludovic, um garoto de 7 anos que deseja ser menina e fantasia um romance com seu vizinho e colega da escola. Fica claro em seu comportamento que é desconhecido para ele ser homossexual, tanto que, no momento em que escuta o vizinho falando ao outro o termo “veado”, fica assustado e corre

para casa perguntando ao pai o que isso significa; o pai lhe responde com furor mostrando um utensílio doméstico, somente mais à frente do tape, quando o portão de sua casa é pichado com a expressão “fora veado”, os conflitos aumentam e sua mãe vai responder que “veado também é um menino que gosta de meninos, como você”.

Ludovic sente muita dificuldade em compreender a existência de um outro elemento, diferente dos dois que lhes fora apresentado – menino ou, menina. Mesmo assim, ele é muito determinado e enfrenta a todos (não devemos esquecer dos limites inerentes à sua faixa etária), porém leva o peso da culpa por tudo de ruim que acontece em sua família; tenta o suicídio, vai morar com a avó e, quando mudam de bairro, apresenta traumas em relação ao hábito de ir às festas com vestidos. O enredo desta história se encerra com uma aparente resolução do conflito de sua sexualidade com a família: na festa de aniversário de Christine é forçado a trocar a fantasia de príncipe por uma de princesa; quando sua mãe percebe reage em desespero – “eu disse que não recomencesse!/quer arruinar nossa vida?/não pode nos deixar em paz?/não agüento mais!/você não nos deixa em paz!” – entra em delírio e quando acorda diz que “já me esqueci do passado/agora tudo será melhor”.

O segundo filme apresenta a história de dois adolescentes, Jamie e Steven, com processos de aceitação num mesmo contexto, mas com algumas especificidades. Os conflitos enfrentados por Jamie são, fundamentalmente: o fato dele não gostar de jogar futebol, quando esta atividade é exigida pela escola nas aulas de Educação Física – isto leva os/as garotos/as (seus/suas colegas) a lhe dirigirem manifestações homofóbicas, rabiscando seus cadernos com termos de “bicha” e “veado”, quando não, o agridem verbalmente – e um outro, é o momento em que sua mãe o descobre como homossexual: Jamie havia saído com seu namorado para um bar gay dizendo para a mãe que iria para o cinema; Sandra descobre e segue-os, mas não os deixa vê-la; Ao chegar em casa Jamie é surpreendido por sua mãe lhe fazendo um interrogatório e informando-lhe que a coordenadora da escola havia ligado contando de sua conduta e da hostilidade de seus colegas; os dois conversam, choram; Jamie revela para sua mãe que “há coisas que são difíceis de dizer”, que ela o “acha novo demais, acha que isso é só uma fase, que poderei pegar AIDS...” Entre abraços e choros, Sandra responde que “não vou botar você na rua, como uma garrafa vazia”, daí tudo fica resolvido.

Já, para Steven seus conflitos são com a família – o pai e o irmão batem-lhe muito – e interiormente, sente muitas dificuldades em aceitar-se como homossexual, pois teme que seus amigos o rotulem de “bicha”, ou outro nome semelhante. Inicialmente pergunta se Jamie é gay e recebe a resposta “eu sou feliz”. Porém, em outro plano, momento de conflito, exige a Jamie “tire essas mãos de bicha de mim”. Leah, a garota vizinha, também colega da mesma escola, ameaça-os de contar tudo para o irmão de Steven, como forma de chantagem, mas não o conta. De modo que ele vai ter o apoio de Jamie, posteriormente de Sandra, em todo o arrolamento de sua conquista para um relacionamento amoroso. O enredo termina com os dois dançando abraçados na calçada de seu condomínio, ao público, e Sandra com Leah lhos acompanham.

Os processos vividos pelos personagens, que acabamos de citar, são três experiências que se assemelham ao que encontramos no cotidiano – parece que todo homossexual passa e/ou vive esses conflitos em suas histórias de assumir-se. Isso nos leva a considerar que o assumir-se gay implica numa auto-aceitação e na aceitação da sociedade. Esta última, ainda não conseguimos vislumbrar, enquanto que a primeira, nem todos conseguem. Os motivos são diversos, diz respeito aos caminhos percorridos por cada um, pois muitas vezes é mais fácil reprimir os desejos, impulsos e ou fantasias sexuais diante da repressão dos grupos sociais (a família, a escola, a igreja, os amigos). Essa repressão gera a vergonha e a negação de si e se concretiza nos modos mais simples de exigências dos outros.

*Os caras no início não se assumiram, depois foi que se assumiram. Eu acho que quando o cara vai entrar numa vida dessa aí, o cara tem que medir todas as conseqüências, saber pensar, como o namoro desses dois caras do filme que se assumiram. Eu acho que a Sandra, mãe de Jamie também se assumiu com a Leah, porque no final, elas se abraçaram, o olhar dela demonstrou tudo que ela queria era aquilo mesmo.(GR)*

*Em relação a escola, a família e aos amigos, no começo há muito preconceito, porque é espantado, não querem acreditar, mas com o tempo, alguns aceitam, outros, não. Outros, ficam sempre rejeitando, dizem assim: \_ olha rapaz, eu não quero conversa contigo porque tu é bicha. Há muito preconceito. E a religião, dependendo da religião, influencia muito, porque diz: não dá certo dois seres do mesmo sexo viverem juntos. Até um tempo atrás, isso era crime, mas em alguns países já está sendo legalizado o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo. Eu acho que os amigos, a família, tudo, não aceita, ficam assim meio de fora. Na frente é uma pessoa, quando dá às costas: \_ Ah esse é*



*um veado, é uma sapatão... Fica assim, discriminando. Tem cara de tábua de fojo, na frente diz que é amigo, nas costas, fica discriminando. (GR)*

*Bem, a gente vê que no momento da escola o personagem não quis jogar; tentaram colocar ele para jogar mas ele não quis, isso é uma escolha dele; a partir daí, começaram a desprezar ele, os amigos. Na comunidade, até mesmo no fim do filme, um dos dois chegou até a ficar pensativo sobre eles, ali, abraçados, dançando, por causa da visão daquela pessoa dentro da comunidade. Eu acho que a comunidade vê primeiro na pessoa a forma como a pessoa age, se a pessoa muda de hábito, a comunidade já começa a falar mal, a desprezar, já começa a colocar muitas dificuldades. Porque para ser integrado dentro do corpo da comunidade, como é colocado hoje em dia, a pessoa tem que, não ser Jesus Cristo, mas ser uma pessoa perfeita. Se você faz uma coisa errada dentro da comunidade, como por exemplo, ficar conversando com um homossexual na rua, você vai ser considerado um como eles. Se você passa uma imagem para a comunidade que você não é, e depois você tá com aquela pessoa, a comunidade não vai pensar naquela primeira face que você mostrou, vai pensar na segunda face. Se você tá no errado, que para a comunidade aquilo é errado, você passa ser errado também. Na família a gente vê também que tá ... no filme a mãe aceitou depois de uma briga que eles tiveram, mas na realidade, tem casos que a família coloca as pessoas para fora de casa, não quer nem acordo, não quer nem diálogo. Hoje em dia está difícil das famílias realizarem diálogo. (GR)*

Esses discursos revelam como tem sido difícil para o/a jovem assumir a homossexualidade. As exigências encontradas nos caminhos percorridos por eles/elas, quer na família, na igreja, na escola ou no grupo de amigos, constituem o arsenal homofóbico do cotidiano que vai conduzindo os sujeitos não somente à negação, mas à afirmação de uma orientação sexual não desejada. De modo que os/as jovens (adolescentes) vão procurar nas relações heterossexuais a satisfação de seus desejos e, não ocorrendo isso, o insucesso (e até mesmo o fracasso de alguns adolescentes heterossexuais em suas primeiras relações) dessas experiências causarão profunda queda em sua auto-estima.

Portanto, a adolescência vai ser uma fase muito confusa, tanto para o homossexual, como para o heterossexual, ambos passam por provas de passagem, da adolescência (uma fase “imatura”) para fase adulta (a maturidade) – momento de formação do homem; porém, a afirmação de uma identidade homossexual será bem mais difícil:

*quando eu tinha essa idade, a minha memória, vamos chamar assim, a minha memória erótica... eu me lembro de algumas coisas na escola, o meu desejo pelos meninos, isso é uma coisa. Você não consegue processar que aquilo vá contribuir na formação da identidade. Semana passada, no Jornal Nacional, não sei se vocês viram uma matéria sobre o assumir-se homossexual nos*

*Estados Unidos, que os adolescentes estão se assumindo cada vez mais novos. Antes essa média era 16 anos, agora baixou para 14 e, como os americanos gostam de fazer estatísticas para tudo, eles divulgaram que, por ano 1.500 adolescentes se suicidam devido a orientação sexual. Eu fico pensando como é que essa situação é aqui, esse assumir-se, também, a idade baixou. Eu me assumiu com uns 23 anos. Hoje você vê, uma cidade como Tianguá, no interior do Ceará, a gente encontrou um garoto com 15 e outro com 16 anos que administravam um bordel, garotos de 15 anos que já se assumiam enquanto gay. Isso é uma situação bem diferente do que era antes. De modo que é mais um desafio mesmo, para olhar e ver na infância os desejos. Todo um desafio para própria educação. Eu acabo vendo com bons olhos de como a galera de 14, 15 anos, aqui no GRAB mesmo, a gente vê, um grupo de 16 anos que se assume mesmo numa legal. É um grande avanço dentro da própria construção do debate da cidadania. Os heterossexuais, também, se assumem muito mais cedo, vamos dizer assim. Tomara que continuem se assumindo.(GP)*

*Primeiro a gente vê a pessoa tentando se reprimir, se escondendo dos outros e sofrendo as discriminações por parte dos outros. Quando tem uma oportunidade, a pessoa se liberta, com o tempo, apesar da discriminação, eles vão vencendo, vão conseguindo e fazem como o (...) disse, até romper todas as barreiras e chegar no ponto que se deseja, que é o ponto da felicidade. No momento que ele começa a pensar só na felicidade, quando conseguir superar os preconceitos próprios e dos outros, então ela vai conseguir seus objetivos que é ser feliz e ser livre. Eu acho um absurdo em pleno século 21, ainda existir esse tipo de preconceito no mundo.(GC)*

Como vemos, a ação desenvolvida pela tradição (geração adulta) é o elemento fundamental nesses processos, pois faz parte de uma “produção de subjetividade capitalística”, entendida aqui, como a reprodução de manifestações significativamente homofóbicas, como a ratificação dos valores impostos pela cultura, tidos como verdadeiros, que negam as subjetividades emergentes – no nosso caso as sexualidades. Essa produção capitalística, ou reprodução homofóbica, atua singularmente nas relações interpessoais produzindo efeitos catastróficos na formação de identidades.

É desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir. (Guattari, 1996: 40)

Deste modo, exerce suas funções de culpabilização, de segregação e de infantilização. Daí, os sentimentos de culpa estarem presentes no processo do assumir-se gay, como nos apresentou o filme “Minha Vida em Cor de Rosa”, sentimento que se transforma em tortura interior, pois inibe a liberdade de expressar-se no social (deve-se

seguir o código de condutas exigidos no coletivo); o fato de expressar-se com determinados gestos (mais delicados, ou mais ríspido), torna-os diferentes. Então vive-se no anonimato, não se permite divulgar o sentimento de amor, nem mesmo para a pessoa desejada, por causar medo – que reação o outro vai ter? O que os outros vão pensar? Sente-se culpado por representar a vergonha (da família? dos amigos? da sociedade?), tem-se que viver duplamente?

Nestes percalços trilhados pelos/pelas jovens homossexuais/heterossexuais o assumir-se gay depende do rompimento de diversos fatores (normas) cristalizados em nossa sociedade, um deles é o convívio “normal” nos espaços vividos por eles/as. Quando esses espaços não são possíveis entre a família, na escola, na igreja ou no grupo de amigos, serão buscados outros, onde poderão encontrar pessoas de mesma orientação sexual. Neles compartilham de suas alegrias e angústias, buscam viver momentos singulares de liberdade sexual: namoram, paqueram, tomam bebida alcóolica, dançam, conhecem outras pessoas, marcam encontros, se divertem – o gueto, mas também discutem sobre política e participam organizados de movimentos em defesa dos direitos humanos – o grupo político. E ainda, com o avanço da tecnologia, a Internet proporciona os encontros virtuais. Pois, é fundamental

fazer amizades com outros adolescentes gays e envolver-se em meios sociais gays propicia a estes adolescentes a criação de alianças, o encontro de parceiros sexuais e a descoberta de modelos que possam idealizar e com quem possam se identificar. (Isay, 1998: 79)

Desse modo, considerando as perspectivas do assumir-se gay: a auto-aceitação e a aceitação da sociedade, esses espaços são, por um lado, possibilidades do jovem homossexual encontra-se, consigo e com os outros, como maneira de não se sentir sozinho e que o dilema incutido pela normalidade social não o faça sofrer tanto; por outro lado, o grupo político (movimento organizado) contribui para o exercício da cidadania, na conscientização do respeito à igualdade nos direitos humanos, bem como, a habilitação para o trabalho na conscientização e prevenção às DST/AIDS (haja visto a epidemia ter sido posta como um mal gay).

Contudo, o gueto<sup>21</sup> tem suas farsas, ao mesmo tempo que contribui para a socialização com outros indivíduos de mesma orientação sexual, isola-os e/ou segrega-os. Também cumpre um papel muito importante para a manutenção da sociedade capitalista, o que não é nada bom para nossas relações sociais. Os bares, as boates (casas noturnas) seguem rigorosamente a lógica mercadológica, padroniza e/ou seleciona seus frequentadores a partir das taxas lucrativas em seus serviços e do padrão estético hegemônico. Por outro lado, não fortalece nenhuma consciência política anti-homofóbica.

*Vou falar um pouco de minha experiência pessoal: de início, logo bem mais novo, no início de minha adolescência, minha preocupação era de que as pessoas não soubessem; era de que eu arranjasse uma maneira de me encontrar, arranjar alguém, mas que ninguém soubesse; depois isso não bastou, então veio essa solução. Quando eu descobri boates, bares, esse tipo de lugar, achava que tudo isso estava resolvido; mas com o passar do tempo a gente vê que isso não é o bastante, se isolar não é o bastante; o que a gente acaba querendo mesmo é uma aceitação, não só em casa, mas entre os amigos, não só entre os amigos gays, mas com os amigos em geral, na sala de aula, no trabalho; acaba não bastando, o que a gente tem não é o bastante.(GP)*

No entanto, não desconsideramos a necessidade e a função do gueto em determinados contextos do assumir-se gay, mesmo cientes que se faz necessário o seu rompimento.

*Em relação aos guetos: eu cresci no Rio Grande do Sul, numa cidade muito pequena, claro que não haviam espaços para os homossexuais; então quando fui para uma cidade grande, a primeira vez, os guetos foram os lugares que me ajudaram a me descobrir, a me dar espaço, a me soltar; então eu acho que o gueto tem essa função, ainda, de dar uma segurança para a gente conseguir botar os pés no chão. (GP)*

*Nesse caso, a nível de socialização os guetos exercem um papel muito importante; hoje nós fazemos um trabalho de prevenção, porque existem os guetos, a gente sabe onde são os lugares de encontro dos homossexuais, onde poderemos desenvolver uma política de cidadania de saúde pública sem rejeição, nesse ponto os guetos são favoráveis. Eu sou muito a favor dos guetos; não sou a favor é da bitolação, no caso, ser veado só pode ir para o “Bora-Bora”, para o “Majestyk”, para a “Divine”, isso não; mas a nível de socialização.(GP)*

*Então guetos são lugares bons? São! Para confraternização, para se conhecer pessoas que tenham a mesma orientação, mas não deixa de ser uma aceitação do preconceito social imposto; porque você é veado, só pode ir para a*

---

<sup>21</sup> Considera-se, aqui, o gueto como os bares, boates (casas noturnas) e outros lugares frequentados, exclusivamente, pelos homossexuais.

*“Divine”, para a “Broadway”, para a “Never”, para o “Majestyk”, enquanto que, a nível da criatura humana, das relações sociais, do conhecimento é a pluralidade de experiências que está sendo negada, você viver no meio de negros, mulheres, homens, pobres, ricos, loucos, sãs. Essa interação é que faz o crescimento individual e coletivo de cada um. Porque quando a gente se bitola ir só para o gueto, que vá só travesti, eu só vou saber como a Janáina pensa e como a Paula pensa e como a Ana Paula pensa. Quando diversificar isso é que vou saber como os demais pensam: como o Orlaneudo pensa, como o Luís pensa, como a mãe do Luís pensa. Eu acho que isso te dá uma antenação a nível de pessoa social. Agora a revanche para esses guetos, por serem o esconderijo secreto, ou o altar mor, que elas pudessem se realizar, está se revertendo socialmente: vimos agora, a cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, deu o ponta pé inicial em punir criminalmente as pessoas que discriminarem as práticas amorosas de homossexuais em praças públicas. Pode namorar, pode agarrar, pode beijar, como qualquer outro casal heterossexual, ou bissexual. As pessoas dizem \_ Juiz de Fora liberou geral! Não, Juiz de Fora não liberou geral, o Brasil todo é liberado geral, há um artigo que diz que todos nós somos iguais perante a lei e podemos usufruir de tudo; só que tem um comportamento castrador da sociedade machista que a gente vive que proíbe veado está pegando na mão, beijando na boca, tudo isso. Mas o que todos querem é exatamente isso: terem seu namorado, beijar na boca e ser feliz, mas para isso, precisa-se apelar para o descondicionamento cultural dessa sociedade machista. Mas é, acho que isso está ligado às conquistas sociais, a construção da cidadania.(GP)*

Como vemos, o gueto vai ser o lugar útil, em determinado momento – início da socialização com o mundo pertencente aos homossexuais nas sociedades homofóbicas, como a que vivemos. Daí, a necessidade de sair do gueto, de romper com essa estrutura de segregação do grupo de homossexuais ser muito visível para o grupo político e/ou movimento organizado, os discursos desses/dessas jovens são profundamente reveladores. Pois, o gueto é o lugar que se consolida a segregação, onde será manifestado livremente os sentimentos interiorizados, inibidos no social. É o lugar fechado, onde os iguais na (orientação sexual) se encontram, ou os diferentes do mundo sistematizado se escondem. É uma masmorra? Não. É apenas mais uma interiorização dos sentimentos, dos seus desejos, da realização dos seus “pecados”. Depois do gueto, temos o “armário”, outro lugar fechado, muito sórdido – é o nosso interior reprimido. Ambos, o gueto e o armário, são esconderijos, são válvulas de escape, mas também, um negar-se, um anular-se coletivamente.

Tudo isso está dado, é/foi pensado e executado para que sejamos assim, como somos, iguais aos outros, externamente; por isso, nos tornamos bobos e infantis, ou imaturos. É uma ordem pré-estabelecida

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada. (Guattari, 1996: 42)

É uma lógica que ordena que nossos desejos transportem-se para uma dimensão cognitiva, em consideração à moral e à ética (religiosa?). E o nosso desejo, o nosso objeto de desejo, as posições e a “perversão” do prazer (porque o prazer é polimorfo) é uma produção exterior às nossas aspirações.

Contudo, a cultura dos jovens, expressada em seu cotidiano, vem de encontro com os conhecimentos promulgados e/ou ocultados pelas instituições, dentro de uma dinâmica onde, por um lado, classificam, selecionam e rotulam os indivíduos e, por outro, estes indivíduos recriam novas formas de interação - de valorização das subjetividades emergentes. É um movimento contrário à ordem que outros discursos, comportamentos ou atitudes dão feição a um novo cenário, onde se permite a pluralidade da sexualidade – uma nova pedagogia acena indicadores para um novo contexto. É no grupo organizado (político e cultural) que os/as jovens estabelecem as diretrizes dessa pedagogia, que discutem os direitos humanos, o respeito, a aceitação às diferenças e a solidariedade, valores necessários para o convívio coletivo, tendo como pivô central a felicidade.

*Eu acho que tem que quebrar as barreiras, mas eu acho que nem todo mundo compreende os outros e se há um local que todos os gays vão, tudo bem, vá para lá. Agora tem que romper com isso, como por exemplo, na rua as pessoas não podem se beijar, precisamos quebrar essa barreira, também, no teatro dois homens não podem se beijar, duas mulheres também não. Tem que quebrar essa barreira porque nem todo gay vai querer se encontrar lá; de repente vai ter que ir a um local onde tenha um homem fazendo streep-tease e que tenha todo mundo se beijando, se abraçando? (GC)*

*Tem um ditado popular que é até muito vulgar, é que todo mundo é filho de Deus, então acho que o mundo é de todo mundo, se cada ambiente for classificado por cada estilo, assim: cultural, artístico; um lugar que só role rock, outro que só role pagode, aí fica opcional para você procurar o estilo que você quer curtir. Agora, tipo assim, um esquema: um bar onde só “role” gay, eu acho uma forma muito besta, o cara vai ao bar e sabe que vai se sentir à vontade, mas quando ele sair de lá? Se ele quiser trocar um carinho com o outro? Ele tem que ser livre para fazer isso na rua também, cara, da mesma maneira de quem fuma maconha, quando está numa roda de amigos, em um canto escondido, sente-se à vontade; quando está no meio da rua, já é visto com maus olhos, pelos outros. Acho que o mundo é livre e você tinha que fazer o que você quisesse em qualquer canto que você desejasse.(GC)*

*Perfeitamente, é legal ter, mas a própria pessoa, ou a lésbica, ou o gay, o que for, ele tem que pensar primeiro assim, cara eu sou um ser humano, o que leva em conta aqui é eu ser um ser humano. Então, a partir disso, porque eu vou ter medo dos outros? O outro é igual a mim. Como por exemplo, eu tenho um estilo de ser, então eu entro em uma loja burguesa, todo mundo vai olhar para mim, mas eu sou um ser humano, não é minha aparência, não. Com o gay é do mesmo jeito: mesmo que vá ao gueto, mas deve pensar que é ser humano e vai andar da forma como se sentir melhor, na rua ou em outro lugar, de mãos dadas, etc. e tal, é isso que eu quero, é isso que eu quero ser e isso é que me faz feliz. Então basta! Esse é tudo que gostaria falar.(GC)*

Esses discursos demarcam uma direção de pensar e agir diferente da que temos analisados como reprodução homofóbica, orientam nossas condutas para o devir da desfamiliarização desse mal que tanto tem feito sofridos em nossa história.

*Agora uma coisa eu aprendi e comecei a perceber que para você gostar de uma pessoa não basta ser nada convencional, do homem e da mulher; eu acho se o cara quiser gostar do outro cara, ele tem todo o direito. Tem que trabalhar a questão do respeito. Porque ninguém vai proibir que eu namore com outro homem... o meu gostar em relação ao cara não vai acabar e, então, nada vai proibir, porque sempre a gente vai ficar junto, é a mesma coisa de você querer mudar a cabeça de uma pessoa e você não consegue. Eu acho que a questão do amor, a questão do gostar, até nos relacionamentos convencionais (pausa). Então eu acho se o cara é homem e gosta de homem, se a mulher gosta de mulher, sem problema. Assim, na minha cabeça isso já tá avançado. (GC)*

*Pra mim, o sentido da vida é ser feliz. Se você gosta de homem, o importante é você viver feliz. Se você é veado, vá atrás de alguém, da felicidade. Tem homem que se casa com uma mulher e não fica feliz, então vai viver infeliz. Pra mim, o que vale é a felicidade, se você gosta de homem, vá lá, pegue sua felicidade. (GR)*

*Acho que a felicidade é tudo. E o ser humano quando conseguir se livrar de todo tipo de preconceito que existe dentro dele, com certeza ele vai ser feliz. Cada vez que ele vence uma barreira, cada vez que ele vence um preconceito*

*ele consegue ser um pouco mais feliz na vida. Eu acho que a felicidade é o princípio de tudo. Se você se sente feliz, então faça de sua maneira. Eu não tenho nenhum tipo de preconceito contra homossexual, acho que eles devem cada vez mais conquistar o espaço deles. E devem fazer o que querem mesmo. Não ligar para o preconceito por causa do que a sociedade dita. Porém, ao mesmo tempo a gente percebe que tem muitos homossexuais que têm preconceito com eles mesmos. Tipo assim, não procura muito se envolver, não procura muito fazer amizade. Esse tipo de preconceito entre eles também tem que se acabar. A sociedade tem que aprender a conviver com essas coisas que tem na vida, com essas opções. Que é a opção de cada um. Que cada ser humano é diferente do outro. Cada cabeça é um mundo. Então todo mundo é diferente. Cada um tem o seu desejo. (GC)*

A revelação destes discursos é a desfamiliarização de uma ordem vencida, muito embora, a realidade social nos mostre cenas catastróficas, truculentas, no cotidiano; como por exemplo, grupos organizados proliferando violência contra a vida humana. O silêncio desta ordem deve ser promulgado por discursos, como estes apresentados pelos/pelas jovens dos movimentos organizados. Nesta perspectiva poderemos construir novas formas de vida; de valorização do outro; do reestabelecimento da auto-estima; da compreensão unitária do corpo. Do corpo mente; do corpo coletivo/social; do corpo luta; do corpo instituído; do corpo expressão – comunicação – desejo - prazer; do corpo felicidade humana. Pois, “a sexualidade humana é tecida na rede de todos os pertencimentos sociais que abraçamos, ela não pode ser compreendida de forma isolada” (Louro, 1999:31).

Então, as metodologias desenvolvidas pelas instituições sociais (quando na socialização dos saberes) que ratificam a produção capitalística de subjetividades – a reprodução da homofobia, devem ser apreendidas pelos homossexuais, pelos heterossexuais, mas também por aqueles que não se enquadram em nenhum desses rótulos e utilizadas para o uso do nosso prazer em plena liberdade, pois,

depois de todas as pessoas se unirem para aumentar o prazer de sua curta permanência no planeta, finalmente nos tornaremos uma nação, não apenas fundada, mas de fato operando segundo os princípios da vida, liberdade e busca de felicidade. (Katz, 1996: 191)

Entendemos que a discussão em torno da felicidade e do prazer não é responsabilidade somente dos homossexuais, mas de todos os habitantes deste planeta, pois enquanto se articula saberes sobre homossexualidade e heterossexualidade inferiorizando a homossexualidade, também, esses saberes produzem significados e sentidos que



inferiorizam a heterossexualidade; é um “conjunto de ignorâncias tanto sobre a homossexualidade quanto sobre a heterossexualidade”, como nos indica Britzman (1996).

Por isso ainda são muito complexas as nossas relações com os outros, ainda nos confrontamos com verdades contraditórias ao prazer da existência humana, nos limitamos e muitas vezes não avançamos o que já deveríamos ter percorrido nessa história.

Reafirmamos as manifestações expressas pelos/pelas jovens indicando uma forma – digna – de se viver coletivamente, dentro da diversidade da orientação sexual. Como também, a política cultural desenvolvida por nossas instituições – a família, a escola, a igreja – ainda não conseguiu encontrar-se com a juventude e traçar os percursos para uma nova história. Os/as jovens que contribuíram com nosso trabalho têm consciência de que devemos aceitar a homossexualidade como uma orientação sexual válida para a felicidade dos homens e mulheres, nisso está intrínseco o prazer – o prazer sexual (a libido, o Eros, qualquer que seja a nomenclatura), mas também, o prazer de compartilhar a existência humana. Porque precisamos aprender a ser homens e mulheres, iguais e diferentes.

*porque o homem, ele é homem diferente, ele sente diferente, ele cria diferente. O homem respeita, cria, cria seu próprio sentido de vida. Esse homem é a espécie: homem, mulher, aí entra também o homossexual. O homem tem diversos sentidos, mas o homem verdadeiro, ele é único, mas todos são diferentes. A mulher, o homem e todas as categorias, assim como os deficientes físicos, são somente diferentes uns dos outros. Mas todos são homens. Porque homem e mulher constituem uma espécie.(GR)*

Quando compreendermos isso, aprenderemos, não somente, a tolerar o outro, mas, aceitá-lo e ser mais feliz.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos até aqui tentando entender e ser entendido sobre as coisas difíceis de dizer, manifestadas pelos/pelas jovens em seu cotidiano, nos seus discursos e comportamentos/condutas – uma tentativa de desvelamento dos modos de como os/as jovens têm assimilado os saberes sobre a sexualidade humana, especialmente, em relação à homossexualidade: a reprodução das atitudes/condutas sob o crivo da discriminação, do preconceito e dos estereótipos – da homofobia – mas também, a produção de modos singulares de aceitação da homossexualidade.

Muito mais um confronto do paradoxo encontrado no cotidiano, evidenciado nos discursos dos/das jovens quando esses sujeitos afirmam não discriminar e/ou não possuírem preconceitos, não terem nada contra os homossexuais e, contraditoriamente, proclamam o respeito com a exigência do distanciamento entre ambos ou ainda, a utilização de rótulos em demasia. Em raros momentos alguns dos sujeitos desta investigação expressaram o termo homossexual ou gay, predominando “veado”.

Acreditamos que ainda é pouca a produção literária abordando a problemática da homofobia, apesar da preocupação de vários estudiosos com a homossexualidade. Contudo, nos apoiamos naqueles que consideramos muito importantes para nosso estudo. Para que se faça entender de tal importância, dispomos das considerações pertinentes a esta obra.

Às questões metodológicas delineadas no capítulo II – do chão tecido pelos elementos constitutivos da investigação do cotidiano – traz-nos o delineamento do exercício da pesquisa, enfocando a importância das diversas experiências aglutinadas para a realização deste trabalho. De modo que, a escolha dos sujeitos para esta investigação tornou-se para nós, primordial, haja visto, não termos encontrado trabalho semelhante nas buscas aos acervos acadêmicos.

Então, o trabalho de investigação com os/as jovens nos espaços vividos do grupo organizado, mediante seus interesses ou por necessidades exteriores, apresentou-nos dinâmicas diferenciadas nas relações estabelecidas entre seus pares. Isso se tornou claro quando realizamos os debates dos filmes em que os/as jovens no espaço escolar, na sala de

aula com seus colegas de turmas não se pronunciaram. O silêncio abortou uma discussão das manifestações desses sujeitos no seu cotidiano; pois, em suas relações com seus pares no dia-a-dia (como também no momento da apresentação dos filmes), observamos o quanto “brincam” com elementos inerentes à sexualidade, sendo que àqueles referentes à homossexualidade servem, em seus coros, para xingar uns aos outros de forma bastante depreciativa. No momento de refletir sobre isso no coletivo, não é possível, porque essa reflexão, afirmada por eles, é muito comprometedora.

Enquanto que nos outros grupos (religioso, político e cultural), o debate foi rico, aguçado à linguagem cinematográfica, participativo, momento de êxtase propiciado pela emissão das falas dos/das jovens. Neste caso, o filme exerce a função de desencadear a percepção real do cotidiano com o real/irreal da tela, um “processo da diégese”,

... o espectador é “desligado” do mundo real, é verdade; mas ele ainda tem de se ligar a uma outra coisa, cumprir uma “transferência” de realidade; esta implica uma atividade afetiva, perceptiva e intelectual, cujo impulso inicial só pode ser dado por um espetáculo parecido com o do mundo real (Metz, 1972: 25).

Fazendo uma incursão à produção homofóbica, no capítulo III - a homofobia e a produção de sentidos nas relações do cotidiano – percebemos o tratamento dado à homossexualidade por alguns aportes teóricos (científicos ou religiosos, se pudermos assim classificá-los) vão imprimir um modelo comportamental para os indivíduos de ratificação da homofobia. Neste ínterim, estudiosos como, Vidal, Martos, Gafo, Lasso, Higuera e Ruiz (1985), ao tratarem da ciência e consciência da homossexualidade, contribuem em discussões sobre a homossexualidade e suas relações com a Biologia, Psicologia, Sociologia, Antropologia e, especialmente, como a bíblia com os ensinamentos cristãos tem emitido uma moral que estigmatiza a homossexualidade.

Enquanto que a religião cristã tem considerado os homossexuais como sujeito “possuídos” pelo demônio, com atitudes abomináveis, “sodomitas”, “anti-naturais”; a Biologia e a Psicologia na tentativa de dar conceitos/definições para a homossexualidade, direcionam para um entendimento muito determinista e/ou reducionista, por terem sugerido a cura para os homossexuais – isso os classificava como uns doentes, invertidos sexualmente –, predominantemente até o final dos anos 70 e início dos anos 80, no século XX. Mesmo assim não podemos desconsiderar a importância das contribuições bio-

psicológicas para os estudos nesta área. Já, a Sociologia e a Antropologia vão ampliar estas concepções, pois com a historização – o tempo e o espaço – da homossexualidade será considerada fundamental para a entendermos como um construto das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, sob o exercício do poder de uns aos outros. Foucault (1984), Richards (1993), Spencer (1996) e outros, têm contribuições fundamentais para entendermos esses aspectos.

No Brasil, o grande expoente das discussões sobre a homofobia é Mott (1997; 1998; 1999; 2000a-b-c), com vastos trabalhos de pesquisa sobre a violência aos homossexuais, bem como uma atuação no movimento gay – referência nacional em defesa da cidadania e dos direitos homossexuais. Seus trabalhos relatam minúcias de fatos ocorridos nestas “terras tropicais”, uma variação, desde como os meios de comunicação de massa (a imprensa) tem abordado nos noticiários; perpassando por agressões; torturas; ameaças; a discriminação em órgãos e por autoridades governamentais; a discriminação econômica contra a livre movimentação, privacidade e trabalho; a discriminação familiar, escolar, científica e religiosa; a difamação na mídia; insulto e preconceito homossexual; a lesbofobia – violência às lésbicas; a travestifobia – violência às/aos travestis; até assassinatos. Em seus trabalhos, o referido autor nos convoca a denúncia, haja visto que,

Denunciar a violência e a ditadura que se abate contra os/as amantes do mesmo sexo é o primeiro passo para a construção de nossa cidadania, na medida em que a maioria das pessoas, seja o cidadão comum, sejam os representantes dos órgãos governamentais, desconhecem essa triste e dramática realidade: a cruel mortandade de gays, travestis e lésbicas. Realidade encoberta pelo “complô do silêncio e que necessita ser inadiavelmente denunciada a fim de impedir novas execuções (Mott, 2000b: 12)

Todavia,

Tais crimes se baseiam em quatro justificativas: a idéia que a homossexualidade é imoral e que espancando e matando os gays está-se limpando a sociedade deste mal; os jovens que espancam gays sentem-se valorizados em seu machismo e na demonstração que têm força e poder; espancar gays podem servir como comprovação da própria heterossexualidade para os colegas; alguns justificam que os gays são predadores e ao agredi-los os jovens estão se prevenindo de possível assédio sexual (ibdem: 59)

Esses saberes e condutas hegemônicos constituem uma base sólida de conhecimentos que são socializados no cotidiano. Deste modo, no capítulo IV – produção e reprodução da homofobia: os significados e sentidos nos discursos dos/das jovens – percebemos como esse arsenal de saberes vai contribuir para as condutas dos/das jovens em seu cotidiano; como nos espaços socializadores desses saberes – os espaços instituídos da família, da igreja, da escola e dos grupos pares – vão ratificando a homofobia, as relações desiguais de gênero e sexuais, constituindo uma reprodução cultural imposta pela tradição, pela lógica capitalística, fazendo os/as jovens emitirem discursos e condutas coniventes com tal submissão.

Essa dinâmica reprodutora cultural – da “produção de subjetividade capitalística” – comporta discursos e condutas juvenis em que sexualidade é limitada ao ato sexual; a orientação sexual é uma opção ou, uma pre-destinação ou, algo demoníaco; heterossexualidade não é discutida e a discussão sobre a homossexualidade se esvazia por falta de informações seguras; não se concorda com a homossexualidade, mas se fala na necessidade do respeito, porém, quando se aceita, exige-se distanciamento dos homossexuais.

De certo modo, esses saberes promulgados instituem uma concepção dicotômica da sexualidade (do corpo, dos sujeitos, etc.) entre o que é normal e o que não é normal. A família e a igreja preocupadas em defenderem os “bons costumes” e preservar a moral “verdadeira”, assumem a bandeira protetora da humanidade – reprimir os desejos aqui na Terra e ganhar o paraíso após a morte. Assim, o corpo é indissociado da alma (mente/espírito) e tudo que emana dele é sujo, sem importância, inferior; o que engrandece é o espírito.

Mas, na escola o corpo ganha lugar singular, também na inibição, no uso do traje/uniforme obrigatório, e no controle dos movimentos. Nada pode ser usado no corpo que desperte a sua erotização aos outros, também, não se conversa sobre tais coisas, somente se determina a normalidade, a disciplina. Os/as jovens em plena efervescência sexual não podem manifestar sua excitação ao/à outro/outra. Desse modo, o currículo da escola diz respeito a conhecimentos conceituais objetivos, com pouca reflexão; ao corpo é dado a ênfase de sua estrutura e funcionamento, distante das relações interpessoais. A

escola acaba “não” interferindo na educação sexual acreditando não desestruturar a lógica desencadeada na família e na igreja, então reproduz-se os papéis sociais e sexuais.

Nos seus grupos, entre pares, os/as jovens serão limitados aos pressupostos da lógica reprodutivista, pois não terão muitos elementos para replicarem o som desentoado das desigualdades sexistas, da homofobia mais especificamente. Portanto, a organização deste/destas jovens trazem novos elementos, novos discursos e sua atuação na luta pelos direitos iguais, pelo respeito e pela cidadania buscam romper com essa estrutura dominante.

Assim, vai acontecendo um processo de “desfamiliarização” da homofobia, como tratamos no capítulo V – os processos de desfamiliarização da homofobia. Aqui, percebemos como a tolerância promulgada em nossa sociedade tem um sentido falso, reducionista, repressor, mesmo sendo uma abertura inicial de discussão sobre as questões da homossexualidade. A tolerância toma uma dimensão de concessão, em vez de garantia de direitos iguais; porque é nesta sociedade tolerante que as expressões homossexuais só podem ser manifestadas em espaços guetizados; essa “tendência aceitar modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos”, vai além do público e do privado - espaços coletivos – restando às margens (muito pequenas) para se viver o amor entre iguais – a homossexualidade.

Ao cumprir essa determinação sociocultural, os sujeitos sentem muita dificuldade no assumir-se de uma identidade sexual. Ser heterossexual – exigência da normalidade social vivida – é cumprir um ritual composto de provas de confirmação hetero muito cedo, registro de ser homem de verdade. Por outro lado, ser homossexual, torna-se muito doloroso, pois,

A revelação na família, no trabalho, no bairro, de que era gay, representou para muitos jovens o pipocar de dificuldades, perseguições, violências, de modo que para a grande maioria dos homossexuais é mais prático seguirem o preceito milenar de São Paulo: “que estas coisas não sejam sequer mencionadas entre vós!” Milhões preferem continuar fazendo aquele joguinho cínico: “eu finjo que não sou e você finge que não sabe que eu sou, a gente não toca no assunto e continuamos amigos...” (Mott, 2000c: 40).

As passagens pelo gueto tornam-se, assim, os momentos de encontro com outras pessoas de orientação sexual semelhante e são benéficas para encontrar-se consigo e

firmar uma identidade sem muitos conflitos. Por outro lado, permanecer no gueto, caracteriza a aprovação da sociedade segregadora, da afirmação do estigma, da conformação do domínio heterossexual. Será assumir um “pressuposto universal” de nossa sociedade – somos, ou devemos ser heterossexual – e não se discute, “a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero” (Britzman, 1996: 76), em que homem e mulher têm papéis distintos no escopo social e sexual.

A ação segregadora da sociedade faz com que ser gay torne-se muito difícil, dado à necessidade de enfrentamentos constantes com as estratégias de massificação exercidas em nosso cotidiano – a massa deve ser homogênea, igual no ser, pensar, agir e estar.

Porém, contrariamente à massa, os sujeito atores sociais, reagem em suas singularidades. Imprimem uma outra norma – da aceitação do diferente; os grupos organizados/políticos têm papel fundamental nessa pedagogia transgressora. Os/as jovens participantes desta investigação deram testemunho de sua consciência coletiva nessa empreitada. Os mesmos são conhecedores das estratégias de reprodução cultural, mas também apontam indicadores de uma produção de singularidades, de valorização do outro, do respeito e da necessidade de sermos felizes.

Os passos para a ruptura dessa lógica de sistemas binários de gênero masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, comporão trilhas que já devemos estar seguindo em todos os espaços vividos do cotidiano, nas atitudes mais simples de nossas relações sociais. Assim, desfamiliarizaremos todos os significados e sentidos que desconsideram as pessoas em suas subjetividades.

Os grupos organizados dos/das jovens, dentro de suas contradições, indicam os caminhos a serem seguidos para a aceitação plena de todas as categorias – isso parte de uma prática discursiva, do debate nos espaços coletivos institucionalizados: na família, na igreja, na escola e, especialmente, no espaço dos grupos, cultural e/ou político, de jovens organizados.

Os desafios são os que já temos encontrado no dia-a-dia: nós educadores precisamos perceber as diferenças e trabalharmos sem estigmatizar nenhuma delas, mas precisamos também, trabalhar com o corpo, necessário para a satisfação dos prazeres;

precisamos compreender as dimensões por qual o prazer abarca: os prazeres carnais, mas também o prazer de compartilharmos a existência humana; no entanto, esse trabalho não deve estar limitado às séries superiores, de ensino médio e/ou superior, e sim, abranger todos os níveis de ensino, claro, respeitando os níveis de compreensão dos sujeitos envolvidos.

Assim, também, nós gays, precisamos assumir nossa identidade, no sentido de romper o gueto e construirmos relações sociais tranquilas nos espaços coletivos; de não ficarmos nos policiando, com medo de nos aproximarmos de outros gays; precisamos nos sentir, sentir os outros, assumir nossos trejeitos, nossa delicadeza, nossa sensibilidade (à flor da pele); precisamos nos sentir homens e mulheres, para que estas coisas não sejam tão difíceis de se dizer.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa: Presença, 1980;
- ANDRÉ, Marli E. Etnografia da Prática Escolar. Campinas: Papirus, 1995;
- AQUINO, Júlio Grappa (org.) Sexualidade na Escola. SP; Summus, 1997;
- \_\_\_\_\_. Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998;
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria do Discurso: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988;
- BARROSO, Carmen e BRUSCHINE, Cristina. Sexo e Juventude: um programa educacional. SP; brasiliense, 1983;
- BERGER, Peter L. A construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 1985;
- BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas. São Paulo: Edições Paulinas, 1990;
- BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Codex – Portugal: Porto editora, 1994;
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999;
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Claude. A Reprodução: elementos para uma teoria do ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975;
- BRITZMAN, Débora P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade, Nº 21 (1); jan/jun. 1996;
- CARDOSO, Fernando Luiz. O que é Orientação Sexual. SP; brasiliense, (col. primeiros passos) 1996;
- Catecismo da Igreja Católica. Editora Vozes; Edições Paulinas; Edições Loyola; Editora Ave-Maria, 1993;
- CIAMPA, Antonio da Costa. A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: brasiliense, 1998;
- COSTA, Marisa Vorraber (org.) O Currículo nos Limiares do Contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998;

- COSTA, Moacir. Sexualidade na Adolescência: dilemas e crescimento. SP; L&PM editores, 1986;
- COSTA, R. P da. Os Onze Sexos. São Paulo; Gente, 1994;
- DAMASCENO, Maria Nobre. Projeto de Pesquisa - Juventude, Sociedade e Cultura: múltiplos olhares acerca das formas de expressão cultural dos jovens. Fortaleza: FAGED/UFC, 1998;
- DAMASCENO, Maria N. & THERRIEN, Jacques. Relatório da Pesquisa Escola e Cultura: Produção Cultural, Resistência e Identidade. Fortaleza: UFC, 1998;
- \_\_\_\_\_ (Orgs.). Artêsãos de um Outro Ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000;
- DURKHEIM, E. Sociologia, Educação e Moral. Porto: Rês Editora, 1984;
- FAZENDA, Ivani. Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez; 1991;
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988;
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro; Graal, 1988;
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade 2: uso dos prazeres. Rio de Janeiro; Graal, 7ª ed. 1994;
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro; Graal, 1985;
- FREITAG, Bárbara. Itinerários de Antígona: A Questão da Moralidade. Campinas; Papirus, 1992;
- FREUD, Sigmund. Obras Incompletas. Rio de Janeiro; Imago, 1969;
- \_\_\_\_\_. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro; Imago, 1972;
- FRY, Peter. O que é Homossexualidade. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1995;
- FGV – Fundação Getúlio Vargas. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986;
- GAFO, Javier. Biologia da Homossexualidade Humana: transição ou salto? In: Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;

- \_\_\_\_\_. Cristianismo e Homossexualidade – luzes e sombras de uma interpretação histórica. In: Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;
- GEERTZ, C. From the natives point of view: on the nature of anthropological understanding. In: P. Rabinou and Sullivan (eds.). Interpretive Social Science. Berkeley: University of California Press, 1979;
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988;
- GGB – Grupo Gay da Bahia. Seja Você Mesmo. Salvador – Bahia: Ed. GGB, 1996;
- GOLDBERG, M. Amélia A. Educação Sexual: uma proposta, um desafio. SP; Cortez, 1988;
- GOODSON, Ivor F. Currículo: Teoria e História. Petrópolis - RJ: Papirus, 1995;
- GUATTARI, F. & ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996;
- HART, John & RICHARDSON, Diane. Teoria e Prática da Homossexualidade. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1983;
- HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997;
- ISAY, Richard A. Tornar-se Gay: o caminho da auto-aceitação. São Paulo: Summus, 1998;
- KATZ, Jonathan Ned. A Invenção da Heterossexualidade. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996;
- LASSO, Pablo. Sociologia da homossexualidade – uma aproximação. In: Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;
- \_\_\_\_\_. Antropologia Cultural e Homossexualidade: variantes do comportamento sexual, culturalmente aprovados. In: Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;
- LOCKE, John. Carta sobre a Tolerância. Textos filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1996;
- LOURO, Guacira Lopes (org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;
- LUDKE, Menga. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986;

- MARCUSE, Herbert. Tolerância Repressiva. In: Crítica da Tolerância Pura. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970;
- MEC - Ministério da Educação e Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. Vols. 7 e 10; Brasília, 1997;
- METZ, Christian. A Significação do Cinema. São Paulo: Perspectiva, 1972;
- JR., Barrington Moore. A Tolerância e o Ponto de Vista Científico. In: Crítica da Tolerância Pura. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970;
- MOREIRA, Antonio Flávio. Currículo: Questões Atuais. Campinas - SP: Papirus, 1997;
- MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994;
- MORIN, Violette & outros. Cinema – estudos de semiótica. Petrópolis: Vozes, 1973 (Coleção Novas Perspectivas em Comunicação);
- MOTT, Luiz. Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil. Salvador-BA: GGB, 1997;
- \_\_\_\_\_. Educação Sexual e o Jovem Homossexual. Perspectiva. Florianópolis: ano 16 - nº 30 - julho/dezembro, 1998
- \_\_\_\_\_. Violação dos Direitos Humanos e Assassinatos de Homossexuais no Brasil - 1999. Boletim do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000a;
- \_\_\_\_\_. Assassinato de Homossexuais – Manual de coleta de informações, sistematização & mobilização política contra crimes homofóbicos. Salvador: editora Grupo Gay da Bahia, 2000b;
- \_\_\_\_\_. A Cena Gay em Salvador em Tempos de AIDS. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000c;
- MOTT, Luiz & ZORA, Yonara. Boletim do Grupo Gay da Bahia. Salvador: GGB, março/1999;
- NUNES, César; SILVA, Edna. Sexualidade e Educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei. Pesquisa em Educação: História, Filosofia e Temas Transversais. Campinas-S.P.: Editora autores associados; HISTEDBR; UnC, 1999;

- O Amor que Ameaça. Isto É nº 1569; 27/10/1999;
- O Povo, Jornal. Fortaleza: 31/08/1996;
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas – S.P.: Pontes, 2000;
- PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996;
- PASSARELLI, C. A. F. Amores Dublados: linguagens amorosas entre homens no filme La ley del deseo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica – PUC-S.P. 1998;
- PEDRA, José Alberto. Currículo, Conhecimento e suas Representações. Campinas - SP: Papyrus, 1997;
- REICH, Wilhelm. A função do Orgasmo. SP; brasiliense, 1995;
- REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. RJ; Editora Guanabara, 1988;
- RIBEIRO, Paulo R. M. Educação Sexual além da Informação. São Paulo: E.P.U., 1990;
- RICHARDS, Jeffrey. Sexo, Desvio e Danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993;
- RUIZ, Gregório. A Homossexualidade na Bíblia – é tão taxativa a condenação bíblica da homossexualidade? In: Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;
- SILVA, Teresinha Mari Nelli. A Construção do Currículo na Sala de Aula: o professor como pesquisador. São Paulo: EPU; 1990;
- SILVA, T. T. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;
- SOUZA, José Francisco. Aspectos Metodológicos da Pesquisa Participante e a Pesquisa-ação. Tópicos Educacionais, 3 (1/3). Recife: UFPE, 1985;
- SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1996;
- SPINK, Mary Jane (org.). Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999;
- SUPLICY, Marta. Conversando sobre Sexo. Petrópolis; Vozes, 1985;
- \_\_\_\_\_ (org.). Sexo se Aprende na Escola. SP; Olho d'água, 1995;
- VASCONCELOS, Naumi de. Amor e Sexo na Adolescência. São Paulo: Moderna, 1985;

VIDAL, Marciano & outros. Homossexualidade: ciência e consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985;

WILLIS, Paul. Aprendendo a Ser Trabalhador: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991;

WOLFF, Robert Paul. Além da Tolerância. In: Crítica da Tolerância Pura. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1970.